

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dayane Carolina Oliveira Lee

**MARCAS INTERPESSOAIS DE INFORMALIDADE EM EDITORIAIS DA
REVISTA ATREVIDA: UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL**

GUARULHOS

2018

Dayane Carolina Oliveira Lee

**MARCAS INTERPESSOAIS DE INFORMALIDADE EM EDITORIAIS DA
REVISTA ATREVIDA: UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de São Paulo, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Jr.

GUARULHOS

2018

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de Direitos Autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita deste trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou *download* em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Lee, Dayane Carolina Oliveira. Marcas interpessoais de informalidade em editoriais da Revista Atrevida: uma análise sistêmico-funcional/ Dayane Carolina Oliveira Lee – Guarulhos, 2018. 136 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Jr.

Título em Inglês: Interpersonal choices of informality in Atrevida magazine's editorials: a systemic functional analysis

1. Gramática sistêmico-funcional. 2. Metafunção Interpessoal. 3. Gênero. 4. Editorial da Revista Atrevida. I. Vian Jr., Orlando. II. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. III. As marcas interpessoais de informalidade em editoriais da Revista Atrevida: uma análise sistêmico-funcional.

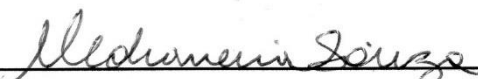
DAYANE CAROLINA OLIVEIRA LEE
AS MARCAS INTERPESSOAIS DE INFORMALIDADE EM EDITORIAIS DA
REVISTA ATREVÍDA: UM OLHAR SISTÊMICO-FUNCIONAL

Trabalho de conclusão de Dissertação
apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de São
Paulo como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Letras.
Área de concentração: Linguagem em novos
contextos

Aprovação: 17 / 12 / 2018



Prof^(a). Dr^(a). Orlando Vian Junior
Universidade Federal de São Paulo



Prof^(a). Dr^(a). Maria Medianeira de Souza (UFPE)



Prof^(a). Dr^(a). Márcia Veirano Pinto
Universidade Federal de São Paulo

Dedico este trabalho aos meus maiores exemplos
de vida: Jorge e Inês.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido e amado orientador, Prof. Dr. Orlando Vian Jr., pela excelente orientação, por sua compreensão, paciência, dedicação, investimento e incentivo. Pelos ensinamentos, pelas conversas, pelas lições e exemplos de como levar todo esse processo de mestrado de uma forma leve, dentro do possível. Por acreditar que eu seria capaz, por ter me concedido a chance de ingressar neste programa de Pós-Graduação. Serei eternamente grata ao ser iluminado que é.

À Profa. Dra. Marcia Veirano Pinto, pela disponibilidade em me auxiliar no uso do sistema computacional desta pesquisa, pela leitura crítica na banca de qualificação e pelas contribuições valiosas para a construção deste trabalho final.

À Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza, pelo imenso privilégio de sua leitura cuidadosa e criteriosa na banca de qualificação, pela inspiração diante da temática desta pesquisa e por suas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Aos meus professores de graduação e pós-graduação, pela competência, dedicação e compromisso com a educação.

Aos meus pais, Jorge Lee e Inês Lee, símbolos de amor maior, de força, de luta, de honestidade e de trabalho, meus eternos agradecimentos pelo investimento e apoio.

Ao meu esposo, Jefferson, pela compreensão, por sempre me apoiar e respeitar minhas escolhas.

Aos meus familiares e às minhas irmãs, Sara e Ana Paula pelo incentivo, pelas palavras de ajuda nos momentos difíceis, pela união e por se alegrarem com as minhas conquistas.

À minha amiga, Camila Lindoso, pelas conversas, pela atenção, por cada palavra de incentivo e apoio durante os últimos anos. Sua amizade é especial para mim.

À minha grande incentivadora, Patrícia Veloso, companheira de longas aventuras acadêmicas, responsável por eu ter ingressado no programa. Muito obrigada.

Aos colegas, Alexandre, Anna Carolina, Elio, Fabiane e Pedro, orientandos e orientandas do professor Orlando, pela amizade, pelo compartilhamento de conhecimento, pelo apoio, pela ajuda em questões burocráticas, pelos cursos que realizamos juntos, pela torcida de cada um, pelas aflições e pelas alegrias.

Ao Pai, pelo cumprimento de suas promessas.

A mídia não é apenas uma mensagem. A mídia é uma massagem. Estamos constantemente sendo acariciados, manipulados, ajustados, realinhados e manobrados (Joey Skaggs)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar escolhas interpessoais no gênero editorial da Revista *Atrevida* por entender que, da forma como é concebida pela Linguística Sistêmico-Funcional, contribui para a construção das relações estabelecidas entre a revista e suas leitoras por meio da linguagem. Buscando traçar o perfil do editorial da Revista *Atrevida* e do modo como interage com suas leitoras, esta pesquisa estabelece semelhanças e diferenças entre os editoriais analisados dentro das classificações e definições do gênero a partir de descrições e interpretações dos elementos linguísticos verbais e não verbais utilizados pela editorialista da revista, Ana Paula Burger e da investigação do papel da Metafunção Interpessoal na construção de sentidos nos editoriais analisados. Respaldam este estudo os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, em especial aqueles relativos à Metafunção Interpessoal; os estudos sobre o Gênero Editorial e sobre a Gramática do Design Visual, assentados na noção de língua como atividade social. O *corpus* desta pesquisa é formado por seis editoriais extraídos da Revista *Atrevida* no período de janeiro a junho de 2017. Os editoriais investigados contêm 1.726 itens lexicais e a análise desse conjunto de palavras, juntamente com os elementos multimodais pela concepção da Metafunção Interpessoal, nos permitem concluir que: (i) a aproximação e o distanciamento das relações entre editorialista e leitoras se dão a partir de elementos léxico-gramaticais específicos como os pronomes pessoais (eu, você, nós e variações como “a gente”) que revelam as pessoas do discurso e os papéis desempenhados por elas; (ii) também como marcas linguísticas interpessoais o emprego de gírias, hipocorísticos, internetês e algumas marcas de oralidade na escrita atenuam em certos contextos o distanciamento das relações de poder, reforçam a aproximação entre a editorialista e suas leitoras, estabelecem frequência de contato de leitura e marcam o grau de afetividade nos textos; (iii) por sua vez, a estrutura esquemática do gênero segue um determinado padrão de estágios que permitem a identificação do gênero editorial; (iv) os elementos visuais complementam as escolhas verbais e contribuem na construção dos sentidos do editorial de modo indissociável.

Palavras-chave: Gramática sistêmico-funcional; Metafunção Interpessoal; Gênero; Registro; editorial da Revista *Atrevida*.

ABSTRACT

This dissertation has as its general goal analyze interpersonal choices in *Atrevida* magazine editorials, for we understand that, in the manner as it is conceived by Systemic-Functional Linguistics, it contributes to the construction of the relations established between the magazine and its readers by means of language. In an attempt to profile *Atrevida* magazine editorials and the way they interact with their readers, this research establishes similarities and differences between the editorials analyzed, within the classifications and definitions of the genre stemming from descriptions and interpretations of verbal and non-verbal linguistic elements used by the editorialist of the magazine, Ana Paula Burger, and from the investigation of the role of the Interpersonal Metafunction in the construction of meaning in the analyzed editorials. This study is backed by the Systemic Functional Linguistics framework, especially those related to the Interpersonal Metafunction; the studies regarding the Editorial Genre and regarding the Grammar of Visual Design, founded in the notion of language as a social activity. The *corpus* of this research is formed by six editorials extracted from the printed version of *Atrevida* magazine in the period ranging from January to June 2017. The editorials investigated contain 1,726 lexical items and the analysis of this confluence of words, together with the multimodal elements by the framing of the Interpersonal Metafunction, allow us to conclude that: (i) the approximation and the distancing of the relations between editorialist and readers are realized through specific lexico-grammatical elements, such as personal pronouns (I, you, we and variants like "a gente", Brazilian Portuguese colloquial form for "we") which reveal the personal pronouns and their roles; (ii) also as interpersonal linguistic markers the use of slang, hypocorisms, netspeak and some marks of orality in writing lessen, in certain contexts, the distancing of the power relations, reinforce the approximation of the editorialist and her readers, establish frequency of reading contact and mark the degree of affection in the texts; (iii) in its turn, the generic schematic structure follows a pattern of stages which allow the characterization of the editorial genre; (iv) the visual elements complement the verbal choices and contribute to the construction of meanings of the editorial in an inseparable manner.

Keywords: Systemic-Functional Grammar; Interpersonal Metafunction; Genre; Register; *Atrevida* magazine editorial.

LISTA DE SIGLAS

ABEP: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio
EPG: Estrutura Potencial do Gênero
GDV: Gramática do Design Visual
GSF: Gramática Sistemico-Funcional
LC: Linguística de Corpus
LSF: Linguística Sistemico-Funcional
PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TDICs: Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Relação entre a língua, as metafunções e os contextos.....	30
Figura 2: Blog da Redação da Revista de maio.....	32
Figura 3: Contínuo de Modo - Distância interpessoal/espacial.....	39
Figura 4: Contínuo da distância experiencial.....	40
Figura 5: Enem 2018, questão 25.....	45
Figura 6: Tipografia como narrativa.....	48
Figura 7: Elementos teóricos mobilizados para a pesquisa.....	51
Figura 8: Capa da primeira edição da revista, 1994.....	57
Figura 9: Capas A, B e C da edição 268, respectivamente.....	64
Figura 10: Concordance do nóculo “eu”.....	69
Figura 11: Contínuo de poder na revista Atrevida.....	77
Figura 12: Relações de poder por meio dos pronomes pessoais: eu, você, nós, a gente.....	78
Figura 13: Padrão da estrutura esquemática do gênero editorial.....	98
Figura 14: Edições 268, 269, 270, 271, 272 e 273, respectivamente.....	100
Figura 15: Edição 271.....	102
Figura 16: Edição 272.....	102

Figura 17: Títulos das edições 268, 269, 270, 271, 272 e 273, respectivamente.	103
Figura 18: Elementos visuais das edições 270 e 271	104
Figura 19: Edição 268	105
Figura 20: Elementos visuais das edições 269 e 272	105
Figura 21: Fotografias de Ana Paula Burger	107
Figura 22: Fotografia de Ana Paula Burger, edição 271	108
Figura 23: Assinatura da editorialista	110

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Ana Paula Burger, editorialista da revista	57
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: As variáveis de Registro e sua relação com as Metafunções	31
Quadro 2: Correspondência entre as metafunções na LSF e GDV	49
Quadro 3: Ferramentas do AntConc utilizadas na pesquisa e suas funções.....	60
Quadro 4: Itens lexicais da análise (Pronomes e Despedidas)	60
Quadro 5: Seções que compõem a Revista Atrevida	65
Quadro 6: Ocorrências do item lexical “gente”	67
Quadro 7: Frequência das ocorrências dos Pronomes: Eu, Você, Nós e A gente	68
Quadro 8: Padrões léxico-gramaticais do pronome “eu”	69
Quadro 9: Padrões léxico-gramaticais do pronome “você”	72
Quadro 10: Ocorrências do pronome de tratamento “você”	72
Quadro 11: Padrões léxico-gramaticais do pronome “a gente”	74
Quadro 12: Frequência das marcas de afetividade do item lexical “beijo(s)”	79
Quadro 13: Frequência da marca de despedida/encerramento “até a próxima” e variações....	80
Quadro 14: Características do internetês.....	82
Quadro 15: Estrutura esquemática do editorial na Revista Atrevida	90

Sumário

INTRODUÇÃO	13
Delimitação do tema	13
Justificativa	15
Objetivos, perguntas de pesquisa e organização do trabalho	17
CAPÍTULO I	20
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 O gênero Editorial	20
1.1.1 O gênero: suporte impresso	24
1.1.2 O gênero na LSF: Contexto de Cultura	25
1.2. O registro: Contexto de Situação	28
1.2.1 As variáveis de registro e as metafunções	30
1.3. A língua na LSF	41
1.3.1 Os elementos não verbais nos Editoriais: a Gramática do Design Visual	45
1.4. As metafunções da linguagem na Gramática do Design Visual	49
1.5. O diálogo teórico estabelecido nesta pesquisa	50
CAPÍTULO II	52
METODOLOGIA DE PESQUISA	52
2.1. A natureza qualiquantitativa da pesquisa, as perguntas e seus objetivos	52
2.2. Apresentação do <i>corpus</i>	55
2.3. Mecanismos de análise dos dados	58
2.4. Os procedimentos de análise dos dados	61
CAPÍTULO III	63
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	63
3.1. O contexto da revista e a constituição do <i>corpus</i>	63
3.2. Os pronomes pessoais construindo as relações interpessoais: uma análise dos papéis assumidos	66
3.3. O contínuo de poder, afetividade e frequência	76
3.3.1 O internetês nos editoriais da Atrevida	82
3.4. A estrutura esquemática do gênero editorial na Revista Atrevida	89
3.5. A estrutura gráfica dos editoriais na Revista Atrevida	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	122
Editoriais da Revista Atrevida	122

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos, por uma perspectiva sistêmico-funcional, têm por base a linguagem como modo de ação e de interação social dentro de contextos específicos que regem nossas escolhas. Por esse viés, nossas produções, sejam no modo verbal ou não verbal, são meios pelos quais construímos, interagimos e compreendemos o mundo.

Norteadas pela noção de linguagem como ação social, pautadas na Metafunção Interpessoal, como proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), esta pesquisa busca analisar o gênero editorial, pertencente à esfera jornalística, de base argumentativa, a fim de compreender o modo como a Revista *Atrevida* interage com suas leitoras.

Analisar como as relações interpessoais se realizam e contribuem para a construção dos editoriais é o norte deste estudo. Dessa busca, derivam-se os seguintes questionamentos: como são estabelecidas linguisticamente as relações entre o editorial e as leitoras? Qual a relevância na interação e como estão representados os pronomes pessoais na escrita da editorialista? Quais outras marcas, sejam verbais ou visuais, e características linguísticas interpessoais são empregadas no *corpus* analisado? Como se caracteriza, do ponto de vista estrutural, o gênero editorial na Revista *Atrevida*?

Considerando que, na contemporaneidade, a comunicação e as relações interpessoais têm sido afetadas por diversas tecnologias digitais e que, com isso, novas práticas discursivas têm tomado os espaços acadêmicos, educacionais, e principalmente midiáticos, acreditamos na necessidade de compreendermos melhor como essas transformações têm ocasionado mudanças no modo de nos comunicarmos e interagirmos.

Para atingir os propósitos desta pesquisa, são mobilizados alguns dos pressupostos teóricos da LSF, da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) e Gramática do Design Visual (GDV).

(i) Delimitação do tema

As motivações para a realização deste estudo decorrem de duas fases advindas de minhas experiências com a aprendizagem e o ensino de língua portuguesa. A primeira fase está relacionada à minha formação acadêmica e a segunda ao meu papel de professora de português no ensino médio e meu trabalho com alunos adolescentes.

Inicialmente, ainda durante minha formação, na graduação em Letras, deparei-me com a curiosidade sobre fenômenos linguísticos que compunham o universo desses

adolescentes em sala de aula e nas redes sociais. Com isso, passei a observar o modo como escreviam, os recursos que utilizavam, focando no uso do chamado “internetês”. Diante desse contexto, aprofundei minhas leituras sobre esse fenômeno linguístico, até que o encontrei sendo empregado por uma revista que circulava entre as meninas, a *Atrevida*. Nesse percurso, uni o meu desejo em compreender melhor o mundo desses alunos às minhas instigações linguísticas.

Após pensar na organização de um *corpus* com exemplares da revista e de realizar as devidas delimitações para uma análise preliminar sobre o fenômeno do internetês, conclui que a revista apresentava uma possibilidade de estudo muito mais ampla linguisticamente. Verifiquei o uso dos recursos linguísticos tais como: jargões, abreviações, gírias próprias dos adolescentes, uso de internetês, além de palavras e frases em outros idiomas, predominantemente o inglês, além de outros elementos típicos da linguagem digital.

Sendo assim, com a observação dos editoriais, decidi direcionar o olhar e tomar como objetivo de pesquisa o contexto da interação entre a Revista *Atrevida* e suas leitoras, que fazem parte desse universo *teen* ao qual minhas alunas pertencem. Para tanto, com base nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1989; EGGINS, 2002; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), propus-me a identificar e caracterizar os papéis sociais desempenhados pela editorialista, elegendo como categoria gramatical os pronomes pessoais, tendo em vista que revelam e representam as pessoas do discurso. Como ampliação, busquei analisar também outras marcas linguísticas que denotam o grau de afetividade, poder e contato, como as despedidas, gírias, internetês, hipocorísticos e marcas de oralidade na escrita.

Vi, porém, pela presença de elementos visuais nos textos estudados, a necessidade de considerar tais elementos como fundamentais na constituição desses editoriais e na construção de sentido desses textos. Sendo assim, utilizei como base a Gramática do Design Visual (GDV) para as análises de elementos como *grid*, tipografia, cores, imagens, figuras etc. E, por fim, estabeleci relevante delinear também a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) na revista em questão.

(ii) Justificativa

No campo dos estudos sobre gêneros discursivos/textuais, ao buscar trabalhos que abordassem o editorial, verificamos que Souza (2006) trabalhou de modo descritivo e interpretativo com o editorial jornalístico e de revistas, analisou elementos constituintes como localização, nomeação e autoria, além dos elementos multimodais, com foco principal nas análises da transitividade e da argumentação na construção de sentido desses textos. Souza (2007) analisou a autoria em editoriais jornalísticos, ao passo que Aquino (2010) verificou os mecanismos verbais e visuais na construção de sentidos do gênero editorial.

Percebemos nesses trabalhos um foco maior para os editoriais jornalísticos, como Folha de São Paulo, ou de revistas com editoriais próximos dos padrões tradicionais, como a Veja e a Época. Com exceção de Souza (2006) que analisou também seis editoriais de uma revista adolescente (Todateen), acreditamos ser importante focarmos em uma revista com perfil diferenciado.

Com base nesses estudos, entendemos que esta pesquisa mostra significância para os estudos em LSF e gêneros jornalísticos, especialmente para a área da linguagem, por investigar como os recursos léxico-gramaticais expressam interação no gênero editorial de uma revista feminina adolescente, que se distancia do gênero editorial tradicional pesquisado pelos autores mencionados. Além disso, são poucas as produções que estudam a interação no gênero editorial, principalmente com base na Metafunção Interpessoal e nos pressupostos da GSF.

Acreditamos, ainda, que esta pesquisa apresenta relevância pela forma como os textos são observados. Considerando a complexidade semiótica, propomos que os textos sejam analisados não só pelos elementos verbais, mas como um conjunto de palavras, cores, imagens e outros aspectos mais que possam emergir, ou seja, uma abordagem multimodal. Para isso, recorreremos aos pressupostos da Gramática do Design Visual proposta por Kress e van Leeuwen (2001).

Esta pesquisa poderá contribuir também para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que trabalha com a categoria gramatical dos pronomes a partir de uma perspectiva funcional e não apenas estrutural. Acrescentando a importância da inserção dos conceitos do gênero editorial como base para a leitura e produção de textos argumentativos e para a interpretação verbal e visual de textos impressos por um viés interacional.

Ademais, com base nos trabalhos de Eggins (2002) e sua aplicação ao contexto de ensino por Vian Jr (2009a), buscamos estabelecer os padrões da estrutura esquemática do gênero editorial na Revista *Atrevida*, fator este que poderá contribuir àqueles que desejam trabalhar com análises desse segmento.

Neste ponto, torna-se importante ressaltar também que a mídia tem ganhado cada vez mais destaque, especialmente após o advento das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Definida, pelo senso comum, apenas como um veículo de comunicação, estudos têm destacado que a mídia deixa de ser entendida como um canal e passa a ser considerada com base em seu potencial construtor de conhecimento (BRAGA, 2015), responsável por abordar temas públicos e viabilizar maior compreensão sobre o mundo e sobre a política. Foco de estudo da área da Comunicação, o modo como a mídia se comporta em diferentes esferas tem instigado muitos estudiosos (GUAZINA, 2007). Sobre a relação dos adolescentes com a mídia, Ribeiro (2005, p. 22) aponta que

O mercado, a mídia e o comércio perceberam no perfil do adolescente um terreno fértil e sem fim para o lançamento de novos alimentos, novos sabores, novas bebidas, moda, roupas, grifes, tudo sempre embalado pelo novo, pelo moderno, pelos maiores recursos, pelo passageiro, pela contestação e pela sensação de pertencer a um grupo diferente ou mesmo a uma tribo.

Por esse viés, os editoriais que compõem esta pesquisa evidenciam algumas dessas características citadas por Ribeiro (2005). Souza (2006), pautada em Fairclough (2001), afirma que o gênero editorial tem uma base argumentativa e, por isso, busca persuadir e convencer o leitor. Sendo assim, devido ao tipo textual, o leitor é levado a aderir as ideias veiculadas por esses textos, dessa forma, segundo a autora, o editorial age sobre o leitor podendo modificar suas atitudes (SOUZA, 2006, p. 22). Estudos voltados à influência da Revista *Atrevida* referentes à representatividade de adolescentes negras, como o de Oliveira (2009); ou ao consumo de produtos, como o de Ribeiro (2005) e Silva (2017) comprovam esse apontamento.

Sabemos que a mídia exerce um papel protagonista no estabelecimento de padrões, além de ser um meio de entretenimento, educação e informação. Diante disso, a Revista *Atrevida*, como um dos veículos dela, utiliza um discurso persuasivo. Dentro desse mercado, a mídia busca de diferentes modos conquistar a adesão de leitoras e atualizar seus métodos para efetivar essa conquista. Silva (2017) confirmou em seu estudo

que o surgimento de novas plataformas digitais despertou nas mídias impressas a urgência em tratar conteúdos atrativos que também pudessem circular por essas plataformas.

Embora os editoriais publicados nas mídias digitais não sejam objetos de estudo desta pesquisa, direcionando-nos ao nosso objetivo, conseguimos vislumbrar alguns dos possíveis motivos pelos quais a linguagem digital se mostra presente nas publicações impressas, parecendo-nos ser uma justificativa para a ocorrência do internetês e de alguns elementos visuais que compõem os editoriais da Revista Atrevida.

Portanto, cientes das possibilidades de contribuições desta pesquisa para os estudos da linguagem, da comunicação e àqueles que se interessem pelas discussões aqui propostas, desenvolvemos este trabalho atendendo a critérios teóricos, metodológicos e sociais que regem um trabalho científico.

(iii) Objetivos, perguntas de pesquisa e organização do trabalho

Com base na temática escolhida e nas teorias que fomentam este estudo traçamos como objetivos:

1. Identificar, com base no contínuo de relações, as marcas léxico-gramaticais que caracterizam a interação entre editorialista e leitoras.
2. Descrever como são empregados os pronomes pessoais enquanto reveladores dos papéis assumidos pela editorialista.
3. Analisar as marcas linguísticas verbais e não-verbais, como por exemplo uso de internetês, gírias, desenhos, tipografia, diagramação, emprego de cores, e outras que possam emergir.
4. Caracterizar a estrutura esquemática e sua organização em estágios e fases do gênero editorial da revista para adolescentes Atrevida por meio do *corpus* analisado.

Diante desses objetivos, como já mencionado, buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como são estabelecidas linguisticamente as relações entre o editorial e as leitoras?
2. Como estão representados os pronomes pessoais na escrita da editorialista?

3. Quais outras marcas verbais e visuais e características linguísticas interpessoais são empregadas no *corpus* analisado?
4. Como se caracteriza, do ponto de vista estrutural, o gênero editorial na Revista Atrevida?

Na tentativa de apresentar respostas para as perguntas elencadas, a análise e discussão dos dados gerados, bem como a teoria que embasou este estudo e a metodologia utilizada, foram organizadas em três capítulos.

No Capítulo 1 – **Fundamentação teórica** – iniciamos a discussão teórica que fundamenta o estudo, apresentando a teoria da LSF (HALLIDAY; HASAN, 1989; EGGINS, 2002; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), bem como estudos em língua portuguesa, tais como os de Gouveia (2009) e Fuzer e Cabral (2014), e em língua espanhola como o de Ghio e Fernández (2005), dentre outros, que fornecerão aparato teórico para sustentação da análise interpessoal da linguagem e da estrutura esquemática do gênero editorial na Revista Atrevida. Assim, situamos o leitor em relação aos conceitos básicos que regem essa corrente funcionalista e apresentamos as metafunções da linguagem, desenvolvidas por Halliday (1994), priorizando a Metafunção Interpessoal. Nesse capítulo, desenvolvemos, ainda, uma breve definição do gênero editorial e de aspectos importantes que fazem parte de sua estruturação recorrendo às bases teóricas de Barbosa e Rabaça (2001), Souza (2006, 2007) e Aquino (2010), para o conceito de gênero e suporte utilizamos Marcuschi (2008), para os elementos visuais, Kress e van Leeuwen (2001, 2006) e van Leeuwen (2005), Lima-Lopes (2015) e Lupton (2018).

No Capítulo 2 – **Metodologia de pesquisa** – descrevemos a metodologia utilizada, apresentamos o nosso objeto de estudo, objetivos e perguntas de pesquisa. Expomos também o tipo de paradigma adotado, os critérios para a seleção e os procedimentos de organização do *corpus*, além do sistema computacional utilizado para gerar, organizar e manusear os dados deste estudo.

Em um primeiro momento será apresentado o contexto da revista Atrevida com informações gerais tais como tiragem, preço, público-alvo etc. A seguir serão informados os dados gerados por meio da ferramenta *AntConc 3.5.0*, como total de palavras que compõem os editoriais analisados e a categoria gramatical escolhida como base deste estudo, os pronomes pessoais.

No Capítulo 3 – **Apresentação, análise e discussão dos dados** – discutimos os dados por meio de análises embasadas nas teorias que sustentam esta pesquisa, a fim de chegar a resultados que respondam aos questionamentos propostos para esta pesquisa.

Seguimos a discussão explorando as diferentes definições de autores sobre a categoria gramatical analisada e as justificativas para compreendermos o pronome de tratamento “você” e o sintagma nominal “a gente” como pronomes pessoais.

Posto isso, são feitas as análises qualiquantitativas com a finalidade de compreendermos como os pronomes podem construir as relações interpessoais e, assim, revelar os papéis assumidos e desempenhados pela editorialista da revista *Atrevida*. Destacamos, porém, que apenas as ocorrências pronominais explícitas, como “eu”, “você”, “nós” e “a gente” foram contabilizadas, sendo assim, os casos elípticos se mostram como elementos de um potencial estudo futuro. Ademais, por meio do contínuo de poder, afetividade e frequência baseados em Eggins (2002), são analisados outros elementos linguísticos interpessoais, como despedidas, hipocorísticos, gírias e outros.

Nas **Considerações finais**, retomaremos os principais dados e informações alcançadas, dialogando com as teorias propostas responderemos às perguntas de pesquisa sobre o modo como são estabelecidas linguisticamente as relações entre o editorial e as leitoras; como os pronomes pessoais e demais marcas linguísticas estão representadas na escrita do editorial e como está estruturado o gênero editorial na revista pesquisada. Consideramos também as lacunas existentes nesta pesquisa sejam elas de caráter teórico, metodológico ou linguístico. Por fim, seguem as **Referências bibliográficas** utilizadas para o estudo e os **Anexos** com os editoriais analisados.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Para atingir tal objetivo, está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, por ser o objeto deste estudo, apresentamos o gênero discursivo em foco: os editoriais de revista, mais especificamente, da Revista *Atrevida*. Apresentamos, desse modo, os conceitos e definições acerca do gênero editorial a partir do proposto por Souza (2006, 2007) e Aquino (2010), bem como aspectos relacionados à estrutura esquemática dos textos e sua organização em estágios. A seguir, na segunda seção, situamos a corrente teórica principal deste estudo, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), principalmente com base em estudos funcionalistas da linguagem em língua portuguesa e em língua espanhola, de acordo com os pressupostos apresentados em Halliday e Hasan (1989), Halliday (1994), Eggins (2002) e Halliday e Matthiessen (2014). Baseamo-nos, também, em trabalhos de pesquisadores que abordam a LSF para estudos do português, como os de Vian Jr. e Lima-Lopes (2005), Ikeda e Vian Jr. (2006), Gouveia (2009), Vian Jr. (2009a, 2009b, 2014) e Fuzer e Cabral (2014) como modo de embasar teoricamente os aspectos relacionados à língua, ao Contexto de Cultura e ao Contexto de Situação e às variáveis de Registro de Campo, Relações e Modo e a relação destes com as metafunções e as escolhas léxico-gramaticais. Na terceira seção, discutimos alguns dos conceitos que utilizamos da Gramática do Design Visual (GDV) proposta por Kress e van Leeuwen (2001, 2006) e van Leeuwen (2005), uma vez que os textos analisados nesta pesquisa possuem elementos visuais, além dos elementos textuais. Também discutimos os trabalhos de Silva (2011), Lima-Lopes (2015) e Lupton (2018) como forma de embasar a questão da tipologia característica dos textos que compõem o *corpus* de pesquisa. Encerrando o capítulo, apresentamos uma síntese teórica sobre como ocorre a interface dos aportes apresentados e como estes serão utilizados na análise dos dados.

1.1 O gênero Editorial

Em uma era tecnológica, cheia de inovações e mudanças, estudar e discutir editoriais impressos pode parecer obsoleto. Contudo, embora as novas tecnologias digitais tenham ganhado protagonismo entre os meios de comunicação, os gêneros tidos

como tradicionais não foram substituídos, nem mesmo extintos, como muitos temiam. O que vemos hoje são novas opções de veiculá-los, e com isso, algumas transformações estruturais, inerentes a qualquer processo de mudança, podem ser percebidas.

O editorial, gênero estudado nesta pesquisa, tem suas origens na esfera jornalística. Esse gênero, de modo geral, circula em diversos meios de comunicação, sendo os mais conhecidos os jornais, os periódicos e as revistas. Inicialmente, sua principal função social era a de o veículo se posicionar diante de algum fato. Entretanto, juntamente às considerações dos estudos de Souza (2006), Aquino (2013), destacamos que o editorial se apresenta como um gênero dinâmico e com funções variáveis já que pode ser classificado em: (i) padrão, que exprime uma opinião acerca de um fato; (ii) de apresentação, com função de apresentar o suporte em que é veiculado; (iii) misto, aquele que une as duas funções citadas anteriormente (AQUINO, 2013, p.34).

Atualmente, e mais especificamente na Revista *Atrevida*, os editoriais apresentam muitas especificidades que divergem daquelas estabelecidas pelos padrões tradicionais desse gênero. Souza (2006) afirma que, segundo Marques de Melo (2003), o editorial padrão apresenta aspectos específicos como “impessoalidade, topicalidade, condensalidade e plasticidade” (SOUZA, 2006, p. 63). Sobre esses quatro aspectos, Aquino (2013) atribui a impessoalidade ao fato de os editoriais não apresentarem assinatura e identificação; sobre a topicalidade, o autor destaca a temática trazida nos editoriais; a condensalidade, por sua vez, refere-se à necessidade atual de objetividade e de textos breves; e a plasticidade às inúmeras mudanças e surgimento de novos fatos, conferindo à imprensa uma necessidade de acompanhá-los.

Outra característica do editorial padrão é a predominância do tipo textual argumentativo. Souza (2006), pautada em Marques de Melo (2003), menciona que o gênero se enquadra na categoria opinativa e busca representar os interesses de um jornal ou uma revista, o que justifica o tipo textual, porém, para ela, o editorial não se restringe apenas a isso, pois “opina, julga, mas, por sua vez, também informa e relata” (SOUZA, 2006, p. 62). Sendo assim, podemos pensar que seja um texto de base dissertativo-argumentativa.

Escrito pelo editorialista, segundo Souza (2006), o editorial se dirige por meio da linguagem a um grupo de leitores buscando conquistar adesão e, assim, atingir seus propósitos comunicativos. Como todo gênero, o editorial também apresenta uma estrutura. Citando os estudos de Silva (1992), Souza (2006) destaca a estrutura textual do editorial, que se baseia em: apresentação do fato, desenvolvimento para a construção de

sentido e conclusão. Ademais, sobre sua localização, Souza (2006) menciona que, no jornal, ocupa a seção de opinião; nas revistas, encontra-se nas primeiras páginas, por isso, considera a localização um dos elementos constitutivos do gênero.

Quanto à temática abordada nos editoriais, segundo suas pesquisas, Souza (2006) notou que há variação de acordo com o veículo em que circula, podendo tratar de acontecimentos atuais sociais, históricos, políticos, ou mesmo sobre alguma área de interesse específico, como moda, beleza, saúde, entre outras.

Para complementar e ratificar as informações que ajudam a definir o gênero editorial, trazemos a perspectiva do dicionário de comunicação que estabelece que

texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, sobre os assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do *veículo* ou da empresa responsável pela publicação (do jornal, revista, etc.) ou *emissão* (do programa de televisão ou rádio). O editorial apresenta, principalmente em sua forma impressa, para jornal, traços estilísticos peculiares. (...) A página editorial tem um estilo que acompanha as tendências do jornal, o próprio ‘estilo’ do jornal. Esse ‘estilo’ é equilibrado, denso ou leve, conforme a linha do veículo. (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 255).

Mas de fato essas definições correspondem à realidade dos textos produzidos como editorial? Para responder a essa questão, iniciaremos com uma breve reflexão e estudo sobre a pesquisa realizada por Souza (2007). Nela, a autora analisa os editoriais da Folha de São Paulo, do Jornal do Comércio e da Folha de Pernambuco com o objetivo de verificar se há efetivamente um apagamento do sujeito e ausência de marcas de autoria nesses textos como o preceituado pelo dicionário.

Os resultados dos dados analisados pela pesquisadora indicaram que por mais que o gênero tenha a configuração e pretenda ser impessoal, com predominância de asserções impessoais, as escolhas léxico-gramaticais realizadas por meio do uso da primeira pessoa do plural (nós) e dos pronomes possessivos (nosso/nossa) encontrados no *corpus* analisado evidenciaram marcas de autoria (SOUZA, 2007). Desse modo, a impessoalidade objetivada foi atenuada por meio da linguagem, mais especificamente pelo uso do pronome pessoal “nós”, considerado pela gramática como inclusivo, que demonstrou a subjetividade do editorialista nos textos analisados. Segundo Souza (2007), tal recurso introduz o autor a um grupo mais amplo, que ultrapassa o grupo dos jornalistas, além de revelar uma voz de coletividade e exprimir maior comprometimento com a opinião enunciada.

Ainda sobre os pronomes, Queiroz (2012) ressalta que esse grupo gramatical, assim como os grupos nominais e nomes próprios, sinalizam a identidade dos participantes de uma interação. Pautado em Halliday (1994) e seu estudo da língua inglesa, o autor expõe que os pronomes são denominados como “dêíticos e referenciais” (QUEIROZ, 2012, p. 97). Sobre os pronomes pessoais e possessivos, o autor propõe que esses grupos gramaticais indicam pistas semânticas, ou seja, demonstram os papéis assumidos e atribuídos aos participantes do discurso. Retomando a pesquisa de Souza (2007), o uso do pronome possessivo foi confirmado como uma marca de autoria. Por meio deles, o editorialista incluía-se e buscava aproximação com o leitor, a fim de conquistar sua confiança e adesão às ideias veiculadas. Portanto, a pesquisa conferiu que a presença das marcas autorais e a quebra da neutralidade contribuíam para o alcance dos objetivos propostos pelo gênero editorial.

Com base nisso, podemos postular também que há indícios ideológicos presentes em todo ato comunicativo e, por mais impessoal ou neutro que um gênero possa ser, ou pretenda ser, ainda assim, poderá haver de alguma forma uma marcação de subjetividade.

Como já mencionado, os editoriais da Revista Atrevida apresentam especificidades diferentes daquelas presentes nos editoriais padrões. Buscando responder à questão anteriormente feita sobre a definição do gênero editorial, cabe-nos salientar que o editorial jornalístico tradicional apresenta características específicas que o distancia, de certo modo, do gênero editorial de revista.

Embora se tenha uma série de características que norteiam a composição de um editorial, não há possibilidade de engessarmos o gênero a elas, portanto, esse conjunto de definições não formam um modelo estanque.

Acreditamos que esses textos, tanto os editoriais de jornais quanto de revistas, são produzidos e realizados em situações distintas, evidenciando diferenças no relacionamento entre os interactantes (Relações), no assunto abordado (Campo), e na forma de expressão (Modo). Portanto, tais fatores nos levarão a encontrar diferenças perceptíveis e cada editorial terá características singulares, como indicam Vian Jr. e Lima-Lopes (2005) em relação aos gêneros do discurso como um todo.

Souza (2006, p. 63), ao analisar a Carta do Editor, da revista Época, a Carta ao Leitor, da revista Veja, ao lado de Na redação, da revista Uma, e Redação e você, da Revista Todateen, concluiu que todos podiam ser considerados como da família do editorial, mesmo que apresentassem características diferentes. Sendo assim, o editorial é, nessa perspectiva, um gênero que apresenta variações tanto no formato, no suporte, na

relação com o público, mas que “está em completo acordo com a dinamicidade e plasticidade dos gêneros” (SOUZA, 2006, p. 65).

Pelos pressupostos da LSF, buscaremos identificar as características presentes no editorial da Revista Atrevida como um gênero discursivo e, para atingir esse propósito, analisamos os elementos comuns a ele, as fases que o constituem e como a linguagem se articula. Para isso, consideramos importante compreender o modo como o editorial se manifesta materialmente. Por isso, a seguir, discutiremos o conceito de suporte.

1.1.1 O gênero: suporte impresso

Ainda bastante recentes, as discussões sobre suporte de gêneros são um desafio para os estudos que se voltam a esse aspecto, tendo em vista a escassa literatura. Marcuschi (2008), pautado em Maingueneau (2001), concorda que há uma necessidade de analisar o modo de materialização dos textos/discursos. Afinal, são por meio dos suportes que os gêneros circulam e se difundem na sociedade. Como definição, podemos entender o suporte como um “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Como *locus*, o suporte pode ser analisado a depender do seu tipo. Marcuschi (2008) destaca o suporte convencional, como o livro, o jornal, a revista, o *outdoor*, o *site*, o programa de *email*, entre outros. Mas também o suporte incidental, ou seja, suportes usados eventualmente como no caso do corpo humano (para veicular textos na forma de tatuagens ou frases de protestos como o feito pelo movimento dos caras- pintadas, na década de 1990).

Sobre o suporte revista, interesse desta pesquisa, importa-nos saber que, no mesmo contexto do jornal, trata-se de um suporte que comporta muitos gêneros. Estes gêneros recebem características próprias que os tornam típicos desses suportes, dentre eles está o editorial, a notícia, a reportagem, a entrevista. Mas vale destacar que há gêneros veiculados pelo jornal que não são comuns à revista. Essa divergência, em geral, está marcada pelos fatos diários como anúncios fúnebres ou previsões meteorológicas. Uma análise mais pormenorizada pode, efetivamente, caracterizar cada um, mas Marcuschi (2008) ressalta que sobre a titulação em revistas e jornais existem notáveis diferenças.

Sobre o conceito de suporte, há uma complexidade, como já mencionado, tanto pelas recentes pesquisas que abordem a temática, quanto pelos muitos questionamentos

sobre definições que ora considera algo gênero, ora considera suporte. Porém, o objetivo deste item foi o de mostrar e conceituar, brevemente, o suporte a começar pelas pesquisas e teóricos que exploraram e têm explorado esse campo. Diante dessas questões, o mais importante é reconhecer que há, de fato, uma diferença entre gênero e suporte.

Assim, o *mídiu* (suporte), pela perspectiva de Maingueneau, é mais que um meio ou um instrumento de veiculação. Mudanças no *mídiu* geram interferências diretas nos gêneros. Por esse viés, Marcuschi (2008) afirma também que não há neutralidade nos suportes, portanto é impossível fazer-se indiferente a eles.

Finalizamos esta seção e, neste ponto, notamos como os suportes *on-line* (*sites*, plataformas sociais) parecem influenciar o suporte impresso da revista, a estrutura esquemática e a linguagem do gênero editorial na *Atrevida*. A seguir, com o intuito de analisar e compreender esses elementos, apresentamos os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional como forma de embasar os aspectos do gênero, foco de nossa pesquisa.

1.1.2 O gênero na LSF: Contexto de Cultura

Os conceitos sobre os gêneros textuais/discursivos e as pesquisas sobre essa temática têm assumido um papel de grande importância entre os estudos linguísticos em diferentes campos e perspectivas teóricas. Considerando que nos comunicamos por meio de textos, em seus mais diversos modos, nos servimos da linguagem para atingir nossos propósitos comunicativos. Assim, realizado por meio dos gêneros, todo texto está inserido em um contexto sociocultural, no qual agimos, criamos e nos expressamos.

Esta pesquisa, pautada nos princípios da LSF, parte do pressuposto teórico de que os gêneros “são formas de fazer as coisas quando usamos a linguagem para fazê-las”¹ (MARTIN apud EGGINS 2002, p. 73). Portanto, do mesmo modo que as atividades humanas são inúmeras, os gêneros também o são, o que justifica em nossa sociedade a existência de gêneros literários, populares, educativos, além dos cotidianos como os usados para comprar, vender, pedir, contar, divulgar, entre outros.

Cabe destacar um aspecto importante do gênero quando mediado pelo registro, o “potencial genérico de cada cultura em particular” (EGGINS, 2002, p. 83). Segundo essa autora, o potencial genérico é constituído a partir das atividades verbais consideradas

¹ No original: Los géneros son formas de hacer las cosas cuando usamos el lenguaje para hacerlas (1985b:248)

significativas e aceitas por uma determinada cultura. Adaptando os exemplos dados pela autora à nossa realidade, observemos as variáveis de registro apresentadas nas seguintes situações:

Situação 1

Campo: redação de vestibular

Relações: candidato/examinador (ENEM)

Modo: escrito

Na Situação 1, nós brasileiros reconhecemos as configurações de registro e sabemos que o gênero que compõem essa interação é o gênero exame de vestibular.

Situação 2

Campo: vestibular

Relações: candidato/examinador (ENEM)

Modo: telefone

Já na Situação 2, não reconhecemos nenhum gênero exame de vestibular, (especialmente o exame ENEM) que seja feito por telefone. Ou seja, essas configurações das variáveis de registro não são aceitáveis em nossa cultura, pelo menos até o momento.

Ademais, para compreendermos a relação entre a linguagem e o conceito de gênero para a LSF, podemos tomar como exemplo um gênero bastante comum no âmbito educacional, e que estabelece relação com as situações anteriores. A redação do tipo dissertativa/argumentativa, muito pedida em exames de vestibular, é comum entre os alunos e professores. Esse modelo de redação apresenta uma organização que segue fases, ou seja, uma “estrutura esquemática” (EGGINS, 2002, p. 83). Essa estrutura nos mostra que por mais que trabalhemos com propostas temáticas (Campo) e níveis de classes de alunos diferentes (Relações), espera-se dessas redações um começo, meio e fim, que seguem: um título, uma introdução com a tese a ser defendida, dois parágrafos de argumentação e por último um parágrafo de conclusão.

Vian Jr. e Lima-Lopes (2005, p. 33) apontam que há uma inter-relação entre gênero e registro, assim como entre Contexto de Cultura e Contexto de Situação. Portanto, só alcançamos o significado e propósito do texto estabelecendo essas relações. Logo, vale compreendermos que a falta de conhecimento das estruturas esquemáticas somada à falta

de reconhecimento dos gêneros e variáveis de registro impossibilitam que a linguagem complete o seu propósito, o que pode gerar grandes dificuldades comunicativas, ou mesmo, a incompreensão linguística.

Ainda dentro dos estudos voltados aos gêneros, consideramos importante também a análise da estrutura esquemática dos gêneros. A noção de fases do gênero nasce da concepção de que não é possível transmitir todos os significados ao mesmo tempo, portanto, como destacam Vian Jr. e Lima-Lopes (2005), o gênero estrutura-se em estágios, sendo um processo social orientado para alcançar um objetivo. Tais apontamentos dos autores são pautados na definição de Martin (1992), que faz uma ampliação dos conceitos de gênero e registro propostos por Halliday e Hasan (1989).

Em outras palavras, a estrutura esquemática do gênero refere-se à organização orientada de cada etapa. Essa organização estabelece uma estrutura em fases, considerando que todo usuário conhece as convenções sociais pertencentes à sua cultura e sabe como deve estruturar a sua língua passo a passo e adequadamente para atingir os seus propósitos. Além disso, é capaz de reconhecer, muitas vezes apenas por uma pequena frase, o gênero a que está exposto. Se começamos um texto com o famoso “Era uma vez...”, o usuário saberá que está diante de uma história clássica comum ao universo de narrativas infantis, do mesmo modo, ao ouvir uma interação que se inicia com um “Alô”, saberá que está diante de uma conversa telefônica, e assim por diante.

De modo geral, Eggins (2002, p. 86) menciona que as formas constituintes dos gêneros devem, no mínimo, conter uma estrutura de começo, meio e fim. Além de haver uma relação entre as partes que compõem o todo. A esses conceitos são atribuídas as nomenclaturas de “constituição” e “identificação funcional”, respectivamente.

O conceito de identificação funcional, preocupa-se em compreender as relações estabelecidas entre as fases que constituem o gênero baseado nos aspectos formais e aspectos funcionais. Ao analisarmos as fases formais de um livro, o dividiremos conforme sua estrutura de capítulos e parágrafos, por exemplo. Já na análise dos aspectos funcionais, o enfoque será na introdução (tese ou proposta), desenvolvimento (dados, argumentação) e conclusão (resultados, apontamentos finais). Nas definições de Eggins (2002), esses aspectos são fundamentais, em especial, para a definição de quais elementos constituintes são opcionais e quais são obrigatórios a um determinado gênero.

A autora também destaca a importância das palavras e das opções léxico-gramaticais do nosso sistema na relação da estrutura esquemática, das partes constituintes e da linguagem na composição dos gêneros, afinal, os gêneros são realizados por textos e

os textos por meio da linguagem. Assim, serão os diferentes empregos das palavras, as diferentes escolhas dos interactantes que marcarão seus padrões. Sabe-se que em um gênero cotidiano, como o de compras, são utilizadas palavras diferentes das de um gênero acadêmico, por exemplo.

Do mesmo modo, a linguagem utilizada em cada fase que compõe um gênero sofrerá variação, pois palavras usadas para introduzir um texto, não são usadas para concluí-lo. Portanto, reconhecemos que podemos recorrer a diferentes classes gramaticais para compor cada fase na estrutura esquemática de um gênero. Algumas fases como saudações e despedidas admitem formas exclamativas mais comuns e convencionais. Já na fase de preparação de uma receita de cozinha será mais comum o emprego de grupos verbais, em especial dos imperativos, e assim por diante.

Como já mencionado e com base no exposto até o momento, compreendemos que para a LSF, pautada nas concepções de Halliday (1994), a linguagem é funcional e todo usuário inserido em um Contexto de Cultura e de situação a utiliza para atingir propósitos comunicativos. Seja com objetivos pragmáticos ou interpessoais, produzem gêneros textuais/discursivos que são realizados por meio dessa linguagem. Tais gêneros seguem estruturas diferentes, constituídas por fases e etapas para cada situação e fim específico.

Diante desse breve panorama em relação aos conceitos da LSF sobre a linguagem e o gênero, na próxima seção, em conformidade com esta pesquisa, apresentaremos as definições de registro e de Contexto de Situação.

1.2 O registro: Contexto de Situação

O conceito sobre o contexto na LSF é compreendido a partir de duas definições: Contexto de Cultura (Gênero) e Contexto de Situação (Registro) e, segundo Ghio e Fernández (2005), essas noções foram propostas por Firth, baseado no trabalho do antropólogo Malinowski e seus escritos sobre um longo estudo de campo feito com nativos das Ilhas Trobriand do Pacífico Sul.

O Contexto de Cultura faz referência ao todo de uma determinada cultura no processo de interação, é o nível mais alto de abstração e entendido de modo mais geral, dá significados às atividades praticadas e reconhecidas pelos sujeitos de uma cultura particular.

Já o Contexto de Situação é entendido como o contexto mais específico em que as interações podem acontecer. Nele são considerados todos os fatores extralinguísticos

relevantes e pertinentes ao discurso produzido e são definidas as características particulares dos gêneros.

Na mesma linha de pensamento de Malinowski, Halliday considera que tanto o Contexto de Situação, quanto o Contexto de Cultura são imprescindíveis para se obter uma interpretação adequada do texto, estando ele inserido em qualquer cultura ou produzido em qualquer língua (GHIO; FERNÁNDEZ, 2005, p. 26). Ou seja, um está imbricado no outro, portanto, precisamos sempre considerá-los mutuamente para que compreendamos como os sujeitos usam a linguagem. Vale destacar também que a relação estabelecida entre o texto e o contexto é uma relação dialética, uma vez que “o contexto cria o texto tanto como o texto cria o contexto”, como afirmam Ghio e Fernández (2005, p. 28) com base nos aportes teóricos propostos por Halliday e Hasan (1989).

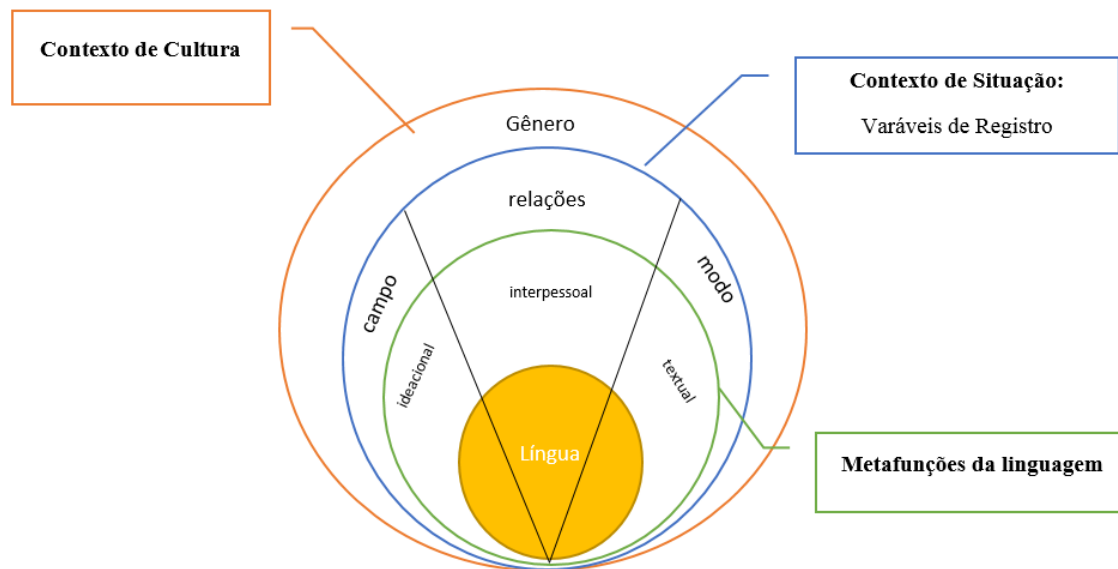
Assim, toda análise na LSF parte de estudos sobre interações completas, isto é, de textos como produtos reais de interações. Por esse motivo, apenas análises de orações isoladas não nos servem como base, principalmente pelo fato de que orações fora de contexto podem ser ambíguas, inclusive ao analisarmos as relações interpessoais, como afirma Eggins (2002).

No Contexto de Situação, momento imediato em que os textos são produzidos, a realização é feita por meio do Registro e as relações são norteadas pelo tipo de linguagem empregada. Considera-se, portanto, a circunstância em que a situação ocorre, quem são os participantes envolvidos e como a interação está acontecendo. O Contexto de Situação é descrito por Halliday (1989, p. 12), com base em um modelo conceitual, formado sob três variáveis: Campo, Relações e Modo.

Esses três conjuntos de sistemas sociosemióticos permitem a construção dos sentidos nos textos. Em linhas gerais, de acordo com Eggins (2002, p. 72), ao nos referirmos do que se trata um texto, falamos do Campo do texto; as trocas entre os interactantes por meio da linguagem e os papéis representados são as Relações estabelecidas no e pelo texto; e as ligações e organização estabelecidas pela linguagem, bem como a forma como o texto é transmitido, se por meio escrito, falado ou multimodal, é o Modo do texto.

A Figura 1 permite visualizar de modo mais preciso a relação entre as Variáveis de Registro, as Metafunções, os Contextos e a língua.

Figura 1: Relação entre a língua, as metafunções e os contextos



Fonte: Adaptado e traduzido de Eggins (2002, p. 142)

Com base na Figura 1, concluímos que o contexto e a linguagem estão inter-relacionados e que, como usuários da língua, os interactantes possuem a habilidade de prever o tipo de linguagem a ser adotada em situações e contextos distintos, fazendo assim suas escolhas linguísticas com base no contexto de produção, explorando o campo, estabelecendo as relações e organizando tudo isso em textos nas suas mais variadas modalidades, seja oral, escrito ou não-verbal (EGGINS, 2002, p. 49).

1.2.1 As variáveis de registro e as metafunções

Nesta seção são apresentados os sistemas responsáveis por concretizar na léxico-gramática os sentidos realizados no nível semântico-discursivo que contempla todas as possibilidades de escolhas linguísticas, como proposto por Halliday (1994). Para a LSF, a léxico-gramática, por sua vez, é uma rede de significados que estão inter-relacionados e disponíveis aos usuários. Esse sistema é organizado pela gramática, o que possibilita seleções e escolhas apropriadas e estruturadas ao contexto e momento da interação.

Desse modo, segundo Vian Jr. (2014), pautado na proposição de Halliday, todo ato comunicativo pode ser interpretado pelos significados ideacionais, interpessoais e textuais, componentes denominados Metafunções.

As três Metafunções da linguagem estão diretamente ligadas às variáveis de Registro que definem os elementos do Contexto de Situação. Os significados ideacionais estão relacionados às nossas experiências com o mundo; os interpessoais às interações entre os usuários da língua e os significados textuais estão ligados ao modo como as ideias são organizadas em um texto.

As exposições conceituais até aqui apresentadas podem ser sistematizadas conforme o Quadro 1, adaptado de Gouveia (2009, p. 28), com base teórica em Halliday (1994):

Quadro 1: As variáveis de Registro e sua relação com as Metafunções

Metafunções	Variáveis de Registro	Descrição
Ideacional	Campo	A ação social, o assunto sobre que se fala, a natureza da ação
Interpessoal	Relações	A estrutura de papéis, as pessoas e suas relações na situação de comunicação
Textual	Modo	A organização simbólica, o canal (fala ou escrita) e o modo retórico da linguagem

Fonte: Adaptado de Gouveia (2009, p. 28)

Pelo Quadro 1 é possível perceber que, inserido no Contexto de Situação, a variável Campo relaciona-se com a Metafunção Ideacional. A seguir, a variável Relações liga-se à Metafunção Interpessoal e, por fim, a variável Registro relaciona-se com a Metafunção Textual.

Seguindo essa linha expositiva, vale destacar também que no nível léxico-gramatical a variável Campo e Metafunção Ideacional são realizadas gramaticalmente pelo Sistema de Transitividade; a variável Relações e Metafunção Interpessoal no Sistema de Modo/Modalidade; e a variável Registro e Metafunção Textual são realizadas pelo Sistema de Tema. Por essa perspectiva, é possível perceber que a linguagem é constituída por uma interrelação entre os Contextos de Cultura e de Situação, as variáveis de Registro e as Metafunções. Estes últimos são ampliados e detalhados nas subseções a seguir.

(i) A variável Campo e a Metafunção Ideacional

A variável Campo está relacionada diretamente à Metafunção Ideacional e remete à situação imediata em que o usuário expressa suas experiências, ideias ou pensamentos acerca de um determinado tema. Para exemplificar a variável Campo, na Figura 2, extraída de texto que compõe o *corpus* desta pesquisa, podemos verificar que o Campo remete à responsabilidade emocional e ao *bullying*. Vejamos:

Figura 2: Blog da Redação da Revista de maio

A NOSSA PARTE

Você já parou pra pensar em como as suas palavras e atitudes afetam as pessoas ao seu redor? Para o bem ou para o mal, a verdade é que nunca se falou tanto em responsabilidade emocional desde que ouvimos as fitas gravadas por Hannah Baker em *Os 13 Porquês*, livro que virou série pela Netflix. Não sabe do que eu estou falando? Dou um resumo: Hannah é uma adolescente de 17 anos que revela em 13 gravações os motivos que a levaram a cometer suicídio. E ela deixa essas gravações endereçadas às pessoas que causaram esses motivos. Ou que ela acha que sim. Mexeu com você? Mexeu comigo também.

Muito mais do que a história trágica da garota e todos os seus dilemas pessoais, o que essa série mais me causou foi uma estranha tensão. Será que eu já fui um dos motivos para alguém? Não me entenda mal: já fui muito zoadada (na minha época, *bullying* era tido apenas como zoeira). Por ser nerd, por ser feia, por ser magra, por ser baixinha, por não ser rica nem nunca ter ido à Disney, por não ter um festão de 15 anos, por fazer teatro, por ser fã de Sandy & Junior... Até que eu aprendi a me defender. Como? Retribuindo a “zoeira” da forma como eu conseguia.

E daí que essa história me pegou. Porque às vezes a gente nem percebe que está magoando alguém. Ou o faz sem intenção. Ou sem saber. Daí entra a questão da responsabilidade emocional, de se colocar no lugar do outro, de saber ouvir, de não julgar e, principalmente, de respeitar quem está à nossa frente.

Por isso, a partir de agora, prometo ser bem mais responsável com os sentimentos dos outros – e com os meus também! E você, vem comigo nessa?

Um beijo,

Ana Paula

Fonte: Atrevida, edição 272.

Sobre o tema discutido, a escritora demonstra possuir conhecimento e autoridade, mesmo que não seja um conhecimento técnico ou especializado. Há em todo o texto a manifestação reflexiva da editorialista o que evidencia a função ideacional, pois “usamo-la para codificar a nossa vivência e experiência de mundo; faculta-nos imagens da

realidade (física ou mental). Ajuda-nos, portanto, a codificar significados da nossa experiência (GOUVEIA, 2009, p. 16). Podemos comprovar isso com os seguintes exemplos retirados do texto:

- (a) “já fui muito zoadada (na minha época, *bullying* era tido apenas como zoeira. Por ser nerd, por ser feia, por ser magra, por ser baixinha (...);
- (b) “Será que eu já fui um dos motivos para alguém?;
- (c) “(...) essa história me pegou. Porque às vezes a gente nem percebe que está magoando alguém. Ou o faz, sem intenção”;
- (d) “Daí entra a questão da responsabilidade emocional (...);
- (e) “(...) prometo ser bem mais responsável com os sentimentos dos outros (...).”

Estabelecendo, assim, a relação entre a variável Campo e a Metafunção Ideacional, os significados ideacionais são significados que, por meio da linguagem, expressam a nossa experiência de mundo e, no caso do texto, as experiências da própria autora e que partilha com suas leitoras.

(ii) A variável Relações e a Metafunção Interpessoal

A variável Relações está ligada à Metafunção Interpessoal. Neste ponto destacamos os papéis sociais desempenhados pelos interactantes em suas relações cotidianas, ou seja, o papel atribuído a aluno e professor, funcionário e chefe, vendedor e cliente, amigo e amigo, e as demais relações sociais possíveis.

Durante uma interação, o ato de fala se assemelha a uma “permuta”. Isto é, se pedimos as horas a alguém, recebemos a informação das horas em resposta, logo, nessa concepção, o pedir implica o dar. Geralmente, ao receber a resposta das horas, daremos o agradecimento em troca, ou seja, o dar informação implica o dar algo em resposta, neste caso o agradecimento, como explicam Ikeda e Vian Jr. (2006).

Para a LSF, na interação o sujeito assume um papel de fala, que será: (i) dar ou (ii) pedir tanto informações quanto bens e serviços. Para operar os papéis de fala dar e pedir, os usuários recorrem às funções da fala para compartilharem significados. Essas funções são: declaração, interrogação, oferta e comando. Quando trocamos informação, a oração assume a forma de proposição, então podemos discutir, afirmar, negar, aceitar,

recusar, duvidar, mas quando trocamos bens e serviços, a oração assume a forma de uma proposta.

Além disso, esses papéis e relações assumem uma importante representação diante das formas linguísticas utilizadas, tendo em vista que não falamos com um superior hierárquico, por exemplo, da mesma forma como falamos com nossos amigos e familiares. Sendo assim, a variável Relações e a Metafunção Interpessoal são fundamentais para analisarmos as variações e escolhas linguísticas dos usuários em determinados contextos específicos.

Com base nisso, para uma compreensão mais sistemática e específica, Eggins (2002), pautada nos estudos de Poynton (1985), expõe uma divisão em três contínuos para a análise da variável Relações: o de poder, o de afeto e o de contato.

O contínuo de poder representa situações em que os papéis desempenhados pelos usuários da língua demonstram uma distribuição equilibrada ou não de poder. Em casos de papéis semelhantes, podemos considerar que os participantes possuem uma relação de igualdade, geralmente esse tipo de relação é comum entre amigos, parentes, casais. Na distribuição desigual de poder, é comum verificar que uma das partes possui um grau de hierarquia maior diante da outra, caso muito comum em relações de chefes e subordinados, conforme explica Eggins (2002).

Como exemplo do exposto, na Figura 2, a relação entre a editorialista e suas leitoras encontra-se em um grau de poder desigual, tendo em vista a posição social de Ana Paula Burger, representante da revista, formada em jornalismo, com idade mais elevada que a de suas leitoras. Vejamos os exemplos linguísticos que podem embasar essa afirmação:

(a) “na **minha época**, bullying **era** tido apenas como zoeira”.

O uso dos verbos no passado, por exemplo, indica a diferença temporal, além do uso do pronome possessivo “minha” que acompanha o substantivo “época” reforçando a diferença etária.

Sobre a desigualdade de poder, podemos verificar ainda que Ana Paula inicia o texto com o uso do pronome de tratamento “você” e também do possessivo “sua”, neste trecho, assume seu papel de editorialista e atribui a leitora a função de refletir sobre o tema, como no exemplo (b):

(b) “**Você** já parou pra pensar em como **suas** palavras e atitudes afetam as pessoas ao seu redor?”.

Embora tenhamos conferido o distanciamento de poder entre a editorialista e suas leitoras, na análise da Figura 2, é possível verificar que também existe um processo de aproximação entre a escritora e suas leitoras. Em alguns trechos, Burger atenua esse distanciamento de papéis sociais recorrendo aos recursos linguísticos de primeira pessoa do singular ao fazer relatos próprios, ou ao uso do pronome em primeira pessoa do plural. Vejamos alguns exemplos:

- (c) “Mexeu com você? Mexeu **comigo** também”;
- (d) “(...) respeitar quem está à **nossa** frente”;
- (e) “**prometo** ser bem mais responsável”;
- (f) “às vezes **a gente** nem percebe”.

Sobre o contínuo de contato, temos a representação da frequência com que os participantes da interação se relacionam. Eggins (2002) cita como exemplos as relações de pessoas da mesma família, amigos próximos, amantes como grau frequente. As relações de grau ocasional são consideradas aquelas entre conhecidos apenas.

Nos editoriais que compõem o *corpus* desta pesquisa, podemos afirmar que existem duas possibilidades dentro desse conceito de contato: ou a leitora pode ser assinante, portanto é considerada uma leitora assídua, ou pode ser uma leitora ocasional, que simplesmente decidiu folhear a revista enquanto aguardava atendimento em um salão de beleza, por exemplo.

Desse modo, embora possam existir leitoras assíduas ou não, ou seja, com contato frequente ou ocasional, o posicionamento da editorialista na produção das despedidas busca estabelecer um grau de contato frequente com suas leitoras, pois sempre as convida para um próximo encontro, uma próxima leitura. Podemos comprovar isso com os seguintes exemplos:

- (g) “Beijos até a próxima edição”;
- (h) “Aproveite esta edição que foi pensando em você e até a próxima! Beijos”.

Por fim, no contínuo de afeto, os usuários explicitam por meio da linguagem um grau de afetividade alto ou baixo. Assim como no contínuo de poder, os índices de maior afetividade tendem a ocorrer em relações menos desiguais e mais frequentes no grau de contato como a de amigos, familiares, namorados. Do mesmo modo, a baixa afetividade deve ocorrer entre pessoas com grau de contato ocasional e mais desigual hierarquicamente. Como já demonstrado no contínuo de contato, o texto que nos serviu de exemplo marca despedidas com alta afetividade.

Diante do exposto, compreendemos, portanto, que o papel principal da interação serve para que os usuários revelem suas atitudes, posicionamentos, opiniões, julgamentos. Ou seja, que assumam papéis sociais. Neste ponto, voltamo-nos também para a observação da presença dos pronomes como referência de inclusão das pessoas do discurso e reveladores, portanto, dos papéis assumidos por elas na interação.

Para compreendermos melhor os conceitos que norteiam nossa visão sobre os pronomes pessoais, tomamos como base Castilho (2010) que traça um panorama histórico sobre os pronomes considerando sua categorização e sua classificação como complexas, pois, embora a principal propriedade seja a substituição de um nome (pro + nome), os pronomes também realizam dêixis de lugar, tempo, pessoa, retomam conteúdos anteriores, projetam posteriores e desempenham funções argumentais (CASTILHO, 2010, p. 476).

Como modo de classificação, Queiroz (2012) afirma que a classe gramatical dos pronomes sinaliza a identidade dos participantes, além de denotar questões mais complexas como as de relações de poder. Nessa perspectiva, os pronomes são uma classe de relevante influência no uso da linguagem e fundamentais para as análises deste estudo.

Neves (2011) também categoriza os pronomes pessoais como elementos de retomadas. Para a pesquisadora, os pronomes são capazes de fazer referência a uma pessoa ou coisa que foi ou será referida no texto, mas além disso, os pronomes pessoais têm duas funções importantes: a função interacional e a função textual, o que reafirma sua importância como elemento de análise nas concepções da Metafunção Interpessoal.

Nas perspectivas mais tradicionais, os pronomes pessoais (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) são normatizados a partir de duas pessoas do discurso, o *eu* (correspondente ao falante) e o *tu* (correspondente ao ouvinte). A 3ª pessoa dessa interação considera-se “indeterminada” e corresponde a outro sujeito que não “aos participantes da relação comunicativa”. Desse modo, os pronomes pessoais “designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa” (BECHARA, 2009, p.164).

Estudos recentes têm observado que os pronomes, mais especificamente os pessoais, têm sofrido mudanças. Castilho (2010) destaca que no português brasileiro (PB) falado já há o apontamento de uma reorganização e essas mudanças incidem fortemente na estrutura sintática da língua explicando, por exemplo, o porquê de mudanças de concordância verbal. O gramático apresenta um quadro dos pronomes pessoais no PB, tanto formal, quanto informal e aponta para as substituições que os falantes de uma língua realizam em contextos do dia a dia, como o caso do uso de “cê” em substituição a “você”.

Além disso, Castilho (2010) também discorre sobre o emprego do sintagma nominal “a gente” que tem ocupado uma posição relevante nesse quadro. Sobre isso, Neves (2011) afirma que na linguagem coloquial o uso do sintagma nominal “a gente” é empregado como um pronome pessoal e por questões de variações linguísticas, a forma “a gente” deve ser aceita como correspondente ao “nós”. O uso de “a gente” como pronome pessoal da 1ª pessoa do plural em lugar do “nós” tem assumido um lugar de preferência entre os falantes do português brasileiro, contudo, parecem ser poucas as gramáticas e livros didáticos que abordam essa questão.

A pesquisa de Ribeiro (2013), pautada nos estudos de Zilles (2007), configura o uso de “a gente” como pronome sujeito. Tal conclusão se deve não apenas a observações dos falantes da língua, mas também por pesquisas como a realizada pelo Projeto NURC (Norma Urbana Culta) em 1970 e pelo VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País) em 1990, que revelaram um percentual de 56% de uso do “a gente” em 1970 e 72% em 1990, marcando assim, uma mudança significativa na segunda metade do século XX.

Desse modo, sobre a aceitação dessa variação, Neves (2003) considera que o uso de “a gente” é um uso de linguagem menos formal, porém já bastante aceito. Bechara (2009) reconhece o uso de “a gente” como pronome, mas o restringe a contextos informais: “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa” (BECHARA, 2009, p.166).

Estudos como o de Castilho (2010) verificaram que a primeira pessoa do plural tem sido constantemente substituída pelo sintagma nominal indefinido “a gente” e comprovam que essa substituição ocorre de modo mais frequente quando é ocupada a posição de sujeito, mas a substituição tem sido mais acentuada quando ocorre a função de adjunto adverbial. Outro aspecto importante que o gramático destaca é a conjugação verbal. Como já mencionado, a reorganização do quadro de pronomes repercute na

morfologia verbal, na concordância e na estrutura da sentença. Em muitos casos do uso não padrão, de acordo com Castilho (2010), o verbo acompanhado do sintagma nominal “a gente” é conjugado em primeira pessoa do plural, surgindo formas como “a gente somos”, “a gente temos”, entre outras.

Sobre os pronomes pessoais, também consideramos relevante destacar a variação no uso das formas tu/você no PB. Nas gramáticas tradicionais, esses pronomes são definidos e classificados como pronome pessoal de caso reto de segunda pessoa e pronome de tratamento, respectivamente. Nesse cenário, poucas gramáticas se aprofundam em detalhes.

Cegalla (1994) menciona que os pronomes de tratamento estão incluídos entre os pronomes pessoais. Para o gramático, os pronomes de tratamento podem ser usados para um trato cortês e cerimonioso das pessoas como, por exemplo, “senhor”, “senhora”, “senhorita” em um tratamento respeitoso ou “você” em um tratamento familiar e íntimo. Em todo caso, Cegalla (1994, p. 172) afirma que os pronomes de tratamento fazem referência ao interlocutor, sendo usados com as formas morfológicas de 3ª pessoa. Nessa mesma linha de pensamento, Bechara (2009) normatiza o uso desse pronome como um ato de tratamento familiar e informal.

Contudo, Cunha e Cintra (2001, p. 292) reconhecem que no PB, o pronome “tu” tem sido substituído, em grande parte do país, pelo “você” de modo que equivale ao pronome pessoal. Além disso, o pronome “você” tem sido empregado não só em contextos de intimidade entre os interlocutores, mas também em casos de tratamento de igualdade ou mesmo de um superior, como de um chefe para um funcionário, por exemplo.

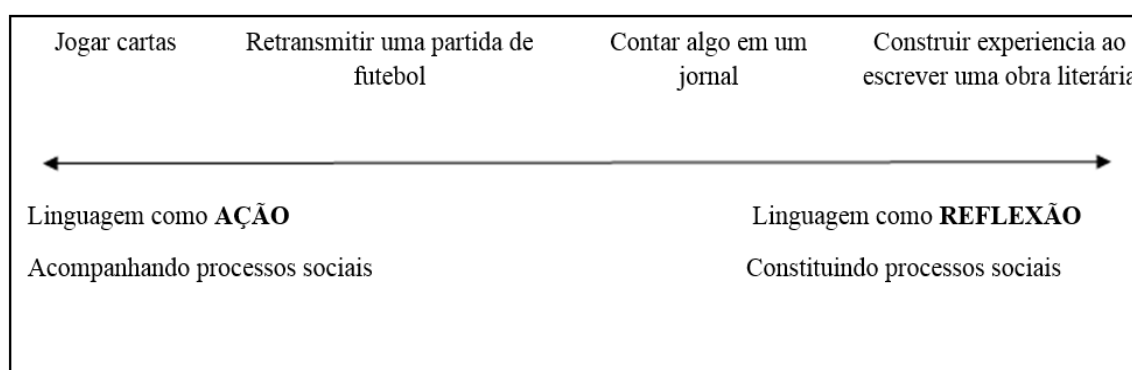
Embora existam divergências entre os estudos que se debruçam sobre a origem dessa variação, não nos aprofundamos nessas questões por não ser esse o nosso objetivo de pesquisa, sendo assim, apenas destacamos uma das perspectivas como forma de justificar a inclusão do uso de “você” como equivalente a um pronome pessoal, reconhecendo, assim, que as variações da língua, em especial do sistema pronominal, revelam características importantes ligadas às mudanças nas relações entre os interactantes de uma comunidade e, portanto, são importantes para esta pesquisa.

Com base nessas breves definições, acreditamos que os pronomes pessoais servem como recursos linguísticos para revelar as atitudes e posicionamentos da editorialista da revista *Atrevida*, o que nos leva a analisá-los de modo mais amplo no Capítulo III de análise e discussão dos dados desta pesquisa.

Já o contínuo de distância experiencial refere-se às diferentes situações de uso da linguagem e a relação com os processos sociais. Neste ponto, são analisados os papéis que a linguagem desempenha, ou seja, se é uma forma de ação, que acompanha processos sociais como comprar, vender, jogar, entre outras. Ou se a linguagem é uma forma de criação, usada para refletir a experiência, constituindo processos sociais, conforme Eggins (2002, p. 110).

Para ilustrar de forma mais detalhada esse contínuo, expomos a Figura 4, adaptada por Eggins de Martin 1984, p. 27.

Figura 4: Contínuo da distância experiencial



Fonte: Traduzido e adaptado de Eggins (2002, p. 110)

Pelos exemplos nos contínuos apresentados nas Figuras 3 e 4, tomando como base seus extremos, Eggins (2002) afirma que é possível caracterizar pontos básicos que distinguem o uso da linguagem na modalidade oral e escrita. Para situações interativas, em geral, emprega-se a modalidade falada e nelas há maior espontaneidade, uma conversa, por exemplo, é dinâmica. Já nos textos escritos, em que buscamos desenvolver nossas reflexões, há maior preocupação com sua estrutura, por isso, muitas vezes escrevemos, reescrevemos, organizamos e adequamos linguisticamente ao contexto de uso.

Há diferenças entre a linguagem escrita e oral, mesmo que seja para comunicar um mesmo conteúdo o usuário se comportará linguisticamente de formas distintas. Para a linguagem oral, são comuns agentes humanos, processos de ação e orações dinamicamente relacionadas. Na linguagem escrita, os processos de ação são transformados em processos existenciais ou em nomes, os agentes humanos em abstratos, há uma sintetização das orações e essas transformações são derivadas de um processo denominado nominalização (EGGINS, 2002, p. 115).

Diante do exposto, entendemos que todo ato comunicativo é estruturado pelos significados que expressam noções ideacionais, interpessoais e textuais e cada tipo de interação estabelecida entre os indivíduos estará sempre ligada aos participantes, ao tema que será o objeto discutido, e aos posicionamentos que serão assumidos pelos usuários da língua.

A organização da linguagem pode ser entendida, estudada e explicada pelas funções sociais a que está servindo. Como mencionado anteriormente, para a LSF, a linguagem constrói significados, para isso, os participantes de uma interação assumem o papel fundamental nesse processo. Por esse motivo e devido ao escopo desta pesquisa, analisaremos a variável Relações e a Metafunção Interpessoal no gênero editorial da Revista *Atrevida*, para tanto, na próxima seção expomos os conceitos da LSF sobre língua.

1.3 A língua na LSF

A linguagem humana é objeto de interesse de diferentes áreas do conhecimento. Sabemos que não só a Linguística, mas também a Filosofia, a Psicologia, a Neurociência e muitas outras áreas se debruçam e se mostram curiosas pelos fenômenos da língua. Desse modo, o objetivo de muitos pesquisadores é desvendar os mecanismos e aspectos relacionados à linguagem e sua aquisição, desenvolvimento e funcionamento.

Por muitos anos, diversas correntes teóricas traçaram caminhos para a observação dos fenômenos da língua. Da abordagem dicotômica de Saussure (*langue* e *parole*, paradigma e sintagma), ou mesmo de Chomsky (competência e desempenho), passando pelas visões funcionalistas, pragmáticas, aos que consideram a língua uma atividade social e ideológica, presumimos que muitas são as possibilidades teóricas de se observar a linguagem e estudá-la.

Percorrendo esse breve percurso da história das grandes linhas de estudos da linguística ao longo dos tempos, entre as perspectivas formalistas, que abordam a língua de modo formal e biológico, e funcionalistas, que a encaram pelo viés social, interessamos a Escola de Praga, um grupo amplo de pesquisadores, que, embora tenha sido mais conhecido por suas pesquisas na fonologia, tem como característica principal a combinação de estudos estruturalistas e funcionalistas. A Escola de Praga influenciou e influencia até hoje os trabalhos funcionalistas, segundo Weedwood (2004).

O funcionalismo, em seus mais variados modelos, pode ser entendido como

uma apreciação da diversidade de funções desempenhadas pela língua e um reconhecimento teórico de que a estrutura das línguas é, em grande parte, determinada por suas funções características (WEEDWOOD, 2004, p. 138).

Sendo assim, o objetivo principal dos estudiosos funcionalistas é analisar a língua para além da abordagem modular, formalista, possibilitando uma integração de variados elementos linguísticos, dentro de uma perspectiva de interação social que foca no modo como os sujeitos efetivamente se comunicam, como afirma Souza (2006).

Diante do exposto, situamos esta pesquisa dentro dos pressupostos de “uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia analítica para a descrição de padrões linguísticos” (VIAN JR, 2014, p. 426). Por essa concepção, o uso da linguagem assume um caráter funcional, visando a criação de significados gerados por meio de escolhas, sempre influenciadas pelo contexto em que as trocas ocorrem.

Michael Halliday, o idealizador e grande nome da LSF, aluno de John Rupert Firth, fortemente influenciado pelos estudos do antropólogo Bronislaw Malinowski, na década de 1960, desenvolveu a Gramática de Escala e Categorias. Nela, concebe a linguagem como um sistema de escolhas disponíveis aos usuários de uma língua a fim de atender aos propósitos comunicacionais. Por essa concepção, Halliday (1994) estabeleceu as funções da linguagem, as quais chamou de metafunções, como exposto por Fuzer e Cabral (2014).

A LSF é uma teoria do funcionamento da linguagem, com abordagem descritiva. De modo concreto, realiza descrições gramaticais coerentes, pautadas no modo como os usuários utilizam a língua. A Gramática Sistemico-Funcional (GSF) fornece instrumentos e técnicas para tais descrições, além da metalinguagem, elementos úteis e fundamentais nas análises de textos. Recusando as descrições meramente estruturais, a LSF elege o uso como sua marca fundamental (GOUVEIA, 2009, pp.13-14).

Gouveia (2009), pautado em Halliday, afirma que a linguagem em sua essência desempenha três funções fundamentais. Além de seu objetivo primeiro, comunicacional, a linguagem serve para expressarmos nossas experiências de mundo; para mantermos relações sociais, desempenharmos papéis sociais e para organizarmos de forma linear e coerente os significados. Em outras palavras, a linguagem é entendida como uma manifestação semiótica constituída como uma forma de representação das nossas experiências, sejam reais ou abstratas. Desse modo, é funcional porque se preocupa em

analisar como o usuário emprega linguagem e busca compreender como a língua é estruturada para ser usada por esse usuário.

É importante destacar que a linguagem, sendo um sistema de significados, apoia-se em um eixo paradigmático e em um eixo sintagmático. Ou seja, são desenvolvidos mecanismos de escolhas e seleções que partem de um contexto social e cultural em que o indivíduo expressa suas ideias. Assim, a linguagem configura um modo de agir, e o uso que cada sujeito faz estabelece o sistema de significados. Desse processo de escolhas, todo texto está inserido em um contexto de uso e a linguagem, seguindo a perspectiva de Halliday (1994), estará em favor de atender e satisfazer as necessidades humanas, organizando-se de modo funcional em relação à essas necessidades.

Sendo assim, a língua possui níveis de construção de significados. O nível semântico-discursivo está no plano do conteúdo, aspecto dos significados, enquanto o estrato léxico-gramatical encontra-se no plano de expressão, no aspecto dos fraseados. No plano da expressão, temos o estrato grafofonológico, no aspecto de letras e sons. Neste modelo de linguagem, compreendemos que os significados são realizados em formas verbais e estas são realizadas por sons ou letras, ou seja, o semântico-discursivo é realizado pelo léxico-gramatical que, por sua vez, é realizado pelo grafofonológico, segundo Vian Jr. (2014), com base na teoria elaborada por Halliday.

Pela perspectiva da LSF, podemos compreender que o Registro é a construção dos significados que acontecem inseridos em um Contexto de Situação. Será o conhecimento da gramática que permitirá analisar e descrever como as palavras são selecionadas e organizadas em forma de texto para produzir tais significados. Em outras palavras, no entendimento de Halliday (1994), “o sistema de opções válidas é a “gramática” da língua, e o falante ou escritor seleciona desse sistema: não *in vacuo*, mas no Contexto de Situação de fala” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 26).

Diante do objetivo desta pesquisa, interessa-nos verificar os sentidos construídos pela Metafunção Interpessoal, realizada no estrato léxico-gramatical. De uma análise gramatical, que focaliza a estrutura da língua, partimos para a função exercida por ela. Pelos elementos léxico-gramaticais extraímos as referências de tempo do evento da fala (passado, presente, futuro), voz ativa, passiva, processo, se é ação, se é um processo mental, e assim por diante. Porém, como a LSF não estuda apenas questões intralinguísticas e gramaticais, os elementos do estrato extralinguístico também devem ser considerados, isto é, o Contexto de Cultura e o Contexto de Situação.

Ademais, consideramos fundamental a análise dos elementos não verbais presentes nos editoriais da Revista Atrevida. Sendo assim, no próximo apresentamos os conceitos da Gramática do Design Visual relevantes para este estudo.

1.3.1 Os elementos não verbais nos Editoriais: a Gramática do Design Visual

Linguisticamente, sabemos que a gramática pode servir para descrever o modo como cada elemento compõe uma sentença. De modo semelhante, a proposta da Gramática do Design Visual (GDV), desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006), busca analisar e descrever como as imagens são dispostas, combinadas e organizadas em um texto de modo sistemático.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), comparando a importância dada aos estudos linguísticos, a GDV ainda é bastante negligenciada. Em muitos casos, apenas estudos voltados à arte ou ao design visual lhe dão a devida importância. Embora existam pesquisas voltadas às imagens, os autores destacam que muitas analisam os elementos imagéticos de modo não sistemático e superficial.

Considerando que a sociedade atual tem produzido e consumido cada vez mais textos multimodais, podemos dizer que a primazia da escrita tem cedido espaço às imagens, gráficos, infográficos, elementos sonoros, bem como a integração entre eles. Os principais exames de vestibulares, como o ENEM, cobram de seus candidatos a habilidade de interpretar tais textos. As mídias virtuais fazem amplo uso desses recursos e as mídias impressas têm acompanhado esse movimento.

Figura 5: Enem 2018, questão 25

enem2018

QUESTÃO 25



DAÍ, VIERAM ME CHAMAR, CAUSA DUM BEZERRO!

UM BEZERRO BRANCO, EROSOS, OS OLHOS DE NEM SER - SE VIU -: E COM MÁSCARA DE CACHORRO.

DETERMINARAM - ERA O DEMO.

PAM!

MATARAM.

DONO DELE NEW SET QUEM FOR, VIERAM EMPRESTAR MINHAS ARMAS, CEDI. NÃO TENHO ABUSÕES.

O SENHOR RI CERTAS RISADAS OLHE: QUANDO É TIRO DE VERDADE, PRIMEIRO A CACHORRADA PESA A LATIR. DEPOIS, ENTÃO, SE VAI VER SE DEU MORTOS. SENHOR TOLERE, ISTO É O SERTÃO.

ROSA, R. *Grande sertão: veredas*: adaptação da obra de João Guimarães Rosa. São Paulo: Globo, 2014 (adaptado).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- Ⓐ romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- Ⓑ ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- Ⓒ articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- Ⓓ potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- Ⓔ desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

LC - 1º dia | Caderno 1 - AZUL - Página 25

Fonte: Inep – Caderno de Questões Azul (2018, p. 25)²

Devido à expansão do uso de imagens no nosso cotidiano, Kress e van Leeuwen (2006) destacam a importância do letramento visual para que possamos interagir, compreender e sobreviver neste novo mundo. Os autores afirmam que isso nos leva à

² Disponível em: Inep, 2018 <https://enem.inep.gov.br/depois#questions-proof>

necessidade de um ensino visual formal e normativo, tendo em vista que analisar a comunicação visual é parte fundamental de um estudo crítico. Por isso, nesta pesquisa, consideramos essencial compreendermos as formas não verbais, tais como cor, linha, fotos, ilustrações, disposição e também o modo como essas formas contribuem, em associação à linguagem verbal, para a construção de sentidos nos editoriais da Revista *Atrevida*.

Com base na LSF, a GDV toma como modelo a abordagem sociosemiótica de Halliday e compreende que as estruturas visuais, assim como as linguísticas, são pautadas nas três metafunções. Kress e van Leeuwen (2006, p. 20) destacam que as três funções são um ponto inicial de reflexão sobre as imagens, já que a proposta desenvolvida por Halliday pode ser aplicada para todos os modos de representação e não apenas para a linguagem verbal. Sendo assim, as imagens também têm a função de representar o mundo ao redor e o mundo interno de um indivíduo, as interações e relações sociais, além de constituírem textos organizados, que são veiculados de diferentes formas.

Desse modo, Kress e van Leeuwen (2006) observaram que não fazia sentido analisar apenas os aspectos linguísticos dos textos, ou mesmo, analisar as imagens de modo superficial. Logo, passaram a estudar a imagem, sua composição e seu *layout* como uma espécie de gramática. Por essa proposta, as imagens podem passar a ser lidas e analisadas de forma mais ampla e não apenas ser vistas, como defende Lupton (2018).

Nessa perspectiva, a GDV defende a importância do estudo das imagens, em especial da tipografia, como elementos composicionais que desempenham um papel fundamental na produção de significados. Incluindo a tipografia e a caligrafia como pontos de partida para os estudos da comunicação visual, van Leeuwen (2005) se propõe ao estudo de uma sintaxe visual em que as imagens são formas de comunicação com uma linguagem própria e, nela, a imagem apresenta uma estruturação, assim como os signos linguísticos. Considera, portanto, as estruturas visuais e as verbais como um sistema semiótico que visa a diferentes funções comunicativas e representacionais. Por isso, o letramento tipográfico, para o autor, deveria compor o ensino da escrita.

Ao analisar a tipografia em gêneros publicados na imprensa escrita, Lima-Lopes (2015) também afirma que as escolhas tipográficas têm fundamentos estéticos e ideológicos que agregam significados aos textos. Além disso, menciona que, do mesmo modo que a acústica está para a fala, a tipografia está para a linguagem escrita.

Ampliando os estudos e conceitos sobre a escrita, Lima-Lopes (2015, pp. 109-111) ressalta as três semioses das quais acredita que se podem realizar análises sobre essa

modalidade linguística: a escrita manual, o letreiramento e a tipografia, ou seja, a produção cursiva e individual; as letras vernáculas mais gerais, produzidas manualmente para letreiros e outras sinalizações; e as letras produzidas digitalmente, mecanizadas e mais universais.

Van Leeuwen (2005), também buscava explicar a tipografia, mais especificamente as formas das letras. O autor menciona que a formação dos significados, em geral, é feita por associações e combinações que realizamos, contudo, essas associações não determinam o significado restritamente, pois o potencial de significação está condicionado a um contexto específico e centra-se no conhecimento cultural.

Além disso, na LSF, “o contexto é o sistema semiótico de nível superior em que está imersa a linguagem” (GHIO; FERNÁNDEZ, 2005, p. 27). Essa afirmação das autoras baseia-se em Halliday e Hasan (1989) que consideram o texto, seja falado, escrito ou em qualquer meio de expressão, uma instanciación da linguagem inserida sempre em um contexto. Ao considerarmos a relação LSF/GDV, sinalizamos que Silva (2011, p. 38), ao citar Machin, ressalta a diferença da abordagem funcionalista proposta por Kress e van Leeuwen para as demais abordagens que se orientam pelo léxico e analisam os signos de forma individualizada e descontextualizada, considerando os sentidos como previamente fixados.

Nessa concepção, seja verbal ou não-verbal, o texto é sempre um potencial de significados e do mesmo modo como os contextos constituem o não verbal dos textos e são fundamentais para a construção dos significados, a GDV defende que os elementos visuais também são formas de representação e por eles são estabelecidas relações culturais, sociais e interacionais. Para van Leeuwen (2005), por exemplo, irregularidades entre as letras podem representar uma metáfora para se ir contra normas, convenções ou demonstrar rebeldia.

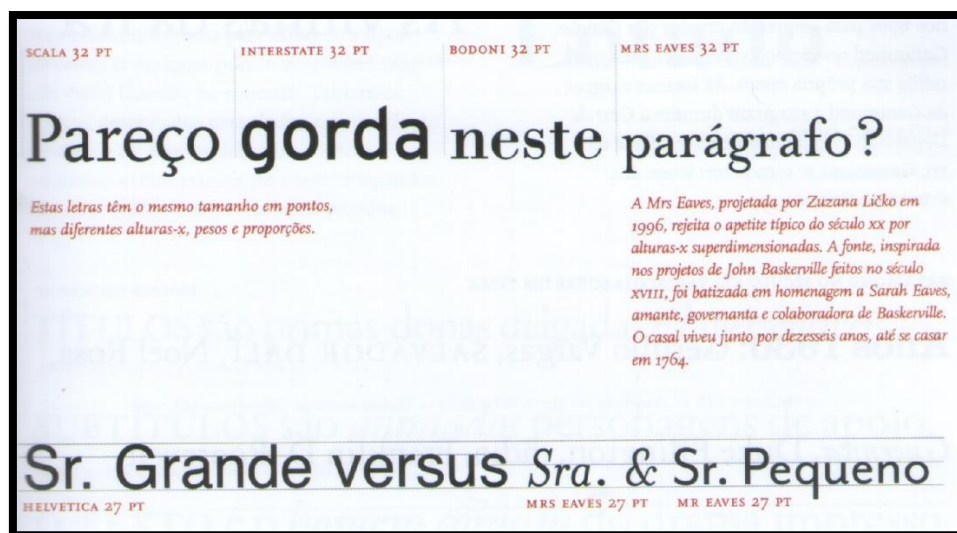
Almeida (2008) destaca que a análise sociossemiótica visual parte da concepção de imagem que, além de reproduzir estruturas da realidade, carrega em si um efeito ideológico para comunicar significados. Em nosso caso específico, interessa-nos compreender como elementos tipográficos relacionados ao contexto de produção de uma revista para adolescentes podem ser usados pela editorialista para estabelecer relações interpessoais com seu público leitor.

Diante disso, os elementos visuais se mostram um aspecto de extrema relevância semântica. Embora pareça ainda ser pouco notados em meio aos estudos linguísticos, a tipografia, por exemplo, vista como discurso, reconstrói os modos de ver e de ler. Vale

destacar também que a tipografia pode direcionar o olhar não só para as formas das letras, como para as cores, tridimensionalidade, textura, movimento.

Na estruturação tipográfica são considerados aspectos como a anatomia das letras, a variação de peso (*bold/negrito*), a variação em itálico, mas a tipografia, como já mencionado, é uma comunicação multimodal que vai além das questões estéticas e artísticas. Lima-Lopes (2015) destaca que, num primeiro momento, podemos acreditar que um indivíduo escolhe uma família tipográfica apenas por gosto, entretanto, as escolhas são muito mais complexas e englobam uma série de fatores, tais como os sociais, ideológicos e funcionais. O exemplo de Lupton (2018), na Figura 6, ilustra muito bem as relações de sentidos entre o verbal e o não-verbal expressos por meio das formas e tipos de letras.

Figura 6: Tipografia como narrativa



Fonte: Reproduzido de Lupton (2018, p. 35)

Sendo assim, sem dúvida, é fundamental analisarmos a relação da tipografia com elementos linguísticos e o todo dos textos dos editoriais, pois acreditamos que essas escolhas sejam influenciadas já que os editoriais precisam ser legíveis e compactos, devido ao meio de publicação.

Devido a relevância dos elementos visuais na constituição dos textos, para uma melhor compreensão das contribuições da GDV para esta pesquisa, detalharemos na seção seguinte como cada uma das três metafunções hallidayanas são ressemiotizadas e adaptadas à proposta da GDV de Kress e van Leeuwen.

1.4 As metafunções da linguagem na Gramática do Design Visual

Como mencionado anteriormente, é importante compreender que a relação principal entre a LSF de Halliday e a GDV de Kress e van Leeuwen está pautada nas três metafunções da linguagem (Ideacional, Interpessoal e Textual). Criando um paralelo com as três metafunções da linguagem, Kress e van Leeuwen adaptaram as nomenclaturas dentro da perspectiva visual, desse modo, são classificadas como representacionais (Ideacional), interativas (Interpessoal) e composicionais (Textual), como indica Almeida (2008) e como apresentamos no Quadro 2.

Quadro 2: Correspondência entre as metafunções na LSF e GDV

LSF	Significação	GDV	Significação
Ideacional	A ação social, o assunto sobre que se fala, a natureza da ação.	Representacional	Representação dos atores e objetos, as circunstâncias dos eventos.
Interpessoal	As relações entre os participantes na situação de comunicação.	Interativa	A relação entre a imagem e o observador.
Textual	A organização textual, o canal (fala ou escrita) e o modo da linguagem.	Composicional	Relação dos elementos da imagem, estrutura e formato.

Fonte: Adaptado de Lima-Neto (2011, p. 67)

Com base nas inter-relações entre as metafunções na LSF e na GDV, a Metafunção visual representacional é capaz de representar aspectos do mundo. Seguindo a mesma noção da Metafunção Interpessoal, na função interativa os autores consideram que qualquer modo semiótico é capaz de estabelecer relações entre os indivíduos que produzem, recebem e reproduzem a linguagem. Por fim, a Metafunção composicional estabelece as mesmas relações que a Metafunção Textual. Nela são formados os textos com seus diferentes arranjos composicionais.

Sobre os valores composicionais, Kress e van Leeuwen (2006) estabelecem três sistemas: o de valor informativo, de saliência e de estruturação. Cada um desses sistemas integra as três metafunções e são aplicados a todo e qualquer tipo de texto visual. No que diz respeito ao valor informativo, as produções de sentidos da imagem são constituídas de acordo com a localização no texto, ou seja, se direita, esquerda, centro, margem, parte superior ou parte inferior. Já no sistema de saliência são analisados elementos como cor, luminosidade, nitidez, tamanho, contraste, primeiro e segundo plano etc. E o sistema de

estruturação foca na observação e análise da divisão dos elementos visuais com linhas, conexão ou não de elementos às imagens etc.

Neste ponto, vale destacar que, do mesmo modo como as três metafunções da linguagem, as metafunções para o visual também são indissociáveis. Os sistemas de valores composicionais são importantes e uma análise coerente deve atribuir a mesma relevância ao texto verbal e visual quando apresentados de modo integrado.

Diante disso, nesta pesquisa torna-se imprescindível a análise visual dos possíveis elementos presentes nos editoriais em conjunto com os elementos verbais para que obtenhamos uma melhor compreensão do modo como o gênero está estruturado e como todos esses aspectos refletem na interação entre a editorialista e suas leitoras e constroem sentidos nos textos.

1.5. O diálogo teórico estabelecido nesta pesquisa

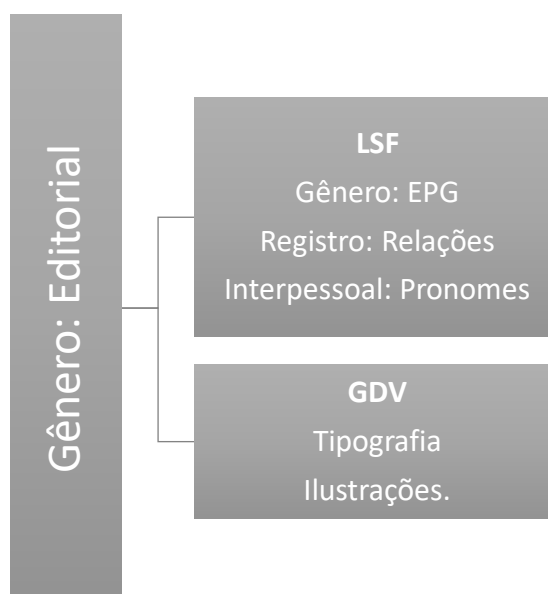
Este capítulo teve como objetivo apresentar os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa. Desse modo, partimos das concepções do gênero editorial na esfera jornalística, suas definições e características. Em seguida, na perspectiva da LSF, apresentamos a noção de estrutura esquemática e estágios, a fim de expormos a visão de gênero no âmbito dessa teoria.

Nessa sequência, observamos a relação do gênero com a linguagem, as variáveis de registro, as metafunções e contínuos, até chegarmos ao estrato léxico-gramatical para a análise dos elementos linguísticos, como os pronomes.

Por fim, mas não menos importante, apresentamos, brevemente, alguns conceitos da GDV relevantes a este estudo, com a finalidade de embasar a análise dos elementos não-verbais presentes nos textos que compõem o *corpus*.

Assim, resumimos na Figura 7 os elementos teóricos mobilizados para esta pesquisa:

Figura 7: Elementos teóricos mobilizados para a pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Acreditamos que seguimos um caminho lógico que parte do estrato mais amplo que é o Contexto de Cultura (Gênero), passando pelo Contexto de Situação (Registro e suas variáveis de Campo, Relações e Modo), chegando ao estrato mais específico que é o léxico-gramatical (língua). Usamos também a GDV para ampliarmos a análise da linguagem não-verbal empregada nos editoriais, partindo do pressuposto de que a teoria de Kress e van Leeuwen (2006) expande a GSF, de Halliday, considerando, assim, que tanto os elementos verbais quanto os visuais são responsáveis pela construção dos sentidos dos textos.

Tendo definido os construtos teóricos que embasam a análise dos dados, passamos, no próximo capítulo, a apresentar a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo será apresentada a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Visando compreender as relações interpessoais, a partir das escolhas léxico-gramaticais utilizadas em seis editoriais da Revista *Atrevida*, na seção Blog da Redação, este estudo aborda, na inter-relação da Metafunção Interpessoal com a variável de Registro Relações do Contexto de Situação, bem como questões de Gênero discursivo, no Contexto de Cultura da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). O paradigma adotado será de ordem qualiquantitativa e a proposta busca identificar as relações estabelecidas linguisticamente entre o editorial e as leitoras por meio dos pronomes pessoais como reveladores dos papéis assumidos, bem como outras marcas verbais e não verbais que compõem e caracterizam o gênero editorial na Revista *Atrevida*.

A organização deste capítulo segue o seguinte percurso: primeiramente, discutimos (i) a natureza qualiquantitativa desta pesquisa, as perguntas e os objetivos propostos para seu desenvolvimento; em seguida, passamos para (ii) a descrição do *corpus* e das edições da Revista *Atrevida* analisadas neste estudo; apresentamos, na sequência, (iii) os instrumentais utilizados para gerar, armazenar, organizar e analisar os dados de pesquisa; por fim, são elencados (iv) os procedimentos para a análise dos dados.

O aporte teórico, como já mencionado no capítulo teórico, está fundamentado em Halliday e Hasan (1989), Halliday (1994), Eggins (2002), bem como nos trabalhos em português que abordam a LSF, como os de Vian Jr. e Lima-Lopes (2005), Ikeda e Vian Jr. (2006), Gouveia (2009), Vian Jr. (2009a, 2009b, 2014) e Fuzer e Cabral (2014), autores que discutem os principais pressupostos da LSF; nas características do gênero editorial apresentadas por Souza (2006), Aquino (2013). E no conceito de tipografia apontado por Lupton (2018) e, em língua portuguesa, por Lima-Lopes (2015), além de parte do enquadre teórico abordar a Gramática do Design Visual (GDV) proposta por Kress e van Leeuwen (2001, 2006) e van Leeuwen (2005).

2.1 A natureza qualiquantitativa da pesquisa, as perguntas e seus objetivos

Os métodos adotados para análises de pesquisas científicas são, em geral, estabelecidos em quantitativo e qualitativo. As abordagens e especificidades de cada um são diferentes tanto no modo de tratamento dos dados, quanto nos procedimentos de

análises. Mesmo que os métodos sejam distintos, podemos afirmar que não são excludentes e, por isso, é possível o uso misto em análises de pesquisa que buscam explorar os pontos fortes de cada um, conforme Paschoarelli, Medola e Bonfim (2015).

O paradigma quantitativo tem por base estudos pautados em análises objetivas e verificáveis por meio de dados estatísticos e numéricos. Em contrapartida, o paradigma qualitativo busca compreender os dados focalizando a interpretação, a subjetividade, evidenciando o processo e não apenas a quantificação dos fenômenos ou objetos de estudo (PASCHOARELLI; MEDOLA; BONFIM, 2015, p. 69).

De acordo com Pennycook (1998), os dois métodos são importantes, contudo, a pesquisa qualitativa sofre uma certa rejeição por parte dos apreciadores da pesquisa quantitativa, desse modo, tem sido “ignorada, pouco desenvolvida, mal compreendida e, frequentemente, igualada a uma concepção de etnografia” (PENNYCOOK, 1998, p. 31). Contrapondo-se a essa afirmação, Marconi e Lakatos (2009) entendem que a pesquisa de base qualitativa busca analisar e interpretar os dados com profundidade, visando descrever os aspectos comportamentais humanos, portanto, aspectos complexos. Além disso, Laville e Dionne (1999, p.213) afirmam que:

Para interpretar tais resultados, o pesquisador deve ir além da leitura apressada, para integrá-los em um universo mais amplo em que poderão ter sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e dos conhecimentos já acumulados em torno das questões aí abordadas. Em suma, trata-se da bagagem que levou o pesquisador à sua hipótese e que vai ajudá-lo a dar significação ao que a pesquisa trouxe a captar os mecanismos das relações percebidas e a compreender o como e o porquê de sua presença.

Para a compreensão desse “como” e desse “porquê” de que falam Laville e Dionne, Queiroz (2012), pautado em Dörnyei (2007), menciona que a pesquisa qualiquantitativa apresenta três aspectos básicos, (1) de teor ideológico, (2) de categorização e (3) de percepção da diversidade individual. Com base nisso, entendemos que uma abordagem completa de um fenômeno se dá por meio de uma pesquisa que produza uma análise de quantificação e, por conseguinte, uma interpretação dos dados gerados. Portanto, com base nesses critérios, podemos afirmar que esta pesquisa se caracteriza como um trabalho de natureza qualiquantitativa, pois adota o paradigma qualitativo, ao observar, discutir e caracterizar as relações interpessoais expressas nos editoriais em que a editorialista procura relacionar-se com suas leitoras. E quantitativo, ao buscar quantificar as marcas lexicais, o uso de imagens, *emoticons* e desenhos que

procuram expressar a aproximação da autora com seu público, objetivando descrever as principais características do gênero editorial na Revista Atrevida.

Por essa perspectiva, como apresentado na Introdução, emergem as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como são estabelecidas linguisticamente as relações entre o editorial e as leitoras?
2. Como estão representados os pronomes pessoais na escrita da editorialista e qual a sua relevância na interação entre a editorialista e as leitoras?
3. Quais outras marcas verbais e visuais e características linguísticas interpessoais são empregadas no *corpus* analisado?
4. Como se caracteriza, do ponto de vista estrutural, o gênero editorial na Revista Atrevida?

Seguindo os pressupostos da LSF (HALLIDAY; HASAN, 1989; EGGINS, 2002; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), buscamos estabelecer uma relação entre os conceitos de Gênero, Registro e a as escolhas léxico-gramaticais relacionadas à Metafunção Interpessoal objetivando:

1. Identificar, dentro do contínuo de relações, as marcas léxico-gramaticais que caracterizam a interação entre editorialista e leitoras.
2. Descrever como são empregados os pronomes pessoais enquanto reveladores dos papéis assumidos pela editorialista.
3. Analisar as marcas linguísticas verbais e não-verbais, como por exemplo uso de internetês, gírias, desenhos, tipografia, diagramação, emprego de cores, e outras que possam emergir.
4. Caracterizar a estrutura esquemática e sua organização em estágios e fases do gênero editorial da revista para adolescentes Atrevida por meio do *corpus* analisado.

Para alcançar os objetivos indicados para a realização deste estudo, selecionamos um *corpus* específico e utilizaremos diferentes instrumentos de pesquisa que serão explicitados a seguir.

2.2 Apresentação do *corpus*

Esta seção tem por intuito apresentar o *corpus* que compõe esta pesquisa, gerado de seis edições da Revista Atrevida impressa, publicadas entre os meses de janeiro a junho de 2017, edições de números 268, 269, 270, 271, 272 e 273.

A escolha do *corpus* se justifica, como já mencionado nas considerações iniciais desta pesquisa, pelo fato de que ainda durante minha formação acadêmica, a escrita de adolescentes, tanto em sala de aula, quanto nas redes sociais, despertava-me curiosidades, principalmente acerca do fenômeno linguístico do internetês. Após constatar que a revista tinha circulação entre minhas alunas adolescentes, e fazia uso da linguagem comum ao mundo digital, interessei-me por investigar como, por meio de quais mecanismos e com qual finalidade esse recurso linguístico era empregado pela editorialista.

Além desse fator, por considerarmos a Revista Atrevida um meio de comunicação em massa que está entre as líderes de mercado em seu segmento. Pesquisas realizadas pelo Ibope e divulgadas pela própria editora no *site*³ Mídia Kit, versão 2017, indicam a Revista Atrevida como uma das 15 revistas mais lidas no país, sendo não apenas uma mídia com papel de entretenimento, mas também com papel formativo e educativo, em que o foco principal é informar leitoras adolescentes sobre assuntos diversos que fazem parte do universo feminino *teen*, como aponta o estudo de Oliveira (2009).

A Revista Atrevida, dentre outras revistas juvenis femininas, como Todateen e Capricho, foi selecionada por ter, em linhas gerais, a mesma proposta das demais revistas do segmento, mas especialmente por ter sido a revista revelada como lida por minhas alunas. Outro fator que influenciou a escolha foi o fato de a Atrevida se destacar como a única revista *teen* que dentro do mercado oferece o maior número de páginas editoriais.

Ademais, o perfil do público indicado pela revista está entre meninas de 14 a 19 anos, das classes A, B e C. Pesquisas divulgadas pela editora, no Mídia Kit, sinalizam que 62% representam as classes A e B; 76% possuem *Smartphone*; 89% estão em idade escolar, entre 15 e 19 anos e 48% recebem mesada e escolhem os produtos e marcas que irão consumir (ATREVIDA, 2017). Além de não se limitar apenas ao perfil estabelecido, pois dados também apontam que 5% se compõe do sexo masculino, sendo possível encontrar também leitoras fora da faixa etária citada, conforme Oliveira (2009).

³ Site mídia kit: <http://midiakit.escala.com.br/atrevida/>. Acessado em 26 de maio de 2018.

Remontando, brevemente, à história da mídia juvenil no Brasil, as tiras de quadrinhos veiculadas nos jornais de 1930 foram as primeiras publicações destinadas aos leitores e leitoras juvenis, como aponta Oliveira (2009), com base no trabalho de Mirra (2003).

A seguir, a revista *Capricho*, lançada em 1952, pela Editora Abril, foi a pioneira dentre as revistas do segmento juvenil. Inicialmente, apresentando uma proposta de publicação de fotonovelas, com os demais temas sobre moda, beleza, horóscopo, seção de cartas, depoimentos de ídolos, etc. Com o passar do tempo, optou exclusivamente pelo perfil feminino juvenil e na década de 1980 foi reformulada para atender melhor aos interesses do seu público.

Lançada em 1972, pela Editora Abril, a revista *Pop* também propunha temas destinados ao universo juvenil. Silva (2017) indica que o periódico tratava questões como moda, sexo, educação, esportes, músicas e pôsteres de celebridades como estratégia de venda. O estudo ainda aponta que a revista circulou por sete anos, sendo encerrada em 1979. Paralelamente, no ano de 1975, foi lançada, pela Editora Abril, a revista *Carícia*, com a mesma proposta. Desse modo, mostrando-se como um público em potencial, o universo juvenil foi ganhando o mercado e as revistas para adolescentes femininas passaram a se fixar no segmento.

Diante disso, a Revista *Atrevida*, escolhida para compor esta pesquisa, foi publicada em 1994, pela Editora Símbolo, inspirada em sua concorrente *Capricho*, uma das veteranas entre as revistas juvenis femininas. Com uma proposta “descolada, divertida e diferente” (OLIVEIRA, 2009, p.55), a revista chega ao mercado inspirando suas leitoras a serem “atrevidas”, com a abordagem de temas como: moda, saúde, sexo, beleza, celebridades, comportamento, horóscopo, entre outros.

A primeira edição em 1994, tendo a atriz Regiane Alves como capa, trazia dicas infalíveis para conquistar meninos, receitas para beleza, pôsteres e entrevistas com símbolos de beleza, conforme foto da capa na Figura 8.

Figura 8: Capa da primeira edição da revista, 1994



Fonte: Site Atrevida⁴, 2011

Sobre a escolha do *corpus*, os editoriais que compõem as edições analisadas foram escritos por Ana Paula Burger, formada em jornalismo (cf. Fotografia 1). De acordo com declarações ao *site* de perfil profissional *LinkedIn*, a jornalista iniciou seu trabalho na Editora Escala em 2010 como editora chefe do núcleo *teen*, em 2012 assumiu o cargo de diretora de conteúdo da marca Atrevida e em 2017 ampliou também suas funções para a coordenação editorial de produções de livros infantis, *tweens* (pré-adolescentes) e *teens* (adolescentes).

Fotografia 1: Ana Paula Burger, editorialista da revista



Fonte: Disponível no *site LinkedIn*⁵, 2018

A seção escolhida para pesquisa chamou-nos atenção devido à quebra do tradicionalismo atribuído ao gênero editorial marcado pelo uso da linguagem empregada por Ana Paula Burger, que figura como autora do *Blog* da Redação. O que nos levou a

⁴ Site Atrevida: <http://www.atrevida.com.br/celebs/se-liga/atrevida-17-anos-veja-os-melhores-momentos-da-revista---depoimentos>

⁵ Site LinkedIn: <https://br.linkedin.com/in/ana-paula-b%C3%BCrger-5a7a6a47>

essa observação inicial foram o emprego e o uso dos recursos linguísticos como: jargões, abreviações, gírias próprias dos adolescentes, uso de internetês, além de palavras e frases em outros idiomas, como o espanhol, mas predominantemente o inglês, além de outros elementos típicos da linguagem digital, embora veiculados no meio impresso.

Em uma primeira análise, na seção da revista em que são apresentados os conteúdos da edição, verificamos uma busca por parte da editorialista em aproximar-se do público adolescente feminino, a fim de cativá-lo e convencê-lo à leitura e assinatura da revista. Essa estratégia denota, portanto, a aplicação dos objetivos propostos em 2017, em que a *Atrevida* adota como seu conceito principal estabelecer uma relação de “melhor amiga da menina que quer estar informada, sempre bonita e por dentro do mundo das celebridades” (ATREVIDA, 2017).

Pensando não apenas nas relações interpessoais estabelecidas por meio da linguagem e das construções das identidades sociais presentes nos textos analisados, consideramos também o contexto sociocultural e econômico em que se encontra o mercado editorial de materiais impressos após o avanço da tecnologia digital.

Dessa forma, vislumbramos uma relevância em analisar como a Revista *Atrevida*, um suporte impresso, ainda se mantém forte na proposta de interagir com o público feminino adolescente cada dia mais antenado em tecnologias digitais móveis. A seguir serão apresentadas as ferramentas utilizadas para a análise do *corpus* deste estudo.

2.3 Mecanismos de análise dos dados

Para analisarmos os dados deste estudo, contamos com o uso programa computacional *AntConc 3.5.0* e, por essa razão, tecemos breves considerações sobre as contribuições da Linguística de Corpus.

Diante de muitos obstáculos e descrença, a Linguística de Corpus (doravante LC) apresentou seu primeiro *corpus* linguístico eletrônico por volta de 1964. Segundo Berber Sardinha (2004), este era um momento delicado para os estudos linguísticos, já que Noam Chomsky havia lançado a teoria da gramática universal.

Para uma melhor compreensão dos objetivos da LC, devemos atentar ao fato de que ela se ocupa de coletar dados linguísticos para a exploração e análise da língua com auxílio computacional e possibilita um estudo com base na observação, ou seja, nas evidências empíricas, objetivando, portanto, a descrição linguística, conforme Berber Sardinha (2004).

No Brasil, os estudos em LC vêm ganhando cada vez mais espaço. Segundo o panorama histórico traçado pelo pesquisador (BERBER SARDINHA, 2004), desde os anos 1960, em Portugal, vem sendo gerado um trabalho de corpora da língua portuguesa. O autor destaca entre esses estudos o do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa; os compilados de Jean Roche; Cléa Rameh e Maria Teresa Biderman.

Seguindo as nomenclaturas empregadas na LC, o tipo de *corpus* analisado nesta pesquisa é de modo escrito, composto por textos publicados nos primeiros seis meses de 2017, configurando-o como contemporâneo; de seleção especializada, tendo em vista que exploramos seis textos do gênero editorial; com conteúdo multilíngue, como pode ser verificado na edição 269 da revista. Ademais, a editorialista é brasileira, portanto a autoria é de língua nativa e a finalidade do *corpus* é de estudo.

Ainda nessa linha de análise e classificação, os editoriais não apresentam pluralidade de autoria, pois são escritos integralmente por uma mesma pessoa, a editorialista da revista, Ana Paula Burger. Os textos são compostos pelo tipo narrativo, em sua maioria, e a linguagem evidencia traços dialetais, como gírias de grupos jovens (BERBER SARDINHA, 2004, pp. 20-26).

Embora seja um *corpus* de extensão pequena, com menos de 80 mil palavras, seguindo a classificação exposta por Berber Sardinha (2004, p. 26), a representatividade do *corpus* desta pesquisa se dá a partir das probabilidades de ocorrências de traços mais comuns e menos comuns dentro do contexto dos editoriais da Revista Atrevida.

Mostra-se importante destacarmos a relação da LC com a LSF. Em primeiro lugar, Berber Sardinha (2004) ressalta a abordagem empirista e uma visão probabilística da linguagem da LC, aspectos convergentes ao proposto pelos estudos hallidayanos. Nesse viés, o sistema linguístico pode ser descrito pelas probabilidades de escolhas dentro de um determinado contexto de produção. Esses quadros conceituais opõem-se, portanto, aos conceitos estruturalistas, racionalistas da linguagem. Sendo assim, segundo o autor, “a visão da linguagem como sistema probabilístico pressupõe que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 30-31). Logo, podemos observar que as características linguísticas e seus traços de ocorrências estão diretamente ligados às experiências, à relação dos usuários dentro de um contexto real de uso, tornando assim, essas perspectivas funcionais.

Sendo assim, um dos elementos primordiais dentro dessa perspectiva teórica é, sem dúvida, o recurso computacional. Essa ferramenta possibilita o armazenamento de

corpora e sua exploração. Por esse motivo, nesta pesquisa, adotamos o sistema *AntConc* 3.5.0, um *software* de uso livre desenvolvido por Laurence Anthony e disponível *on-line*. O programa funciona em qualquer ambiente *Windows*, *Macintosh OSX* e *Linux*.

Segundo Alberts-Franco (2015), o *software* disponibiliza as seguintes ferramentas: *Concordance*, *Concordance Plot*, *File View*, *Clusters*, *Collocates*, *Word List* e *Keyword List*. Essas ferramentas possuem funções específicas e no Quadro 3 resumimos, baseados em Berber Sardinha (2004), as ferramentas do programa utilizadas nesta pesquisa: *Wordlist* e *Concord*.

Quadro 3: Ferramentas do *AntConc* utilizadas na pesquisa e suas funções

Ferramenta	Função
<i>Word List</i>	Permite gerar uma lista de palavras, uma em ordem alfabética, outra por ordem de frequência das palavras, ou por sufixos.
<i>Concord</i>	Produz concordâncias ou listas das ocorrências da palavra de busca acompanhada do texto ao redor (co-texto). Dentre os tipos de listagem, a <i>Key Word in Context</i> (KWIC) é a mais comum, nela a palavra de busca aparece centralizada e há porções do texto de origem que estão à direita e à esquerda da palavra de busca.

Fonte: Elaborado a partir de Berber Sardinha (2004, pp. 87-112)

Sendo assim, das ferramentas disponíveis no programa *AntConc* 3.5.0, interessamos, em um primeiro momento, aquelas destinadas ao levantamento de uma lista de palavras (*Wordlist*). Listamos no Quadro 4 as palavras utilizadas na análise, a fim de detectar as marcas lexicais de interação entre a editorialista e suas leitoras.

Quadro 4: Itens lexicais da análise (Pronomes e Despedidas)

Itens Lexicais	Ed. 268	Ed. 269	Ed. 270	Ed. 271	Ed. 272	Ed. 273	Total de Ocorrências
Você	5	3	2	1	3	2	16
Eu	2	3	1	0	4	1	11
A gente	1	0	5	1	1	2	10
Até	1	1	2	2	1	1	8
Beijos	1	1	1	0	0	1	4
Nós	0	0	0	0	0	1	1
Beijo	0	0	0	0	1	0	1
Total	10	8	11	4	10	8	51

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* de pesquisa

Das palavras mais frequentes na *WordList* gerada pelo *AntConc*, optamos, primeiramente, pelos pronomes pessoais, pelo fato de indicarem os papéis assumidos no discurso, seguido pelas palavras que marcam as despedidas nos editoriais, por denotarem o grau de afetividade e contato estabelecido entre a editorialista e suas leitoras. No decorrer das análises também constatamos outras marcas linguísticas como gírias, hipocorísticos e internetês que atuam como recursos de interação. Todos os dados serão expostos e analisados no Capítulo III.

2.4 Os procedimentos de análise dos dados

Apresentamos nesta seção os procedimentos de análise e tratamento do *corpus* deste estudo com a finalidade de organizar, classificar, categorizar e manter claras as informações e processos.

Para segmentar a análise dos dados, todos os editoriais foram escaneados, transformados em imagens digitais, identificados pela numeração da edição e salvos em arquivos no computador. O passo seguinte foi a digitação dos textos escaneados que compõem o índice da revista e os editoriais para arquivos em formato txt, um formato em texto sem qualquer recurso de formatação como negrito, itálico e sublinhado. Este formato é, em geral, aberto por muitos programas. Esse procedimento se fez necessário para que os dados fossem submetidos ao programa de análise *AntConc 3.5.0*.

Como já mencionado, desse programa computacional, utilizamos duas principais ferramentas: o *Concordance* (Concordanciador) e o *Wordlist* (Lista de Palavras). O uso dessas duas ferramentas possibilitou a identificação das marcas lexicais oriundas da interação da editorialista com suas leitoras que poderiam representar os papéis sociais atribuídos e desempenhados.

O primeiro passo de análise localizou os itens lexicais de interesse do estudo de forma individual e acompanhados de outros elementos que os cercam, como por exemplo verbos, conjunções, substantivos, entre outros, que serão apresentados no Capítulo III de análise dos dados. O reconhecimento dos itens lexicais relacionados ao contexto em que foram produzidos, bem como as relações estabelecidas pelas variáveis de Registro, representam indícios de marcas interpessoais que possivelmente serão identificadas na escrita da editorialista.

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que emoldura a combinação do paradigma qualiquantitativo desta pesquisa. Foram também abordados os aspectos

principais da constituição do objeto de pesquisa, bem como a exposição dos procedimentos de análise e instrumentos para gerar os dados e analisar o *corpus*. A seguir, no Capítulo III, apresentamos, analisamos e discutimos os dados que compõem esta pesquisa.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, gerado da análise de seis editoriais das edições da Revista Atrevida. Os textos compilados possibilitam a análise e exploração linguística para identificação dos papéis atribuídos e desempenhados pelos interactantes dentro do contexto de produção dos editoriais da revista.

O capítulo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção são apresentadas informações gerais sobre a revista Atrevida, tais como tiragem, meio de circulação, valor, perfil do público leitor e outros dados. A seguir são apresentados dados linguísticos dos editoriais que compõem o *corpus* de estudo, como número total de palavras e categoria gramatical analisada: os pronomes pessoais.

Na seção seguinte são apresentadas definições e explicações sobre os pronomes pessoais estudados (“eu”, “você”, “nós” e “a gente”) e, com o auxílio da ferramenta *AntConc 3.5.0*, são feitas as análises qualiquantitativas desses elementos presentes nos editoriais. Seguimos as análises linguísticas considerando também os demais elementos que denotam as relações de poder, afetividade e frequência, como as despedidas, internetês, gírias, hipocorísticos e marcas de oralidade na escrita.

Prosseguindo as análises, com base nos editoriais analisados, é delineada a estrutura padrão do gênero editorial na revista Atrevida a partir da exploração e análise dos estágios constituintes desses textos. Por fim, são analisados os elementos gráficos dos editoriais como cores, imagens, disposição etc.

Com base nisso, a seguir analisamos e discutimos os aspectos teórico-metodológicos, baseados no processo proposto no Capítulo II.

3.1 O contexto da revista e a constituição do *corpus*

Apresentamos nesta seção as descrições das edições analisadas e a compilação digitada dos editoriais que compõem o *corpus* deste estudo. Descrevemos as seis edições na ordem de publicação e exploramos os aspectos gerais de cada edição com foco nos editoriais, por serem o recorte proposto por este estudo.

A Revista Atrevida é de circulação mensal, com tiragem aproximada de 83.100 exemplares, comercializada no ano de 2017 a R\$ 7,90, tendo como público principal as leitoras da região sudeste, que representam 65% das consumidoras, segundo *site* da própria revista (ATREVIDA, 2017).

Como indicamos no capítulo de metodologia, as edições que compõem o *corpus* desta pesquisa foram lançadas por meio impresso, mas a revista também conta com plataformas de vendas e divulgações como: *site*, redes sociais e aplicativos. Contudo, devido ao escopo do estudo e aos objetivos de pesquisa, analisaremos somente os editoriais impressos. Sendo assim, a escolha desse recorte de estudo se deu devido à circulação da Revista Atrevida entre minhas alunas, chamando minha atenção para a importância do material impresso e seu espaço ocupado na sociedade mesmo com a difusão digital. Além disso, optamos pelos editoriais impressos pela facilidade e praticidade em casos de comparações com outras revistas também impressas, já que não é preciso, nesse caso, realizar uma assinatura, pois são disponibilizadas em bancas de jornais e algumas redes de supermercados.

Das observações prévias, uma peculiaridade da Revista Atrevida são os projetos especiais, tais como a apresentação da revista 3D, edições com capas triplas, revistas frente-verso e pôster gigante (ATREVIDA, 2017). Como exemplo das capas triplas, a edição 268 foi publicada com opções ilustradas na Figura 9:

Figura 9: Capas A, B e C da edição 268, respectivamente




Fonte: Site Atrevida, 2017

Em 2016, na edição 2461 de janeiro, a revista *Veja* lançou 12 capas diferentes para ilustrar um mesmo assunto, todas as capas tinham uma imagem de David Bowie como forma de homenageá-lo, e assim, alcançar seus fãs. A Trip - TPM também faz uso

desse recurso, as edições mais recentes de número 174 e 176 de 2018 foram lançadas com capas duplas. Essa estratégia parece ser uma nova tendência do mercado editorial, uma temática de análise interessante para estudos futuros. Na *Atrevida*, a proposta em circular a mesma edição com capas distintas nos parece ser um mecanismo para atrair visualmente mais leitoras.

Sobre as seções principais, a revista segue um padrão, conforme os dados do Quadro 5. Dentro desta divisão, a revista publica os editoriais na seção intitulada *Check-in*.

Quadro 5: Seções que compõem a Revista Atrevida

SEÇÕES	 Check-in
	Ídolos
	Comportamento
	Moda
	Especial
	E mais...

Fonte: Elaborado pela autora com base nas edições da revista que compõem o *corpus*

Detalhamos, assim, os principais aspectos contextuais do *corpus* que compõe esta pesquisa. A seguir, com auxílio da ferramenta computacional *AntConc* 3.5.0, procedemos à análise quantitativa dos dados. A visualização quantitativa dos dados serve como um princípio para a delimitação específica das categorias léxico-gramaticais, das quais partiremos para a identificação dos papéis sociais, a fim de caracterizar a relação entre a editorialista e suas leitoras. Para tanto, na primeira etapa desta análise, recorreremos à ferramenta computacional *AntConc* 3.5.0, com a função *Wordlist*, para quantificar os referentes que definem os papéis dessa interação.

Considerando que as escolhas linguísticas realizadas pelos interactantes constituem os gêneros, intrinsecamente relacionados ao contexto no qual os sujeitos estão inseridos, após a análise dos números de ocorrências elegemos os pronomes como categoria de análise, aproveitando o recurso *Concordance* identificamos como os pronomes de maior frequência estão acompanhados no *corpus*. Os dois recursos, *Wordlist* e *Concordance* oferecem pistas que podem nos auxiliar na análise dos tipos de papéis e no modo como a interação é construída a partir dos contínuos de poder, afetividade e

contato. Sendo assim, com base nesses levantamentos, iniciaremos na seção 2 uma análise dos pronomes a fim de verificar suas ocorrências.

3.2 Os pronomes pessoais construindo as relações interpessoais: uma análise dos papéis assumidos

Com base no que apresentamos no capítulo teórico sobre o uso dos pronomes no português brasileiro, principalmente com base em Bechara (2009), Castilho (2010), Neves (2003, 2011), Queiroz (2012), Ribeiro (2013), observamos que nos editoriais analisados nesta pesquisa, embora seja empregado o uso coloquial da língua e exista uma predominância do sintagma nominal “a gente”, com 11 ocorrências em relação a uma ocorrência de nós, os verbos que acompanham esses pronomes são conjugados segundo o padrão da língua e não há ocorrências de verbos acompanhados do sintagma nominal “a gente” que tenham levado a conjugação de pronome de primeira pessoa do plural. Como vemos, a seguir, nas ocorrências de (1) a (5).

Vale destacar também que o sintagma nominal “a gente” pode referenciar não só a primeira pessoa do plural “nós”, uma forma inclusiva, mas também pode fazer uma referência genérica, incluindo assim todas as pessoas do discurso sem deixar clara uma forma de determinação do sujeito mesmo que seja indicado o envolvimento da primeira pessoa, como aponta Neves (2011).

Ademais, segundo Ribeiro (2013), a expressão “a gente” tem origem de uma dessemantização e extensão do vocábulo “gente” que vem do latim *gens*, *géntis* (povo). Tal vocábulo carrega em si uma noção de pluralidade e traços de pessoa. Como substantivo, “gente” pode expressar a mesma noção de um pronome indefinido quando usado para denotar noções genéricas como “homem”, “povo”, “pessoas”. Com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, na opção *Wordlist*, identificamos 12 ocorrências do vocábulo “gente”. Porém, com o uso da opção *Concordance*, verificamos que os referentes são empregados em diferentes contextos. Temos as seguintes ocorrências de (1) a (5):

- (1) Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que **a gente** admira super (...) [Ed. 268]
- (2) Quando **a gente** é mais jovem (olha o papo de tia chegando aqui!) costuma ter mais medo de errar, de falhar, do insucesso. Mas com o tempo - e errando muiiito também - **a gente** vai entendendo que dar errado, às vezes, é a melhor

coisa que pode acontecer. É com os erros que **a gente** aprende (...) Esta edição da Atrê está cheia de histórias **de gente** que tirou a ansiedade de letra (...) **A gente** não tem dúvidas de que o futuro deles é melhor do que eles imaginam - e o seu também! Então corre ler a matéria da página 22 (e toda a revista também!) e depois conta **pra gente** o que achou! [Ed. 270]

- (3) A depressão é um distúrbio que afeta nosso cérebro e tira **da gente** a capacidade de ser feliz. Ela aparece por diversos motivos: psicológicos, emocionais e sociais. E o pior é que muita **gente** trata isso como se fosse apenas uma simples tristeza. [Ed. 271]
- (4) E daí que essa história me pegou. Porque às vezes **a gente** nem percebe que está magoando alguém. Ou o faz sem intenção. Ou sem saber. [Ed. 272]
- (5) Dar errado faz parte da vida, ué. E quando **a gente** erra, pode ter certeza, também aprende. Ninguém precisa ser a melhor em tudo que faz. O truque real é se dedicar àquilo que faz **a gente** feliz. [Ed. 273]

Dessas ocorrências, é possível afirmar que a classificação do item lexical “gente” se apresenta de duas formas: como pronome sujeito e como substantivo, de acordo com as ocorrências indicadas no Quadro 6:

Quadro 6: Ocorrências do item lexical “gente”

Item lexical “gente”	Ed.268	Ed.270	Ed.271	Ed.272	Ed.273
Pronome sujeito (nós)	X	X	X	X	X
Substantivo (pessoas)		X	X		

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados

Para que a análise seja coerente, registramos que nas edições 270 e 271, conforme Quadro 6, há o emprego do item lexical “gente” como pronome e como substantivo. Sendo assim, classificamos como formas pronominais as ocorrências em (6) e (7):

- (6) Quando **a gente** é mais jovem (olha o papo de tia chegando aqui!) costuma ter mais medo de errar, de falhar, do insucesso. Mas com o tempo - e errando muiiito também - **a gente** vai entendendo que dar errado, às vezes, é a melhor coisa que pode acontecer. É com os erros que **a gente** aprende (...) **A gente** não tem dúvidas de que o futuro deles é melhor do que eles imaginam - e o seu também! Então corre ler a matéria da página 22 (e toda a revista também!) e depois conta **pra gente** o que achou! [Ed. 270]

- (7) A depressão é um distúrbio que afeta nosso cérebro e tira **da gente** a capacidade de ser feliz. [Ed. 271]

Há ainda o uso como substantivo equivalente a “pessoas, povos, homens”, como ilustram os exemplos (8) e (9):

- (8) Esta edição da Atrê está cheia de histórias **de gente** que tirou a ansiedade de letra (...) [Ed. 270]
 (9) E o pior é que muita **gente** trata isso como se fosse apenas uma simples tristeza. [Ed. 271]

Conforme explicitamos no item 1.2, com base em Cegalla (1994), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009), do levantamento realizado no *corpus* pelo sistema *AntConc*, com foco nas ocorrências dos pronomes de primeira e segunda pessoas (Eu, Você, Nós e A gente), os dados podem ser quantificados da seguinte forma:

Quadro 7: Frequência das ocorrências dos Pronomes: Eu, Você, Nós e A gente

Pronomes	Ed.268	Ed.269	Ed.270	Ed.271	Ed.272	Ed.273	Frequência
Eu	2	3	1	0	4	1	11
Você	5	3	2	1	3	2	16
Nós	0	0	0	0	0	1	1
A gente	1	0	5	1	1	2	10
Total	8	6	8	2	8	6	38

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados

Conforme o Quadro 7, o uso mais frequente é o do pronome “você” com 16 ocorrências, seguido pelo pronome “eu” com 11 empregos. A frequência total do pronome “a gente”, representa dez ocorrências, sucedido pelo pronome “nós”, com apenas uma, o que deixa evidente a preferência pela forma pronominal “a gente” em detrimento de “nós”.

Analisando não apenas a quantidade de ocorrências, mas o contexto em que os elementos linguísticos estão empregados, os padrões léxico-gramaticais das posições dos pronomes analisados “eu”, “você”, “nós” e “a gente” é feito por meio de linhas de concordância, com o auxílio da ferramenta *Concord > Concordance*, do programa *AntConc*. A Figura 10 demonstra a apresentação dos dados do nóculo “eu” no sistema.

Figura 10: Concordance do nódulo “eu”

Hit	KWIC
1	er as tarefas, passar as tardes estudando...E eu adorava esta época em que a mochila ficava
2	, por ser fã de Sandy & Junior...Até que eu aprendi a me defender. Como? Retribuindo a "zoeir
3	mo? Retribuindo a "zoeira" da forma como eu conseguia. E daí que essa história me pegou.
4	virou série pela Netflix. Não sabe do que eu estou falando? Dou um resumo: Hannah é uma
5	e causou foi uma estranha tensão. Será que eu já fui um dos motivos para alguém? Não
6	e enxergue quanta coisa legal você tem - e eu não falo coisas materiais, não. Estou falando
7	por cima. E aí você me pergunta: como? Eu respondo: olhe ao seu redor e enxergue quanta
8	época preferida do ano: a volta às aulas! Eu sempre fui a CDF da sala e sempre
9	de tudo dar errado. E se der errado, eu te pergunto: e daí? Quando a gente é
10	heirinho de material escolar novo? Quando eu tinha a sua idade, esta era minha época
11	está meio torto, é difícil acreditar nisso que eu vou dizer agora, mas, lá vai: Vai dar

Fonte: Tela do nódulo “eu” do Sistema AntConc

A análise das relações textuais desses padrões, em relação aos textos onde estão inseridos, segue a distribuição dos colocados⁶ em relação aos nódulos⁷, neste caso, os pronomes. Os colocados foram analisados em posições à esquerda e à direita do nódulo, destacados pelo sistema com outras cores. Os nódulos referentes ao sintagma nominal/pronome foram organizados de acordo com os padrões léxico- gramaticais apresentados no Quadro 8:

Quadro 8: Padrões léxico-gramaticais do pronome “eu”

Nódulo	Classes	Exemplos	Total de Ocorrências
EU +	Verbo	...Eu respondo:eu tinha... ...eu adorava... ...eu aprendi... ...eu conseguia...	5
	Advérbio + Verbo	...eu não falo... ...Eu sempre fui... ...eu já fui...	3
	Pronome + Verbo	...eu te pergunto...	1
	Verbo + Verbo	...eu estou falando?... ...eu vou dizer...	2

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* de pesquisa

⁶ Termo empregado pela Linguística de Corpus. Colocados (*Collocates*): palavras ao redor da palavra de busca (BERBER SARDINHA, p. 110, 2004).

⁷ Nódulo: palavra de busca (BERBER SARDINHA, p. 110, 2004).

Das observações, focamos nos colocados à direita do nódulo “eu” e verificamos que esses colocados são, na maioria, verbos. Como percebemos, os referentes pronominais ocupam uma posição fundamental na análise das relações estabelecidas. Assim como a forma pronominal “a gente”, o uso do “eu”, com 11 ocorrências, denota algo incomum ao gênero editorial tradicional, pois revela a autoria, a identidade e subjetividade do “eu” enunciador.

Com o auxílio da opção *Concordance*, verificamos as ocorrências do pronome “eu” apresentadas nos exemplos de (10) a (14):

- (10) E aí você me pergunta: como? **Eu** respondo: olhe ao seu redor e enxergue quanta coisa legal você tem - e **eu** não falo de coisas materiais, não. Estou falando daquilo que ninguém pode comprar: família, amigos, o amor do seu pet...[Ed. 268]
- (11) Quando **eu** tinha a sua idade, esta era minha época preferida do ano: a volta às aulas! **Eu** sempre fui a CDF da sala e sempre gostei de estudar(...) E **eu** adorava esta época em que a mochila ficava cheia de material novo, cadernos lindos e canetas coloridas (...) [Ed. 269]
- (12) E se der errado, **eu** te pergunto: e daí? (...) [Ed. 270]
- (13) Não sabe do que **eu** estou falando? (...) Muito mais do que a história trágica da garota e todos os seus dilemas pessoais, o que essa série mais me causou foi uma estranha tensão. Será que **eu** já fui um dos motivos para alguém? Não me entenda mal: já fui muito zoada (...) Até que **eu** aprendi a me defender. Como? Retribuindo a "zoeira" da forma como **eu** conseguia [Ed. 272]
- (14) Quando tudo está meio torto, é difícil acreditar nisso que **eu** vou dizer agora, mas, lá vai: Vai dar certo! No fim, tudo dá certo. [Ed.273]

Com base nesses exemplos de (11) a (14), os pronomes pessoais indicam circunstâncias que nos levam a observar as opções semânticas e de escolhas lexicais realizadas pela editorialista para estabelecer os papéis sociais por meio de seu discurso. Desses papéis, nossa análise revelou cinco possibilidades dentre os papéis no discurso a partir das escolhas da editorialista, quais sejam:

(a) “**eu conselheiro**” em (10) ao propor: “olhe ao seu redor e enxergue quanta coisa legal você tem - e eu não falo de coisas materiais, não. Estou falando daquilo que ninguém pode comprar”;

(b) “**eu nostálgico**” em (11) ao lembrar: “Quando eu tinha a sua idade, esta era minha época preferida do ano...”;

(c) **“eu apaziguador”** em (12) ao dizer: “e daí?”;

(d) **“eu reflexivo”** e preocupado em (13) ao questionar-se: “Será que eu já fui um dos motivos para alguém?”;

(e) **“eu portador de esperanças”** em (14) ao afirmar: “Vai dar certo! No fim, tudo dá certo”.

Em todos esses casos, por meio do uso da linguagem, seja com pronomes, seja com processos, Ana Paula Burger, a editorialista, por meio da criação de uma persona, busca manter uma relação de aproximação com suas leitoras, eliminando o distanciamento hierárquico natural, já que ocupa uma posição de escritora, jornalista, com idade mais elevada que a de seu público-alvo.

O pronome pessoal “eu” revela também o ponto de vista, o posicionamento, o mundo interior e exterior da editorialista que escreve os textos que compõem o editorial da Revista Atrevida. Ana Paula Burger não é apenas uma editorialista que escreve de forma impessoal e neutra a visão de uma instituição.

Rompendo com o padrão do editorial tradicional, Ana Paula não só assina seus textos como também, muitas das vezes, parte de sua história, de suas experiências pessoais de vida para construir os editoriais. Se analisarmos o perfil dessa profissional, veremos que os fatores de idade, formação e, conseqüentemente, experiência são fortemente marcados em seu discurso. Para isso, linguisticamente, recorre ao pronome pessoal.

Além do referente “eu”, a forma pronominal de tratamento “você” também é representativa na interação editorialista/leitoras. Estudos, como o de Mendes (1998), apontam que os pronomes de tratamento mais utilizados em língua portuguesa são as formas “você” para 2ª pessoa do singular e “vocês” para 2ª pessoa do plural. Sendo assim, consideramos importante observar como essas formas se comportam no *corpus* analisado.

Com base no levantamento computacional, já mencionado, as ocorrências do pronome de tratamento “você” no *corpus* apresentam os seguintes padrões léxico-gramaticais, expressos no Quadro 9.

Quadro 9: Padrões léxico-gramaticais do pronome “você”

Nódulo	Classes	Exemplos	Total de Ocorrências
VOCÊ +	Verbo	...você achavocê acordavocê ficavocê imaginavocê precisavocê temvocê vemvocê? Mexeu ...	8
	Advérbio + Verbo	...você já parouvocê também vaivocê também é ...	3
	Artigo + Substantivo	...você, uma amiga ...	1
	Conjunção	...você e ...	1
	Pronome + Verbo	...você me perguntavocê se inspira ...	2
	Verbo + Verbo	...você quis sentar ...	1

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* de pesquisa

Assim, como os demais pronomes, “você” ocupa posição de sujeito e na maioria das ocorrências é precedido por verbos. No Quadro 10, são ilustradas as ocorrências por edições.

Quadro 10: Ocorrências do pronome de tratamento “você”

Pronome	Ed.268	Ed.269	Ed.270	Ed.271	Ed.272	Ed.273	Frequência
Você	5	3	2	1	3	2	16

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* de pesquisa

De acordo com o Quadro 10, a edição com maior frequência de ocorrências foi a de número 268. Nessa edição, a primeira do ano, como muitos textos motivacionais que circulam nessa época, o editorial propõe que a leitora reinvente-se e renove-se. Devido ao campo do texto as escolhas léxico-gramaticais denotam uma centralidade na figura da leitora, por esse motivo, justifica-se o pronome destinado ao tratamento de segunda pessoa. Veja:

- (15) O ano passado não foi dos melhores e houve momentos em que **você** quis sentar e chorar, achando de verdade que nada, nada mesmo, daria certo na sua vida? Calma, girl! É supernormal se sentir assim de vez em quando, né? Nesses momentos, o melhor mesmo a fazer é seguir o conselho da sua avó,

chacoalhar a poeira e dar a volta por cima. E aí **você** me pergunta: como? Eu respondo: olhe ao seu redor e enxergue quanta coisa legal **você** tem - e eu não falo de coisas materiais, não (...) Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que a gente admira super e que batalhou muito para realizar seus sonhos, tipo o Christian Figueiredo, a Bia Andrade, a Taci Alcolea, a Mari Saad... Ou **você** acha que eles ficaram famosos do dia pra noite sem nada de esforço e trabalho duro? Que nada! Aproveite esta edição que foi feita pensando em **você** e até a próxima! (...) [Ed.268]

O pronome **você** também ocorre nos seguintes contextos, de (16) a (19):

- (16) Se **você** também é dessas, vai adorar esta edição: preparamos uma matéria superespecial com tudo o que **você** precisa para se preparar e arrasar no ano letivo! (...) Ah, claro, ainda separamos os materiais escolares mais lindos do mundo pra **você** se inspirar na hora de montar o seu kit escolar. [Ed. 269]
- (17) SEU FUTURO É MELHOR DO QUE **VOCÊ** IMAGINA! (...) A ansiedade boa é aquela que vem acompanhada de borboletas no estômago, **você** fica animada, mesmo que um pouco tensa. Já a ansiedade que faz mal é aquela sensação de coração apertado acompanhada de um medo congelante de tudo dar errado. [Ed. 270]
- (18) Vale ler a matéria lá na página 36 e ficar ligada nos sintomas que podem, muitas vezes, passar despercebidos - vai que **você**, uma amiga ou alguém da sua família está passando por isso e não sabe? Toda ajuda e apoio é fundamental! [Ed. 271]
- (19) Sabe aquele dia em que **você** acorda atrasada, tromba com o armário, bate o dedinho do pé na quina da parede, não consegue dar jeito no cabelo e nenhum look agrada? Todo mundo tem um dia desses, acredite (...) Garanto que, no fim, **você** também vai soltar um: vai dar certo! [Ed. 273]

Outra situação marcada pelo uso do pronome, exposto a seguir em (20), revela, além da centralidade no “tu” (aquele com quem se fala), uma aproximação da relação editorialista/leitoras a partir do contraste entre o “eu”, expresso no pronome pessoal oblíquo “comigo”, e o “tu”, explicitado pela variante equivalente e mais usual “você”. Vejamos:

- (20) **Você** já parou pra pensar em como as suas palavras e atitudes afetam as pessoas ao seu redor? (...) Mexeu com **você**? Mexeu comigo também. E **você**, vem comigo nessa? [Ed. 272]

Sobre o pronome “nós”, a única ocorrência surge na edição 273, também de modo inclusivo, a editorialista aconselha suas leitoras, conforme vemos em (21):

- (21) “É impossível acertar sempre, mas cabe a **nós** escolher se vamos enxergar o lado bom ou o ruim do que aconteceu” [Ed. 273]

Verificamos, porém, com base nos dados levantados, que existe uma preferência pelo uso do sintagma nominal “a gente” para fazer referência à primeira pessoa do plural. Acreditamos que esse padrão de uso esteja relacionado ao contexto e linguagem informal empregada pela revista, de modo geral.

No Quadro 11, com base no sistema computacional, relacionamos os padrões léxico-gramaticais do nóculo “a gente”, com função pronominal, no *corpus* deste estudo.

Quadro 11: Padrões léxico-gramaticais do pronome “a gente”

Nóculo	Classes	Exemplos	Total de Ocorrências
A GENTE +	Verbo	... a gente admira... ...a gente aprende... ... a gente erra... ...a gente é...	4
	Advérbio+ Verbo	... a gente nem percebe... ...a gente não tem...	2
	Artigo+ Substantivo	... da gente a capacidade	1
	Verbo + Adjetivo	... a gente feliz ...	1
	Artigo + Pronome	...pra gente o que...	1
	Verbo+ Verbo	...a gente vai entendendo...	1

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* de pesquisa

Com isso, constatamos que, como nos demais casos mencionados anteriormente, o nóculo “a gente” assume uma posição de sujeito sendo seguido com maior frequência por verbos. À esquerda do nóculo em (23) e (26) chamou nossa atenção os padrões de contração das preposições “de + a” e “para + a” formando as variações “da gente” e “pra gente”.

Com base nesses dados, a construção dos papéis por meio do uso desses pronomes parece indicar uma editorialista que se inclui e busca aproximação com a sua leitora ao utilizar os pronomes inclusivos “nós” e “a gente”, ao mesmo tempo em que se distancia e marca a subjetividade, a autoria e a hierarquia ao usar os pronomes “eu” e “você”.

Vejamos as ocorrências de inclusão do “a gente” nos exemplos de (22) a (25):

- (22) Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que **a gente** admira super (...)” [Ed. 268]
- (23) A depressão é um distúrbio que afeta nosso cérebro e tira **da gente** a capacidade de ser feliz. [Ed. 271]
- (24) E daí que essa história me pegou. Porque às vezes **a gente** nem percebe que está magoando alguém. Ou o faz sem intenção. Ou sem saber. [Ed. 271]
- (25) Dar errado faz parte da vida, ué. E quando **a gente** erra, pode ter certeza, também aprende. Ninguém precisa ser a melhor em tudo que faz. O truque real é se dedicar àquilo que faz **a gente** feliz. [Ed. 273]

Nesses casos de (22) a (25), a editorialista busca aproximar-se de suas leitoras e, para isso, utiliza o pronome “a gente” para não marcar seu poder e hierarquia. Esse recurso fica evidente à medida que se pode inferir que:

- a editorialista admira tanto quanto suas leitoras referidas no Exemplo (22);
- está tão sujeita a depressão e infelicidade quanto as demais no Exemplo (23);
- também está suscetível a magoar alguém, como no Exemplo (24);
- reconhece que erra e aprende com os erros, indicado no Exemplo (25).

Por esses exemplos, notamos a editorialista colocando-se como um “ser comum”, igual e frágil tanto quanto as suas leitoras. Mas como já mencionado, o movimento inverso também ocorre. Do mesmo modo que a editorialista se inclui e se aproxima, ela também marca seu distanciamento e ocupa, portanto, seu papel social hierarquicamente mais elevado, assume seu posicionamento como uma instituição que fala a suas leitoras. Vejamos as ocorrências no exemplo (26) que comprova tal observação:

- (26) Quando **a gente** é mais jovem (olha o papo de tia chegando aqui!) costuma ter mais medo de errar, de falhar, do insucesso. Mas com o tempo - e errando muiiito também - **a gente** vai entendendo que dar errado, às vezes, é a melhor coisa que pode acontecer. É com os erros que **a gente** aprende (...) **A gente** não tem dúvidas de que o futuro deles é melhor do que eles imaginam - e o seu também! Então corre ler a matéria da página 22 (e toda a revista também!) e depois conta **pra gente** o que achou!.. [Ed. 270]

Em (26), o uso do pronome “a gente”, de modo geral, faz referência direta ao sujeito enunciador e marca uma distância do leitor que fica evidenciada logo no início da sentença ao dizer: “olha o papo de tia chegando aqui”. O “a gente” que a autora do texto

utiliza faz referência a um grupo, possivelmente constituído por pessoas mais experientes e com maior idade do que aquelas a que se dirige, ou seja, um grupo do qual a editorialista faz parte, mas suas leitoras não.

Os pronomes possessivos também auxiliam na marcação dessa exclusão e posicionamento daquele que enuncia, como no trecho de (26): “A gente não tem dúvidas de que o futuro **deles** é melhor do que eles imaginam - e o **seu** também”.

Com base nos dados analisados até aqui, verificamos que, ao empregar o pronome “nós” e o sintagma nominal “a gente” como correspondentes, a editorialista se inclui e se exclui de modo praticamente proporcional. Em um total de 11 ocorrências, sendo dez de “a gente” e uma de “nós”, em cinco há exclusão, em seis inclusão.

Ao empregar o pronome pessoal “eu”, embora seja uma categoria de referência exclusiva, ou seja, aquela que refere apenas ao *eu* do discurso (aquele que fala), a editorialista busca nessa subjetividade aproximar-se de suas leitoras por meio de suas experiências de vida. Sendo assim, analisando o contexto e não apenas o pronome de modo isolado, a marcação única do *eu*, de hierarquia, de poder, de diferença de idade, entre outras características são atenuadas, o que nos leva a considerá-lo um pronome mais inclusivo do que exclusivo. Por fim, apenas no uso do pronome “você” temos, de fato, uma referência de exclusão da editorialista, já que a centralidade fica na figura da leitora.

Como podemos perceber, os pronomes são marcas léxico-gramaticais fundamentais na interação, que não só revelam os papéis sociais dos interactantes, como também delimitam o poder, a hierarquia, realizando a aproximação e o distanciamento daquele que enuncia. Com base nisso, no próximo item buscamos analisar as marcas léxico-gramaticais que denotam poder, afetividade e frequência de contato com base em Eggins (2002).

3.3 O contínuo de poder, afetividade e frequência

A Variável Relações está ligada à Metafunção Interpessoal. As relações são estabelecidas entre a autora dos editoriais, Ana Paula Burger, e a(s) leitora(s) da Revista *Atrevida*. Em parte, existe uma diferença de papéis sociais e de idade entre Ana Paula e suas leitoras adolescentes e os aspectos interpessoais serão analisados pelo contínuo de Relações. Neste ponto, interessa-nos avaliar a relação de poder, o contato e o grau de afetividade assumidos pelos participantes da interação por meio da linguagem.

No contínuo de poder são analisadas as relações de poder iguais ou desiguais, conforme Eggins (2002). Portanto, inicialmente, a editorialista assume um papel superior, não apenas por representar uma instituição, uma marca (Atrevida), mas também por estar representada por uma editorialista com características e atribuições distantes das de seu público-alvo (adolescente).

No contínuo de poder, Eggins (2002) destaca as relações que se distanciam, como por exemplo, a relação entre chefes e empregados. O poder pode ser destacado, portanto, pelas características que estão dentro do contexto e que são atribuídas aos participantes da interação. Neste caso, a editorialista assumiria a posição com maior grau, em detrimento de suas leitoras. Essa relação pode ser representada como na Figura 11, ou seja, há um distanciamento social e temporal entre a escritura do editorial pela editorialista, a publicação da revista e o acesso a ele pelas leitoras:

Figura 11: Contínuo de poder na revista Atrevida



Fonte: Elaborado pela autora

Por isso, de certo modo, há uma marca de distanciamento de poder entre os interactantes evidenciada pelo uso dos pronomes pessoais. Mas, em determinadas situações, ocorre um processo de aproximação entre a escritora e suas leitoras. Tal fato pode ser confirmado nas ocorrências dos pronomes pessoais, considerados inclusivos, como já discutido no item 3.1 e ilustrado na Figura 12.

Figura 12: Relações de poder por meio dos pronomes pessoais: eu, você, nós, a gente



Fonte: Elaborado pela autora

Entre os contínuos postulados por Eggins (2002), no entanto, interessa-nos analisar as ocorrências dos aspectos de afetividade. Nelas são avaliados os níveis de vinculação afetiva. Para a autora, índices de afetividade são mais comuns de ocorrerem em interações familiares, de amizade ou de parceiros amorosos. Como mencionado, ao abordarmos as características do gênero discursivo, a impessoalidade e a neutralidade são marcas predominantes do editorial tradicional. Sendo assim, marcas de afetividade, em tese, não deveriam fazer parte desse contexto.

Diante dos dados gerados por meio do sistema computacional *AntConc*, na função *Wordlist*, elegemos como marca de afetividade o item lexical “beijo(s)”, como uma expressão íntima de despedida. Moraes (2000), ao estudar os rituais de abertura e fechamento de conversação, como os cumprimentos e despedidas, destaca expressões que denotam maior grau de sentimento por parte do falante ao cumprimentar ou despedir-se de alguém. Dentre elas, a pesquisadora cita formas como “Adorei te conhecer”, “Até amanhã”, “Vou ficar com saudade”, “Você está linda” etc., como formas que significam satisfação em ter visto ou conhecido alguém, o desejo de um contato futuro, saudade, elogio, entre outras.

Além dessas citadas, sobre as despedidas com as palavras “beijo(s)”, “abraço(s)”, Moraes (2000) constatou que o fator de sexo dos falantes pode influir sobre as escolhas de uma ou de outra expressão. Segundo sua pesquisa, falantes do sexo feminino de todas as faixas etárias priorizam e utilizam com maior frequência as expressões “um beijo”,

“beijo” ou “beijos”, em contrapartida, falantes do sexo masculino optam pelas formas “um abraço”, “abraço”, “um abraço”.

As ocorrências do item lexical “beijo(s)”, presente no *corpus* desta pesquisa, seguem expressas no Quadro 12.

Quadro 12: Frequência das marcas de afetividade do item lexical “beijo(s)”

Itens lexicais	Ed.268	Ed.269	Ed.270	Ed.271	Ed.272	Ed.273	Frequência
Beijo	0	0	0	0	1	0	1
Beijos	1	1	1	0	0	1	4

Fonte: Elaborado pela autora

A análise dos modos cristalizados de despedidas nos permite inferir que palavras como “beijo”, “beijos”, “abraço”, “abraços” ou “um forte abraço” carregam diferenças semânticas no que se refere ao grau de afetividade entre os interactantes. Acreditamos, ainda, que a flexão de número ou de grau da palavra possa enfatizar ainda mais essas relações. Esse raciocínio pode ser aplicado à diferença entre o emprego de “um abraço”, “abraços” e “um abraço”, em que este em relação ao primeiro denota, de forma mais clara, um grau maior de afetividade. Contudo, sabemos que essa discussão carece de uma pesquisa mais específica e ampliada para que essa hipótese possa ser confirmada.

Por outro lado, a expressão “um beijo” empregada na edição 272 nos leva a acreditar que simboliza um ato de afeto único, íntimo, capaz de acalantar alguém que sofreu, pois aborda o tema da responsabilidade emocional. Notamos que apenas nessa edição a editorialista opta pela forma no singular, marcando assim, um grau de afetividade maior.

No que se refere ao contínuo de poder, os índices de maior afetividade tendem a ocorrer em relações menos desiguais e mais frequentes no grau de contato como a de amigos, familiares, amantes, com base em Eggins (2002). Do mesmo modo, a baixa afetividade deve ocorrer entre pessoas com grau de contato ocasional e mais desigual hierarquicamente.

Eggins (2002) afirma que o grau de contato é evidenciado em relações frequentes ou ocasionais. Sobre as interações frequentes, mais uma vez, destacam-se as de vínculos familiares, de amizades, de relações afetivas ou amorosas, de colegas de trabalho ou estudo, por exemplo. Sendo assim, o contínuo de contato mede a frequência ou não com que os sujeitos interagem.

As publicações das edições da Revista Atrevida são efetuadas mensalmente e a comercialização dessas edições se dá por meio de assinaturas ou de vendas em locais físicos, como bancas de jornais. A medição de frequência em relação à compra dessa revista, se por assinatura ou não, não foi uma informação possível de levantar devido à falta de dados oficiais no *site* da editora. O que podemos verificar é que em todas as edições analisadas a editorialista despede-se de suas leitoras com a expressão “até a próxima” que é típica de contatos frequentes face a face, em que a pessoa pressupõe que verá a outra em breve. Ou seja, o uso de “até a próxima” serve como uma expressão sinônima para “até breve”, “até mais ver” ou “até logo”, convidando as leitoras para a próxima edição da revista.

Isolando em nossas buscas apenas o item lexical “até”, verificamos um total de oito ocorrências, porém, como forma de despedida, consideramos o item lexical acompanhado do artigo e substantivo que complementam a expressão “até a próxima”. As ocorrências desse item no *corpus* seguem expressas no Quadro 13.

Quadro 13: Frequência da marca de despedida/encerramento “até a próxima” e variações

Item lexical	Ed.268	Ed.269	Ed.270	Ed.271	Ed.272	Ed.273	Frequência
Até	1	1	2	2	1	1	8

Fonte: Elaborado pela autora

Com base no Quadro 13, constatamos que a expressão ocorre nas edições 268, 269, 270, 271 e somente na edição 273 é complementada com a palavra “edição” conforme os exemplos de (27) a (31).

(27) Aproveite esta edição que foi feita pensando em você e até a próxima!
[Ed.268]

(28) Beijos e até a próxima, [Ed. 269]

(29) Beijos e até a próxima! [Ed.270]

(30) Boa leitura e até a próxima! [Ed. 271]

(31) Beijos e até a próxima edição, [Ed.273]

Diante dos dados, percebemos que na edição 272 o emprego de “até a próxima” não ocorre como parte da despedida, porém como já mencionado, há a presença da expressão “um beijo” que interpretamos como uma marca de alto grau de afetividade.

Destacamos também que as demais ocorrências do item lexical “até” nas edições 270 e 271 não correspondem às situações de despedidas, como podemos comprovar nos exemplos (32) e (33).

(32) Sentir ansiedade antes do primeiro dia de aula, do encontro com o boy ou **até** daquele aguardado show do ídolo é supernormal [Ed. 270]

(33) Depressão é doença e pode **até**, em estados mais avançados, levar a atitudes extremas, como a automutilação e o suicídio [Ed. 271]

Portanto, embora muitas dessas formas de despedidas sejam modos cristalizados de fechamento de uma conversa, com base no contínuo de contato proposto por Eggins (2002), em que é medido o grau de frequência ou ocasionalidade do contato entre os interactantes, verificamos que há, por parte da editorialista, uma busca em manter a interação com as suas leitoras de modo frequente. Como afirmado pela própria revista, a *Atrevida* se propõe a ser a melhor amiga de suas leitoras (ATREVIDA, 2017). Sendo assim, justifica-se o uso de despedidas com alto grau de afetividade e com marcas mais típicas da linguagem oral em encontros presenciais. Do mesmo modo, tratando-se de um mercado editorial, a revista visa, obviamente, a venda de suas publicações, a conquista e adesão de suas leitoras e consequentemente atingir lucros financeiros. Por esses motivos, justifica-se também a busca por manter um grau de contato frequente com seu público-alvo.

Conforme proposto nesta pesquisa, buscamos analisar, além dos pronomes pessoais, diferentes marcas linguísticas que denotem os papéis assumidos e as relações interpessoais estabelecidas entre editorialista/leitoras. Sendo assim, verificamos no *corpus* de estudo alguns fenômenos que julgamos relevantes para análise e discussão, como o uso do internetês, que chamou nossa atenção desde o princípio, conforme já mencionado. Portanto, nesta seção traçamos, brevemente, alguns conceitos e definições, juntamente com algumas análises dos editoriais.

3.3.1 O internetês nos editoriais da *Atrevida*

Com o advento da Internet e sua popularização, novas práticas de escrita e leitura surgiram. A *Web 2.0* possibilitou uma comunicação criativa, interativa em que publicar, comentar e compartilhar são eventos frequentes nas práticas dos usuários dessa nova tecnologia. Assim, o internetês surge em meios digitais, principalmente em plataformas de redes sociais e aplicativos de conversas, como uma escrita pertencente a um grupo específico de internautas, em geral, adolescente e jovem.

Inicialmente, sofreu uma grande resistência por parte dos mais conservadores da língua portuguesa, despertando o interesse de alguns linguistas. No Brasil, podemos citar Gonzalez (2007), Bisognin (2009), Komesu e Tenani (2009, 2015), como estudiosos e pesquisadores desse fenômeno. O internetês como escrita é um tema, ainda, controverso entre linguistas e gramáticos. Encontramos algumas definições e muitas incertezas sobre o seu poder frente à língua portuguesa escrita e suas normas gramaticais.

Como uma pequena amostra das controvérsias que pairam sobre o internetês, observamos que há diferentes definições. Segundo Bisognin (2009, p.148), o internetês se caracteriza como “um dialeto diastrático”. Eisenkraemer afirma ser um “código oralizado” ou uma “escrita criptografada” (2006 apud BISOGNIN, 2009, p.51). Komesu e Tenani (2009, p. 624) o definem como uma “forma grafolinguística”. Rajagopalan (2013, p. 37) o reconhece como uma “linguagem ou linguajar”, indiferentemente.

Dentre os estudos que descrevem as principais características desse uso da linguagem, destacamos os de Bisognin (2009) e Gonzalez (2007) que em suas pesquisas verificam alguns fenômenos comuns que ocorrem no internetês. Gonzalez (2007) classifica essas modificações em três classes de grafias: (1) aquelas que sofrem supressão de vogal, acento e consoante (vc, nao, fala (f)); (2) substituição de letras (amu, em vez de amo) e (3) acréscimo de toques (naum, em lugar de não, soh, em vez de só). Considerando esses aspectos, Bisognin (2009) destaca dezessete características comuns encontradas em sua pesquisa:

Quadro 14: Características do internetês

indicação de monossílabo por uma letra	q-que, c-se
substituição do acento agudo pela letra h	eh-é, neh-né
reprodução da fala	genti-gente, axu-acho
nasalização indicada por “um” ou “un”	naum- não; bjaum-beijão

sequência de consoantes sem uso de vogais	pq-porque, cmg-comigo
diversidade de formas para um mesmo vocábulo	mt0, mtu, mt, muito000, mt000
registro sem acentuação	so-só, nao-não
ausência de uma letra	fla-fala, pod-pode
uso de onomatopeias para riso e choro	hehehe, kkk, tsctsc, uahuah
repetição de letra para indicar intensidade	nadaaaa, lindooo
redução de nomes de pessoas	Biel-Gabriel
criações contextualizadas	pah, n, namo, txi
Modificação e repetição de sinais de pontuação para enfatizar sentimentos	????, !!!, ?!
supressão de sinais de pontuação que marcam fronteiras oracionais	faz feliz....., de jeito nenhum amiga....
substituição de letra por símbolo ou algarismos	9dade-novidade, v6-vocês
transformação de expressão em sigla	fds-fim de semana, tdb-tudo bem
uso de caracteres e <i>emoticons</i>	\0/ ☺

Fonte: Adaptado e elaborado a partir de BISOGNIN (2009, pp. 128-129)

Como vemos no Quadro 14, Bisognin (2009) engloba diferentes questões linguísticas como características empregadas na escrita do internetês. Contudo, acreditamos que a hipocorização, as gírias e as marcas de oralidade, bem como outros fenômenos linguísticos, sejam utilizados em contextos diversos, tanto *on-line*, quanto *off-line* e por isso não nos restringimos, nesta análise, caracterizá-los como internetês, mas sim, como formas constitutivas do internetês.

Para o autor, é importante ressaltar que as mudanças gráficas do internetês não são aleatórias, como exemplo, em “kbça” temos a representação das sílabas k=ca + b=be + ça, nesse processo o indivíduo necessita ter uma consciência fonológica de sua língua. Além disso, Bisognin (2009) aponta que de 2000 palavras mais frequentes no *corpus* de sua pesquisa, apenas 439 sofreram modificações, representando uma alteração da norma oficial de apenas 20%.

A aceitação do internetês em contextos digitais tem conquistado maior espaço, mas Komesu e Tenani (2015) destacam que professores e estudantes, que se manifestam favoráveis ao uso dessa grafia, indicam uma visão de adequação linguística ainda muito restritiva, por isso, as autoras propõem que o internetês seja um objeto de estudo, principalmente nas aulas de português. Da análise das autoras, a concepção do conceito de internetês precisa ser considerada por uma perspectiva que assumo o fenômeno como

um acontecimento social e histórico, e não apenas o observe como um processo de aspecto estrutural.

Komesu e Tenani (2009) compreendem o internetês como uma das muitas possibilidades da língua. Sendo assim, justifica-se pela heterogeneidade da escrita a presença de aspectos da fala na escrita, sem torná-los transgressões ou degradações da língua, e nem mesmo julgá-los com a recorrente perspectiva preconceituosa atribuída às práticas orais. Para as pesquisadoras, assumir a visão de heterogeneidade da escrita implica assumir o caráter dialógico da linguagem e das relações entre os sujeitos. Por essa proposta não se pensa o internetês como uma mera transcrição ou interferência da fala na escrita. Contudo, de modo geral, o internetês é aceito exclusivamente em contextos *on-line* e seus adeptos devem ter a consciência de que contextos *off-line*, como por exemplo o escolar, não admitem tal grafia.

Refletindo diante dessa problematização, dentro de um contexto editorial tradicional, podemos inferir que a Revista Atrevida desobedece às “normas” de adequação do internetês que se voltam apenas ao uso em contextos *on-line*. Mas, em concordância com as ideias expostas acima, compreendemos que o uso do internetês nos editoriais da Revista Atrevida fazem um movimento do *on-line* para o *off-line* como um recurso de aproximação com suas leitoras.

Baseando-nos na classificação de Bisognin (2009), encontramos nos editoriais as seguintes ocorrências de alteração de pontuação (34) a (38):

- (34) Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que a gente admira super e que batalhou muito para realizar seus sonhos, tipo o Christian Figueiredo, a Bia Andrade, a Taci Alcolea, a Mari Saad... Ou você acha que [Ed.268]
- (35) Nunca foi difícil ter que ler os livros obrigatórios, fazer as tarefas, passar as tardes estudando...E eu adorava esta época [Ed. 269]
- (36) E tem muito mais nesta edição: convidamos o Gusta para falar sobre o novo filme dele e seus próximos projetos (prepara que tem muita coisa boa por aí, viu?!) [Ed. 269]
- (37) Quando a gente é mais jovem (olha o papo de tia chegando aqui!) costuma ter mais medo de errar, de falhar, do insucesso. Mas com o tempo – e errando muiiito também – [Ed. 270]
- (38) Por ser nerd, por ser feia, por ser magra, por ser baixinha, por não ser rica nem nunca ter ido à Disney, por não ter um festão de 15 anos, por fazer teatro, por ser fã de Sandy & Junior...Até que eu aprendi a me defender. [Ed. 272]

Dos exemplos de (34) a (38), verificamos que há alteração de pontuação, marcada pelo uso de reticências, como em (34), (35), (38) e travessões em (37), como formas de marcação de fronteiras oracionais e em (36) a pontuação de interrogação juntamente com a de exclamação para enfatizar um convite feito pela editorialista. Além disso, conforme segue nos exemplos de (39) a (45), evidenciamos o emprego de gírias, ou seja, formas próprias do vocabulário *teen*, como a sigla BFFs da expressão da língua inglesa *Best Friends Forever*.

- (39) Aqui nesta edição há várias histórias de uma **galera** que a gente admira **super** e que **batalhou** muito para realizar seus sonhos, **tipo** o Christian Figueiredo, a Bia Andrade, a Taci Alcolea, a Mari Saad...
- (40) Eu sempre fui a **CDF** da sala e sempre gostei de estudar. [Ed.269]
- (41) E eu adorava esta época em que a mochila ficava cheia de material novo, cadernos lindos e canetas coloridas - e ansiedade pelo novo ano, por rever as **BFFs**, pra conhecer novos amigos (e pra descobrir os novos crushes também, óbvio!) [Ed. 269]
- (42) (...) o gatinho Bruno Guedes falando sobre seu personagem em *Malhação* e o namoro com a Jade Seba, história de garotas que optaram por profissões diferentes, dicas de **make** pra curtir o carnaval (...) [Ed. 269]
- (43) (...) sentir ansiedade antes do primeiro dia de aula, do encontro com o **boy** ou até daquele aguardado show do ídolo é *supernormal*. [Ed. 270]
- (44) Não me entenda mal: já fui muito zoada (na minha época, bullying era tido apenas como zoeira). Por ser **nerd**, por ser feia, por ser magra, por ser baixinha (...) Até que eu aprendi a me defender. Como? Retribuindo a "zoeira" da forma como eu conseguia. [Ed. 272]
- (45) Pra começar Sel Gomez. A **gata** está toda sorridente com o novo amor, a nova fase de sua vida e, principalmente, de boa com quem ela é. [Ed. 273]

Nessa perspectiva, a variação linguística é um tema bastante importante no campo dos estudos linguísticos e envolve diversos fatores tais como faixa etária, posição social, regionalidade, sexo etc. Sendo assim, as gírias, como variante linguística, é um modo de afirmação e identidade de um determinado grupo social que busca interagir de modo particular. Valadares (2011) afirma que a mídia, especialmente por meio das novelas, é uma grande responsável pela propagação de gírias. Baseado nos estudos de Preti (2006), o pesquisador também destaca que a inserção das gírias na sociedade e na mídia é uma

forma de atenuação do preconceito existente, reafirmando a sua presença não só no falar marginal, mas também nos escritos e produções orais de falantes cultos.

Na *Atrevida*, como já mencionado, existe uma proposta de que a revista seja uma “amiga” de suas leitoras. Para que a revista alcance seu objetivo, o uso de um linguajar mais jovem parece ser um recurso que, por meio também de gírias, denota um comportamento linguístico que faça jus a essa posição assumida. Além disso, destacamos também, nos exemplos de (46) a (51), o uso de hipocorísticos como mais uma característica linguística de afetividade e aproximação entre a revista e seu público.

- (46) Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que a gente admira super e que batalhou muito para realizar seus sonhos, tipo o Christian Figueiredo, a **Bia** Andrade, a **Taci** Alcolea, a **Mari** Saad... [Ed. 268]
- (47) Também convidamos a Larissa Manoela (é a estreia dela qui na **Atrê!** Oba!) pra contar como é a **Lari** da escola. [Ed.269]
- (48) E tem muito mais nesta edição: convidamos o **Gusta** para falar sobre o novo filme dele e seus próximos projetos (...) [Ed. 269]
- (49) Esta edição da **Atrê** está cheia de histórias de gente que tirou a ansiedade de letra(...) [Ed. 270]
- (50) Esta edição da **Atrê** está recheada de exemplos assim. Pra começar **Sel** Gomez. [Ed. 273]
- (51) Pra começar **Sel** Gomez. A gata está toda sorridente com o novo amor, a nova fase de sua vida e, principalmente, de boa com quem ela é. Ela deixou todas as crises de saúde e de amor (alô, JB) dos últimos anos pra trás e agora sorri sem medo dos haters. Diva, né? [Ed. 273]

O uso de hipocorístico é marcado pelas gramáticas tradicionais como tipos de formação de palavras advindo de nomes próprios. De modo geral, é reconhecido pelo caráter afetivo da língua, nascido muitas vezes no seio familiar ou em círculos de amizades, conforme destaca Silva (2008). Ademais, segundo a autora, sua existência é justificada também pela economia linguística, nascida da vida agitada e corrida das sociedades contemporâneas.

Embora exista o reconhecimento desses fatores na formação dos hipocorísticos, estudos voltados à morfologia e à fonologia consideram essas definições insatisfatórias para descrever esse fenômeno linguístico e segmentam outros aspectos relevantes para a formação de hipocorísticos em língua portuguesa justificando a sua existência a questões

fonológicas, como o emprego de vogais ou de consoantes oclusivas, fricativas, africadas, laterais, nasais e vibrantes, como responsáveis por determinadas escolhas feitas pelos falantes para uma reduplicação (Luciana > Lulú), ou um encurtamento (Gabriela > Gabi), por exemplo.

Devido aos objetivos desta pesquisa, não nos cabe entrar em discussões sobre os fatores que levam à formação dos hipocorísticos. Porém, consideramos relevante, dentro das classificações gerais, citarmos suas ocorrências, pois os hipocorísticos estabelecem um determinado grau de afetividade e contato entre os interactantes, aspecto importante a ser observado nos editoriais, em especial nesta pesquisa que visa analisar a interação entre editorialista e leitoras.

O uso dos hipocorísticos se deve, assim, à sua associação como um modo de identificação de pessoas ou instituições, como no caso da Revista *Atrevida*. Vale destacar, aqui, a distinção entre os apelidos e os hipocorísticos já que aquele não estabelece relação direta com os antropônimos, podendo estar ligado a fatores como aparência física, ou qualquer outra associação contextual daquilo a que se quer referir. Já no caso dos hipocorísticos existe uma relação direta e necessária entre com os antropônimos a que se referem.

Como evidenciam os exemplos de (46) a (51), acreditamos que a editorialista faz uso de hipocorísticos para estabelecer maior grau de afetividade e aproximação com suas leitoras. Em (46), (47), (48), (50) e (51), a hipocorização é aplicada como forma de aproximar a leitora das personalidades famosas que estão sendo apresentadas pelo editorial. Sabemos que muitos artistas, *youtubers* e figuras públicas são colocados como ídolos para seus fãs. E pela realidade de muitos, embora estejam distantes fisicamente de seus públicos, devido a tamanha paixão atribuídas a eles, esses fãs se sentem muito próximos. Desse modo, a editorialista buscar manter essa percepção de proximidade, afeto e contato por meio da linguagem.

Além dos hipocorísticos de nomes de personalidades, no exemplo (49), percebemos que há a hipocorização do nome da própria *Atrevida* para *Atrê*, fazendo com que a revista assuma uma posição próxima a de uma amiga da leitora, ou que tenha o mesmo valor de uma pessoa íntima, com um grau de afetividade suficiente para outorgar tal forma de tratamento.

Por fim, ressaltamos também as marcas de oralidade na escrita dos editoriais. Verificamos a presença de marcadores conversacionais nos exemplos de (52) a (59), conforme segue.

- (52) É supernormal se sentir assim de vez em quando, **né?** [Ed.268]
- (53) **Ah, claro**, ainda separamos os materiais escolares mais lindos do mundo pra você se inspirar na hora de montar o seu kit escolar [Ed.269]
- (54) Já imaginou se sentar ao lado dela na classe? Demais, **né?** [Ed. 269]
- (55) E tem muito mais nesta edição: convidamos o Gusta para falar sobre o novo filme dele e seus próximos projetos (prepara que tem muita coisa boa por aí, **viu?!)** [Ed. 269]
- (56) **Então** corre ler a matéria da página 22 (e toda a revista também!) e depois conta pra gente o que achou! [Ed. 270]
- (57) **Daí** entra a questão da responsabilidade emocional, de se colocar no lugar do outro, de saber ouvir, de não julgar e, principalmente, de respeitar que está à nossa frente. [Ed. 272]
- (58) Dar errado faz parte da vida, **ué.** [Ed. 273]
- (59) Pra começar Sel Gomez. A gata está toda sorridente com o novo amor, a nova fase de sua vida e, principalmente, de boa com quem ela é. Ela deixou todas as crises de saúde e de amor (**alô, JB**) dos últimos anos pra trás e agora sorri sem medo dos haters. Diva, **né?** [Ed. 273]

Os marcadores conversacionais, segundo Urbano (2003), são elementos complexos e fundamentais em análises de textos orais, pois elementos comuns à fala são importantes na significação discursiva-interacional. Este mesmo autor, pautado em Marcuschi (1989) e Castilho (1989), também menciona que os marcadores conversacionais exercem uma função textual, Interpessoal e Ideacional. Sendo assim, nos exemplos (52), (54) e (59), o marcador “né”, em final de frases, serve para testar a participação e buscar apoio no contexto de argumentação e interação com as leitoras, conforme Urbano (2003). Ou seja, é um recurso de interação empregado pela editorialista, para manter suas leitoras atentas à leitura e mais próximas do texto, como ocorre também em (55). Já nos demais exemplos, como em (53), (56), (57) e (58), os marcadores servem como modo de planejamento, apoio, organização e progressão textual.

Diante dessas análises, nesta seção, buscamos destacar a importância dos pronomes pessoais como reveladores dos papéis assumidos e desempenhados pela editorialista, visando a inclusão e aproximação de suas leitoras. Evidenciamos, também, outros recursos linguísticos que consideramos importantes marcas de interação, como o uso de gírias, que marcam o comportamento linguístico e as relações de determinados grupos; o

emprego de hipocorísticos como marcas de afetividade e aproximação entre os interactantes; bem como a presença do internetês, uma linguagem oriunda do universo *on-line*, como um recurso de atualização linguísticas que visa manter a revista atrativa para essa nova sociedade conectada.

Barton e Lee (2015) apontam que a ideia geral de estabilidade e fixidez dos textos têm recebido um novo horizonte com as práticas *on-line*. Sendo assim, os textos têm sido movidos e têm assumido novas propriedades. Com isso, linguagem também tem acompanhado o mesmo fluxo. Por isso, acreditamos que a Revista Atrevida reconheça essas necessidades e busca se atualizar às nova práticas de leitura e produção textual.

A seguir, objetivando ampliar e caracterizar de modo sistemático o editorial da Revista Atrevida, apresentamos a estrutura esquemática do gênero nas seis edições analisadas.

3.4 A estrutura esquemática do gênero editorial na Revista Atrevida

Conforme já exposto no Capítulo I, pela impossibilidade de transmitirmos todos os significados ao mesmo tempo, escolhemos dentro de um paradigma aqueles que desejamos empregar, os organizamos e assim produzimos uma linguagem inteligível. Da mesma forma, os gêneros seguem uma estrutura esquemática organizada e orientada por etapas. Cada uma dessas etapas tem funções específicas dentro do gênero (VIAN JR.; LIMA-LOPES, 2005). Essa organização estabelece, portanto, uma estrutura em estágios e deve apresentar basicamente um começo, um meio e um fim (EGGINS, 2002).

É fundamental observar, dentro da perspectiva da LSF, que cada fase que compõe o gênero é constituída por escolhas léxico-gramaticais, lembrando sempre que o usuário da língua realiza escolhas, conscientes ou não, dentro de um contexto, a fim de atingir seus propósitos comunicativos.

Destacamos, aqui, que a seção dos editoriais da revista recebe o nome de Blog da Redação. Como observado por Souza (2006), em seus estudos sobre diferentes editoriais, não houve a utilização do termo editorial na nomeação. Assim, a Revista Atrevida reafirma essa observação, e nos leva a acreditar que talvez isso seja uma tendência de boa parte de revistas.

Com base nisso, apresentamos, no Quadro 15, um dos editoriais, tomado como representativo do gênero em estudo, para estabelecer sua estrutura esquemática.

Quadro 15: Estrutura esquemática do editorial na Revista Atrevida

TEXTO DO EDITORIAL	ESTÁGIOS
REINVENTE-SE!	(1) Título do Editorial
O ano passado não foi dos melhores e houve momentos em que você quis sentar e chorar, achando de verdade que nada, nada mesmo, daria certo na sua vida? Calma, girl! É supernormal se sentir assim de vez em quando, né? Nesses momentos, o melhor mesmo a fazer é seguir o conselho da sua avó, chacoalhar a poeira e dar a volta por cima. E aí você me pergunta: como? Eu respondo: olhe ao seu redor e enxergue quanta coisa legal você tem – e eu não falo de coisas materiais, não. Estou falando daquilo que ninguém pode comprar: família, amigos, o amor do seu pet...	(2) Apresentação do tema
Agora, se tem alguma coisa que não a está fazendo feliz, que tal mudar isso e fazer diferente a partir de agora? Aproveite que o ano está começando e reinvente-se, mude, transforme aquilo que não está tão bacana, corra atrás dos seus sonhos.	(3) Desenvolvimento do tema
Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que a gente admira super e que batalhou muito para realizar seus sonhos, tipo o Christian Figueiredo, a Bia Andrade, a Taci Alcolea, a Mari Saad... Ou você acha que eles ficaram famosos do dia pra noite sem nada de esforço e trabalho duro? Que nada! Eles tiveram uma ideia que ninguém acreditava muito no começo, mas não desanimaram, batalharam e conseguiram!	(4) Apresentação do conteúdo da edição
Que tal usar essas histórias de inspiração para fazer o mesmo? Afinal, como diz a Bia, nada é tão nosso como os nossos sonhos! Aproveite esta edição que foi feita pensando em você e até a próxima!	(5) Fechamento com demanda de contato
Beijos,	(6) Saudação final/Despedida
Ana Paula	(7) Assinatura
ana.burger@escala.com.br	(8) Informação de contato

Fonte: Elaborado pela autora, com base na edição 268

Com base na análise do *corpus* usado para estabelecer a estrutura esquemática dos editoriais, exposta no Quadro 15, o gênero em estudo configura-se por meio dos seguintes estágios:

- (1) Título do editorial
- (2) Apresentação de um tema
- (3) Desenvolvimento do tema

- (4) Apresentação do conteúdo da revista
- (5) Fechamento com demanda de contato
- (6) Saudação final/Despedida
- (7) Assinatura
- (8) Informação de contato (*email*)

O primeiro elemento da estrutura esquemática (*Título do editorial*) tem por função atrair a leitora e também dar um norte em relação ao Campo que será abordado, como mostram os exemplos de (60) a (64).

- (60) School is back! [Ed. 269]
- (61) Seu futuro é melhor do que você imagina! [Ed. 270]
- (62) Precisamos falar sobre depressão [Ed.271]
- (63) A nossa parte [Ed.272]
- (64) Vai dar certo (menos quando der errado)! [Ed.273]

Na ocorrência (60), observa-se o uso de um título em língua inglesa. Ressaltamos que há também ocorrências de outros idiomas, como o espanhol, sendo um recurso linguístico bastante empregado pela revista, não apenas nos editoriais, mas também nas demais seções das edições. Porém, nos editoriais analisados o inglês é predominante, conforme os exemplos de (65) a (69).

- (65) O ano passado não foi dos melhores e houve momentos em que você quis sentar e chorar, achando de verdade que nada, nada mesmo, daria certo na sua vida? Calma, **girl!** [Ed.268]
- (66) (...) -e ansiedade pelo novo ano, por rever as BFFs, pra conhecer novos amigos (e pra descobrir os novos **crushes** também, óbvio!) [Ed.269]
- (67) (...)Sentir ansiedade antes do primeiro dia de aula, do encontro com o **boy** ou até daquele aguardado show do ídolo é supernormal. [Ed.270]
- (68) (...)Quem aqui não lembra que Demi Lovato, por causa da depressão, se automutilava? Não é por acaso que ela tem "**Stay Strong**" (fique forte) tatuado nos pulsos. [Ed.271]

- (69) (...) Ela deixou todas as crises de saúde e de amor (alô, JB) dos últimos anos pra trás e agora sorri sem medo dos **haters** [Ed.273]

Observamos também que há muitas matérias de personalidades estrangeiras, além das nacionais, como ilustra o exemplo (68). Sendo assim, estando as leitoras em fase escolar e por se tratar de personalidades, assuntos e vocabulários bastante comuns ao universo *teen*, acreditamos que a interpretação desses trechos em outros idiomas não seja prejudicada, mesmo que a compreensão não ocorra de imediato ou precise de uma tradução, como a própria editorialista faz em (68), caso haja um desconhecimento do idioma, proposta poderá alcançar seu objetivo comunicativo.

O elemento seguinte da estrutura esquemática (*Apresentação do Campo*) é a fase em que a editorialista contextualiza seu texto, cita exemplos que aproximam sua relação com a leitora, fornece informações adicionais (“não sabe do que eu estou falando? Dou um resumo”), entre outros recursos que possam auxiliá-la a situar a leitora acerca do assunto que está sendo proposto como reflexão no editorial, como nos exemplos de (70) a (74).

- (70) Tem coisa mais gostosa do que cheirinho de material escolar novo? Quando eu tinha a sua idade, esta era minha época preferida do ano: a volta às aulas! [Ed. 269]
- (71) Adorei o título da matéria de comportamento deste mês! Ela fala, basicamente, de uma das coisas que mais nos afligem - principalmente quando não sabemos o que vem pela frente: a ansiedade. Sentir ansiedade antes do primeiro dia de aula, do encontro com o boy ou até daquele aguardado show do ídolo é supernormal. O que não pode acontecer é esse sentimento se transformar em angústia e a deixar triste. A ansiedade boa é aquela que vem acompanhada de borboletas no estômago, você fica animada, mesmo que um pouco tensa. Já a ansiedade que faz mal é aquela sensação de coração apertado acompanhada de um medo congelante de tudo dar errado. [Ed.270]
- (72) Somos muito cobradas, o tempo todo. Tem que ir à aula todo dia, estudar, ir bem nas provas, passar no vestibular, escolher uma profissão, entrar numa boa faculdade, cuidar da saúde, sair com os amigos e com a família, entre muitas outras coisas. Isso gera angústia e ansiedade. Não é à toa que a depressão é a doença que mais cresce no planeta: segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 300 milhões de pessoas de todas as idades sofrem com a doença no mundo todo! E, desse total, 20% são adolescentes. [Ed.271]
- (73) Você já parou pra pensar em como as suas palavras e atitudes afetam as pessoas ao seu redor? Para o bem ou para o mal, a verdade é que nunca se falou tanto em responsabilidade emocional desde que ouvimos as fitas

gravadas por Hannah Baker em *Os 13 Porquês*, livro que virou série pela Netflix. Não sabe do que eu estou falando? Dou um resumo: Hannah é uma adolescente de 17 anos que revela em 13 gravações os motivos que a levaram a cometer suicídio. E ela deixa essas gravações endereçadas às pessoas que causaram esses motivos. Ou que ela acha que sim. [Ed. 272]

- (74) Sabe aquele dia em que você acorda atrasada, tromba com o armário, bate o dedinho do pé na quina da parede, não consegue dar jeito no cabelo e nenhum look agrada? Todo mundo tem um dia desses, acredite. Quando tudo está meio torto, é difícil acreditar nisso que eu vou dizer agora, mas, lá vai: Vai dar certo! No fim, tudo dá certo. As coisas se ajeitam, se encaixam, viram passado, dão certo. E se não dão, tudo bem também. [Ed.273]

A apresentação do tema é fundamental para que a leitora compreenda a proposta que está sendo colocada. Conforme Eggins (2002), todo texto necessita de um começo. Além disso, a introdução serve como um referencial e pode ser construída por uma série de procedimentos introdutórios como definições sobre o tema (72), explicação com exemplos (71), por perguntas (70, 73 e 74), entre outros.

O terceiro elemento na estrutura do editorial, *Desenvolvimento do tema*, é indispensável à fase anterior *Apresentação do tema*. Esse elemento sustenta a argumentação da editorialista, tendo em vista que estamos diante de um gênero que tem como objetivo “persuadir seus leitores a verem os fatos do modo como a instituição jornalística considera adequado, organizando sua estrutura argumentativa de acordo com essa intenção” (SOUZA, 2006, p. 65).

Para convencer e fundamentar seus argumentos, a editorialista utiliza diferentes estratégias, como apagamento da impessoalidade, uso de primeira pessoa do singular, exemplificadas nos excertos de (75) a (79):

- (75) Eu sempre fui a CDF da sala e sempre gostei de estudar. Nunca foi difícil ter que ler os livros obrigatórios, fazer as tarefas, passar as tardes estudando...E eu adorava esta época em que a mochila ficava cheia de material novo, cadernos lindos e canetas coloridas - e ansiedade pelo novo ano, por rever as BFFs, pra conhecer novos amigos (e pra descobrir os novos *crushes* também, óbvio!). [Ed. 269]

- (76) E se der errado, eu te pergunto: e daí? Quando a gente é mais jovem (olha o papo de tia chegando aqui!) costuma ter mais medo de errar, de falhar, do insucesso. Mas com o tempo - e errando muiiito também - a gente vai entendendo que dar errado, às vezes, é a melhor coisa que pode acontecer. É com os erros que a gente aprende. E é aprendendo a transformar esses erros em lições para o futuro que vamos melhorando, aprimorando e crescendo. [Ed.270]

- (77) A depressão é um distúrbio que afeta nosso cérebro e tira da gente a capacidade de ser feliz. Ela aparece por diversos motivos: psicológicos, emocionais e sociais. E o pior é que muita gente trata isso como se fosse apenas uma simples tristeza. Não é. Depressão é doença e pode até, em estados mais avançados, levar a atitudes extremas, como a automutilação e o suicídio. Mas a parte boa é que, com tratamento adequado e acompanhamento médico, ela pode ser vencida! Quem aqui não lembra que Demi Lovato, por causa da depressão, se automutilava? Não é por acaso que ela tem "Stay Strong" (fique forte) tatuado nos pulsos - ela deu a volta por cima e hoje vive feliz divando por aí! [Ed. 271]
- (78) Muito mais do que a história trágica da garota e todos os seus dilemas pessoais, o que essa série mais me causou foi uma estranha tensão. Será que eu já fui um dos motivos para alguém? Não me entenda mal: já fui muito zoadada (na minha época, bullying era tido apenas como zoeira). Por ser nerd, por ser feia, por ser magra, por ser baixinha, por não ser rica nem nunca ter ido à Disney, por não ter um festão de 15 anos, por fazer teatro, por ser fã de Sandy & Junior...Até que eu aprendi a me defender. Como? Retribuindo a "zoeira" da forma como eu conseguia. E daí que essa história me pegou. Porque às vezes a gente nem percebe que está magoando alguém. Ou o faz sem intenção. Ou sem saber. Daí entra a questão da responsabilidade emocional, de se colocar no lugar do outro, de saber ouvir, de não julgar e, principalmente, de respeitar que está à nossa frente. [Ed. 272]
- (79) Dar errado faz parte da vida, ué. E quando a gente erra, pode ter certeza, também aprende. Ninguém precisa ser a melhor em tudo que faz. O truque real é se dedicar àquilo que faz a gente feliz. É impossível acertar sempre, mas cabe a nós escolher se vamos enxergar o lado bom ou o ruim do que aconteceu. [Ed. 273]

Com o emprego de pronomes, a editorialista recorre ao apagamento da impessoalidade, usando o pronome pessoal de primeira pessoa (eu), como no exemplo (75). Além desse recurso, fica clara a escolha de realizações léxico-gramaticais relacionadas à Metafunção Ideacional usada para “codificar a vivência e experiência de mundo” (GOUVEIA, 2009, p.16). Em (76), por exemplo, a editorialista deixa evidente a sua bagagem de vida. Em (77), o texto traz um fato da vida real de uma diva *teen* para dar autoridade à fala da editorialista. No exemplo (78), associa a história trágica de uma famosa série americana ao *bullying* sofrido pela editorialista e, por fim, em (79), por meio do uso do pronome “a gente”, a editorialista se inclui no grupo das leitoras para mostrar que está sujeita aos mesmos problemas enfrentados por elas.

No próximo elemento da estrutura esquemática do gênero editorial (*Apresentação do conteúdo da edição*), a revista introduz o conteúdo que é publicado/oferecido na

edição. Nessa fase, por meio de escolhas lexicais, busca promover, despertar ou instigar o desejo pela leitura desse conteúdo, como mostram os exemplos de (80) a (83).

- (80) Se você também é dessas, vai adorar esta edição: preparamos uma matéria superespecial com tudo o que você precisa para se preparar e arrasar no ano letivo! Tem dicas para se adaptar de novo à rotina, truques espertos para organizar seu tempo de estudo e maneiras de se livrar de vez de qualquer problema que possa haver no colégio. Ah, claro, ainda separamos os materiais escolares mais lindos do mundo pra você se inspirar na hora de montar o seu kit escolar. Também convidamos a Larissa Manoela (é a estreia dela qui na Atrê! Oba!) pra contar como é a Lari da escola. Já imaginou se sentar ao lado dela na classe? Demais, né? E tem muito mais nesta edição: convidamos o Gusta para falar sobre o novo filme dele e seus próximos projetos (prepara que tem muita coisa boa por aí, viu?!, o gatinho Bruno Guedes falando sobre seu personagem em *Malhação* e o namoro com a Jade Seba, história de garotas que optaram por profissões diferentes, dicas de make pra curtir o carnaval com a Joyce Kitamura e muitooo mais! Preparada? [Ed.269]
- (81) Esta edição da Atrê está cheia de histórias de gente que tirou a ansiedade de letra, assumiu riscos e foi em busca do que queria, sem medo de ser feliz: Camila Cabello e Nathan Barone, por exemplo, tomaram coragem para deixar suas bandas e seguir carreira solo porque acreditaram nos seus sonhos e no seu potencial. A gente não tem dúvidas de que o futuro deles é melhor do que eles imaginam - e o seu também! [Ed. 270]
- (82) Vale ler a matéria lá na página 36 e ficar ligada nos sintomas que podem, muitas vezes, passar despercebidos - vai que você, uma amiga ou alguém da sua família está passando por isso e não sabe? Toda ajuda e apoio é fundamental! [Ed. 271]
- (83) E nem precisa ser famosa pra arrasar no otimismo. Reunimos na página 28 vários motivos que provam as vantagens (e a melhor parte) de ser adolescente. [Ed. 273]

Vale destacar que, apenas na edição 272, que aborda o tema do *bullying* e da responsabilidade emocional, o editorial não apresenta a fase de apresentação do conteúdo da revista. Nesse caso, o texto foca apenas no depoimento da editorialista e na reflexão sobre o problema. Motta-Roth e Heberle (2005) relembram a teoria sociossemiótica da linguagem hallidayana, em que a linguagem está diretamente ligada aos contextos de situação e de cultura. Diante disso, com base em Hasan (1989), as autoras afirmam que “os traços específicos de um contexto permitem-nos predizer a sequência e a recorrência de certos elementos textuais obrigatórios e opcionais da EPG” (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 18). Desse modo, interpretamos que a estrutura do gênero permite variações, ou seja, não se trata de um bloco rígido.

Sendo assim, na edição 272, a ausência de fase não interfere na caracterização do editorial por estar dentro das possibilidades de variações do gênero. Como ampliado por Souza (2006), apontado por Aquino (2011) e por outros autores que estudaram o editorial, o gênero apresenta funções variáveis, podendo ser classificado como:

- (i) **padrão:** exprime uma opinião acerca de um fato;
- (ii) **apresentação:** com função de apresentar o suporte em que é veiculado;
- (iii) **misto:** une as duas funções citadas anteriormente.

Logo, a edição 272 apresenta elementos obrigatórios que se mostram suficientes para a definição do gênero como um editorial. Embora fuja do tipo predominantemente misto dos demais editoriais analisados da revista *Atrevida*.

Outro elemento da estrutura esquemática (*Fechamento com demanda de contato*), o editorial apresenta uma tentativa de intervenção sobre o comportamento da leitora. Esse recurso pode ser evidenciado pelos mecanismos utilizados pela editorialista, geralmente usando verbos no imperativo (vem, corre, conta) e/ou interrogações convidativas como mostra as ocorrências de (84) a (87).

- (84) Preparada? Então vem! [Ed. 269]
- (85) Então corre ler a matéria da página 22 (e toda a revista também!) e depois conta pra gente o que achou! [Ed. 270]
- (86) E você, vem comigo nessa? [Ed. 272]
- (87) Depois de ler cada uma delas, que tal fazer a sua própria listinha com as coisas que a fazem mais feliz? Garanto que, no fim, você também vai soltar um: vai dar certo! [Ed. 273]

Nos exemplos de (84) a (87), as demandas são de procedimento, ou seja, objetivam estabelecer o contato da leitora com o conteúdo da revista. Ademais, é importante o uso dos imperativos que visam levar as leitoras a acessarem e consumirem o conteúdo veiculado como nos exemplos (84) e (85).

O elemento da estrutura esquemática *Saudação final /Despedida* é constituído por uma expressão de afetividade e/ou contato frequente, conforme discutido no item 3, exemplos de (27) a (31). As variações ocorrem, apenas, no grau de aproximação marcadas pela presença ou ausência da palavra “beijo(s)”.

É relevante observar a importância da linguagem na composição dos gêneros, afinal, os gêneros são realizados por meio da linguagem (EGGINS, 2002). Assim, serão as diferentes escolhas léxico-gramaticais que marcarão os padrões de um gênero e cada fase também.

Na ocorrência (30), observa-se um tratamento mais distante que os demais, especialmente pela ausência do item lexical “beijos”. É importante destacar que tanto a edição 271, quanto a edição 272, que abordam temas mais sensíveis como depressão, *bullying*, alteram algumas fases que constituem o gênero, como já mencionado, e realizam escolhas lexicais conforme seus objetivos, como por exemplo o maior número de uso do pronome “eu” ao refletir sobre responsabilidade emocional. Um tema que requer uma introspecção, um olhar para um “eu interior”.

Sobre o encerramento, todos os editoriais que compõem o *corpus* desta pesquisa apresentam os elementos indicados nas últimas fases: *Assinatura* e *Informação de contato*. Nelas são fornecidas informações incomuns ao gênero editorial tradicional, como a identificação e contato da editorialista, onde fornece seu *email*.

De modo geral, o gênero editorial na Revista Atrevida, para os textos analisados no *corpus*, mostrou-se com os seguintes elementos:

Figura 13: Padrão da estrutura esquemática do gênero editorial



Fonte: Elaborado pela autora

Levando-se em consideração o padrão da estrutura esquemática, a organização dos estágios está relacionada aos propósitos e funções que o gênero realiza conforme Vian Jr. e Lima-Lopes (2005) afirmam. Assim, algumas fases podem ser alteradas de acordo com a necessidade e o Contexto de Situação em que o texto for produzido sem interferir em sua definição e classificação, como vimos anteriormente no exemplo da edição 272.

Notamos com isso que não só as estruturas dos gêneros são flexíveis, mas também a sua materialidade. Segundo Barton e Lee (2015), os textos que antes se situavam exclusivamente impressos, hoje também são concebidos em uma tela de computador ou de *smartphones*, *tablets*, *notebooks* etc. Ou seja, com as novas possibilidades oferecidas pela Web 2.0 os “textos *on-line* não são mais estáveis, não atuam mais como pontos de referência fixos. Em vez disso, são mais fluidos (...) e as mudanças são constantes” (BARTON; LEE, 2015, p. 43).

Com essas mudanças de concepções de textos tradicionais, Rojo (2009), sinaliza que os letramentos necessários requeridos pelos avanços tecnológicos são diferentes. Segundo a autora, os textos contemporâneos que intercalam o texto escrito verbal com outros elementos semióticos, como cores, imagens, músicas etc., têm exigido novos tipos

de letramentos que se distanciam do letramento tradicional, os novos textos solicitam, por exemplo, os letramentos multissemióticos.

Considerando os elementos apresentados nesta seção, apresentamos, com o auxílio da GDV, uma breve análise da estrutura gráfica dos editoriais da revista *Atrevida*, buscando marcar a diversidade de linguagens empregadas.

3.5 A estrutura gráfica dos editoriais na Revista *Atrevida*

Nesta seção, analisamos os aspectos multimodais que constituem os editoriais da Revista *Atrevida*. Como vimos anteriormente, a estrutura esquemática dos textos e sua organização são elementos que possibilitam a identificação e reconhecimento dos gêneros. Nessa perspectiva, os elementos semióticos, como cores, imagens e disposição também são componentes importantes que fornecem, muitas vezes, pistas sobre os gêneros. Contudo, Souza (2006), ao comparar diferentes editoriais, dos mais tradicionais como o da Folha de São Paulo, até os mais inovadores como o da Revista *Todateen*, afirma que a disposição gráfica, se muito diferente da que os leitores são familiarizados, pode despistar o leitor.

De modo geral, Souza (2006) verificou que os editoriais como o da Folha de São Paulo, por exemplo, apresentam uma certa “neutralidade na disposição visual” que converge aos propósitos comunicativos mais formais e à seriedade do jornal (SOUZA, 2006, p. 83). Em contrapartida, o editorial da Revista *Todateen* foi classificado pela autora como “visualmente rico e atrativo”, coerente ao público-alvo dessa revista que “jamais olharia para o texto, se ele fosse semelhante, por exemplo, aos editoriais jornalísticos” (SOUZA, 2006, p. 92).

Com esse mesmo propósito, acreditamos que a Revista *Atrevida* também se aproprie de múltiplos elementos semióticos para seduzir visualmente suas leitoras, e constatamos de início que o gênero se distancia dos padrões tradicionais, conforme podemos ver nos exemplos das Figura 14 das seis edições analisadas.

Figura 14: Edições 268, 269, 270, 271, 272 e 273, respectivamente



Fonte: Atrevida, 2017

O editorial da Revista Atrevida, como já mencionado, é chamado de Blog da Redação e nas edições analisadas está localizado sempre na página quatro. Souza (2006) considera a localização um elemento constitutivo do gênero e verificou em seus estudos que os editoriais de revistas ocupam um lugar privilegiado entre as primeiras páginas.

Sendo a localização do editorial um elemento importante, Lupton (2018) também configura uma hierarquia tipográfica. Essa hierarquia é um “sistema que organiza o conteúdo, enfatizando alguns dados e preterindo outros” (LUPTON, 2018, p.128). Por esse sistema, os elementos espaciais, como a posição do conteúdo na página, além dos elementos gráficos, como tamanho, cor, estilo, fonte etc, servem como formas de destaque para as informações principais a serem veiculadas.

Sobre a divisão dos conteúdos dentro dos espaços da página, chamado de *grid*, de acordo com Lupton (2018), a página do editorial da Revista Atrevida é dividida em duas colunas. O texto ocupa metade da página, à esquerda, conforme delimitado mais claramente na edição 268 por meio de uma linha pontilhada, e as imagens e informações que consideramos complementares ocupam a outra metade, à direita.

Pela perspectiva da GDV, pautadas em Kress e van Leeuwen (2006), pela Metafunção composicional, as imagens e elementos visuais são analisados segundo o (i) valor informativo, (ii) a saliência e a (iii) estruturação.

(i) Sistema de valor informativo

No sistema de valor informativo, as análises visuais consideram que a posição dos elementos confere valor às informações e os conteúdos transmitidos. Os elementos à esquerda da página fazem referências às informações dadas, ou seja, comuns ou já conhecidas pelos leitores. À direita da página, referem-se às informações novas, ou seja, aquelas de que o leitor ainda não tenha tomado contato anteriormente. O valor informativo também se aplica aos elementos superiores, inferiores e centralizados.

Na Revista Atrevida, os editoriais são tidos como uma informação dada, pois ocupam a parte à esquerda da página, ou seja, as leitoras já têm conhecimento de que naquela localização e posicionamento é dado o editorial. As informações novas como o título do editorial ocupam a parte superior, as informações conhecidas como a autoria, fotografia e contato de *email*, informação que se repete em todos os editoriais, ocupam a parte inferior à esquerda.

Na parte à direita da página a Revista Atrevida apresenta imagens separadamente do texto dos editoriais. As imagens e outros pequenos textos com informações breves complementam a ideia ou o assunto tratado nos editoriais e são tidas como informações novas. Nas edições em que o texto do editorial não deu conta de apresentar os conteúdos da edição, a revista investe nesse espaço secundário.

Como pode ser confirmado na edição 271, o editorial aborda, na maior parte do texto, o tema da depressão, a revista apresenta as celebridades que aparecerão na edição com imagens sobrepostas na outra metade da página, configurando assim, uma informação nova da qual as leitoras não tinham conhecimento, conforme ilustra a Figura 15.

Figura 15: Edição 271



Fonte: Atrevida, 2017

Em outros casos, como o da edição 273, Figura 16, o espaço à direita do editorial é utilizado para dar dicas de como levantar a autoestima quando “se sentir para baixo”. Uma complementação do editorial que trata do assunto de que nem sempre tudo dá certo na vida.

Figura 16: Edição 273



Fonte: Atrevida, 2017

Portanto, consideramos que a divisão da página em duas colunas seja um recurso da revista como forma de ampliação e aproveitamento do espaço para trabalhar de modo mais completo o editorial e a dinâmica de informação dada e informação nova.

(ii) Sistema de saliência

Sobre o sistema de saliência, a análise envolve diversas estratégias de conquistar a atenção do leitor com o uso de cores, fontes, tamanhos, posicionamento de primeiro ou segundo plano, como já mencionado em Lupton (2018), sobre a hierarquia tipográfica.

Dos sistemas composicionais, o de saliência chama nossa atenção no que se refere aos títulos e cores utilizadas. Sobre os títulos dos editoriais, notamos que, embora as edições 270, 271 e 273 repitam as cores preta e roxa, não há um padrão seguido pela revista, havendo, portanto, variações de fontes, tamanhos, cores, inclusive a inserção de figuras como setas e flores para atrair a atenção das leitoras, conforme demonstrado na Figura 17.

Figura 17: Títulos das edições 268, 269, 270, 271, 272 e 273, respectivamente.



Fonte: Atrevida, 2017

Quanto às cores da página, os editoriais também não seguem um padrão. Há edições em que as bordas são da cor rosa, há outras que as bordas são azuis, mas sempre com a tonalidade clara, conforme Figura 17. Notamos, porém, que mesmo sem um padrão estabelecido existe uma preferência por tons mais suaves, além do fundo da página ser predominantemente branco ou cinza claro. Analisando as imagens que compõem a coluna à direita da página, notamos uma mistura mais expressiva de cores, que chama mais a atenção da leitora se comparada à coluna da esquerda, conforme ilustrado nos exemplos das Figuras 15 e 16.

Dos elementos multimodais, Souza (2006), ao analisar os editoriais da Revista *Todateen*, constatou que a presença das figuras e imagens estavam diretamente ligadas ao conteúdo dos textos, ou mesmo estabeleciam relações com outros textos (intertextualidade) como um mecanismo para atrair e cativar suas leitoras.

Nos editoriais que compõem o *corpus* desta pesquisa, iniciando pelas figuras das flores, verificamos que as figuras exercem uma função ilustrativa que não estabelecendo uma relação necessária e direta com os temas abordados. Porém, nas edições 270 e 271 as figuras de estrelas podem ser associadas às celebridades apresentadas no editorial, já que atribuímos esse substantivo como forma de nomear personalidades famosas, conforme ilustra a Figura 18.

Figura 18: Elementos visuais das edições 270 e 271



Fonte: Atrevida, 2017

No exemplo (19), as figuras da pipa e do aviãozinho de papel, associam-se ao tema do editorial “Reinvente-se” expressando a capacidade de resistência à adversidade, se considerarmos que são objetos que resistem a força dos ventos.

Figura 19: Edição 268



Fonte: Atrevida, 2017

Nas edições 269 e 272, os corações ilustrados na Figura 20, denotam o sentimento de carinho, afeto, paixão e amor destinados pelos fãs aos seus ídolos.

Figura 20: Elementos visuais das edições 269 e 272



Fonte: Atrevida, 2017

Diante disso, mesmo que algumas figuras sejam ilustrativas, não podemos afirmar que todas as figuras presentes nos editoriais da Revista Atrevida sejam aleatórias ou

desconectadas, pois, seja para atrair visualmente a leitora ou para complementar o conteúdo, todos os elementos inseridos em um texto exercem uma função significativa.

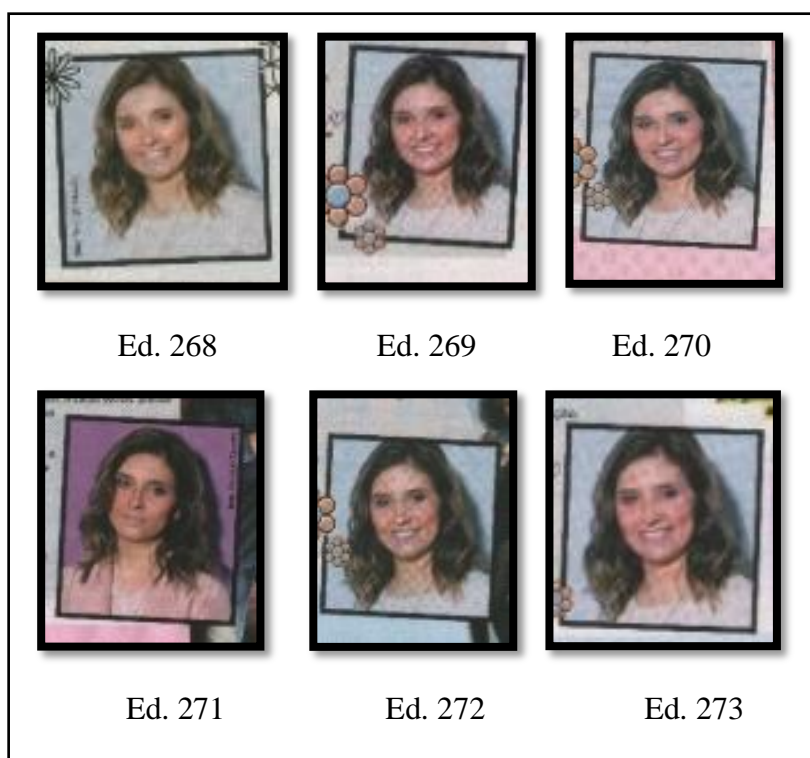
(iii) Sistema de estruturação

Quanto ao sistema de estruturação, as análises são focadas nas posições, enquadres, focos, integração das imagens ao texto, etc. Neste ponto, nos atemos às fotografias da editorialista. Para isso, com base na Metafunção Interpessoal de Halliday, utilizamos a GDV, de Kress e van Leeuwen (2006), que analisa como a linguagem visual estabelece relações com aquele que a observa.

Nessa perspectiva, são considerados os participantes representados, ou seja, as pessoas, objetos, lugares ilustrados, e os participantes interativos, referente àquele que produz e aquele observa a imagem. Sendo assim, verificaremos como são consideradas as imagens da editorialista Ana Paula Burger, como participante representada em relação às suas observadoras (leitoras). Para isso, com base nos autores, utilizamos os três sistemas representacionais dos atos de imagem, da distância social e da atitude.

Assim como para Halliday a linguagem é usada para dar ou pedir tanto informações quanto bens e serviços, como já mencionado na seção das teorias que fundamentam esta pesquisa, para Kress e van Leeuwen nas relações entre imagem e observador, os participantes representados podem oferecer ou demandar algo, colocando o observador na posição de participante passivo ou ativo diante da imagem representada.

Segundo Magalhães e Novodvorski (2010), a concepção de Atos de Imagem, estabelece a relação de demanda por meio do direcionamento do olhar, ou seja, o contato visual entre participantes representados e interativos. Na análise da interação da estrutura visual, pela Metafunção Interpessoal, pode-se verificar que, em relação ao contato, a imagem da editorialista é de demanda, pois a participante representada, Ana Paula Burger, está de frente, olhando e sorrindo para quem a observa, conforme ilustrado pela Figura 21. A exceção na edição 271 será discutida adiante.

Figura 21: Fotografias de Ana Paula Burger

Fonte: Atrevida, 2017

Na relação de oferta, não há o direcionamento visual do participante representado em direção ao observador, fazendo com que este seja considerado apenas um observador passivo da imagem.

Ademais, as relações entre imagem e observador também podem ser analisadas pelo sistema de distância social, em que são considerados aspectos como altura e partes corporais dos participantes representados. Magalhães e Novodvorski (2010), pautados na GDV, afirmam que as imagens dos participantes do ombro para cima expressam uma relação de intimidade e proximidade pessoal; do joelho para cima uma relação social e de corpo inteiro uma relação impessoal (MAGALHÃES; NOVODVORSKI, 2010, p. 297). Nos editoriais que compõem o *corpus*, a editorialista é representada em todas as imagens do ombro para cima, expressando, portanto, uma relação de proximidade e intimidade com quem a observa.

Por fim, o sistema de atitudes estabelece a relação entre imagem e observador a partir do ângulo que são representados. Como destacam os autores, as imagens subjetivas se representadas nos ângulos horizontais, paralelo à posição do observador, podem expressar envolvimento; se representadas nos ângulos verticais, podem estabelecer uma relação de superioridade, por exemplo.

As imagens objetivas, são representadas nos ângulos frontais, de maior envolvimento ou de cima para baixo, de maior expressão de poder. Sobre o ângulo das imagens de Ana Paula Burger, ilustradas na Figura 21, todas são frontais e expressam maior envolvimento com suas leitoras e menor grau de poder, o que reafirma o propósito da revista de se colocar mais próxima possível de suas leitoras, assumindo, assim, um papel de amiga.

Nas análises das fotografias, notamos que, mesmo sendo todas frontais, dos ombros para cima, não há uma padronização de tamanhos. Além de pequenas variações de localização, como na edição 268 que está abaixo da assinatura e não ao lado direito como nas demais. E uma mudança de fotografia na edição 271. Sobre essa edição consideramos relevante fazer algumas observações a parte.

A edição 271, como já exposto em diversos momentos, traz como tema principal a discussão sobre a depressão. Nessa edição, constatamos que há uma mudança no modo como a linguagem verbal é empregada, bem como na EPG, além dos elementos multimodais, como cores, e especialmente a fotografia da editorialista. Como pudemos verificar na Figura 21, Ana Paula Burger aparece em todas as fotografias sorrindo, com semblante alegre, lábios abertos, cores suaves de roupa, com o fundo da imagem na cor azul. Porém na edição 271, a editorialista apresenta um semblante sério, lábios fechados, um sorriso bastante discreto, quase imperceptível, conforme Figura 22.

Figura 22: Fotografia de Ana Paula Burger, edição 271



Fonte: Atrevida, 2017

A mudança dos tons de roupa e do fundo da imagem, agora roxo, fecham o ambiente. Essas mudanças dos elementos visuais colaboram para uma interpretação que

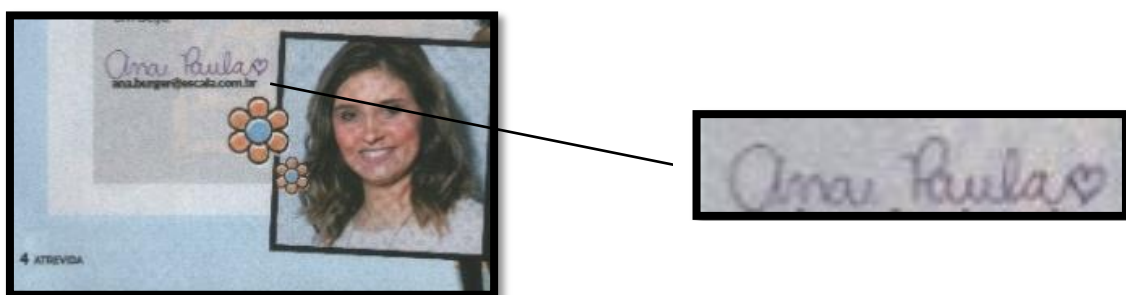
nos leva a considerar que todos esses aspectos denotam o ar sombrio que perpassa pelo tema tratado, que é o da depressão.

Ainda no propósito de compreendermos a estrutura visual dos editoriais da Revista *Atrevida* e o papel dos elementos multimodais nas relações interpessoais, chamamos a atenção para a forma como é representada a autoria nesses textos. Conforme já exposto, não é comum encontrarmos em editoriais a assinatura de quem os escrevem. Segundo os estudos de Souza (2006), os editoriais padrões, como os jornalísticos, transmitem a opinião da mídia e não apresentam assinaturas e autoria, contudo, devido à variação desse gênero em revistas, tornou-se bastante comum encontrarmos dados não só de autoria, como também da função do editorialista, o que Souza (2006, p. 79) chama de “dupla autoria”.

Nesse sentido, um aspecto que se destaca na revista *Atrevida* é o de que no lugar da função exercida por Ana Paula há o endereço de *email* da editorialista. Esse recurso permite à leitora abrir contato direto com Ana Paula, uma forma que demonstra maior intimidade, quebrando qualquer impessoalidade e distância.

Além disso, destacamos que somente na assinatura da editorialista ocorre uma mudança tipográfica que altera a letra impressa para uma reprodução de letra cursiva. A letra cursiva, mais conhecida como letra de mão, é um tipo bastante pessoal e particular, diferente das letras impressas.

Como destaca Lupton (2018), a grande criação da imprensa por Gutenberg revolucionou a escrita no Ocidente e, diferentemente da produção manuscrita, a reprodução mecânica permitiu uma produção em massa. Lupton (2018) afirma que na tipografia há uma tensão entre “a mão e a máquina, o orgânico e o geométrico, o corpo humano e o sistema abstrato” (LUPTON, 2018, p. 9). Parece-nos, de fato, haver uma certa impessoalidade nos textos impressos, se comparados aos textos manuscritos, e associado a isso, a noção de produção em larga escala reforça esse distanciamento. Portanto, acreditamos que os editoriais da Revista *Atrevida* buscam amenizar essa impessoalidade ao reproduzir a assinatura de Ana Paula Burger em letra cursiva, conforme exemplificado na Figura 23:

Figura 23: Assinatura da editorialista

Fonte: Atrevida, 2017

Dos elementos visuais da assinatura, constatamos um padrão de cor, sempre no tom roxo e um ornamento de coração como finalização que demonstra informalidade e transmite um sentimento de carinho por parte da editorialista.

Verificamos, com isso, que as relações entre o texto verbal e os elementos multimodais são de grande relevância na análise do grau de afetividade, proximidade e contato proposta nesta pesquisa e nos ajudaram a reforçar as análises linguísticas já mencionadas anteriormente.

Buscamos neste capítulo analisar como ocorre a interação entre a editorialista Ana Paula Burger e suas leitoras por meio da linguagem, tomando como base os contínuos de poder, afetividade e proximidade estabelecidos por Eggins (2002). Como categoria linguística elegemos os pronomes pessoais por serem reveladores dos papéis assumidos e atribuídos nos discursos. Além de outras marcas linguísticas bastante presentes no *corpus* de estudo, como as formas de despedidas, o uso de internetês, de hipocorísticos, de gírias e de marcas da oralidade na escrita, que revelam também as relações interpessoais.

Como proposto em nossos objetivos, analisamos a EPG na revista Atrevida e constatamos que, embora existam pequenas modificações nas fases que compõem sua estrutura, como a ocorrida no editorial 272 com a ausência da apresentação dos conteúdos da edição, o gênero em si, continua operando a sua função comunicacional. Souza (2006, p.104) constatou que as variações presentes nos editoriais das revistas, em relação aos editoriais jornalísticos, não chegam a configurar “violações” ou “rupturas totais” do gênero, pois a base argumentativa constituinte do editorial ainda é mantida.

Por fim, analisamos, com base na GDV, os elementos visuais que enriquecem os editoriais da revista e os tornam mais atrativos às leitoras. Rompendo com os modelos prototípicos da esfera jornalística, as variações de cores, a presença de figuras,

organização e posicionamento das imagens, em nosso entendimento, são elementos que completam os conteúdos representados pela linguagem verbal importantes na construção dos significados e marcam as relações estabelecidas na interação editorialista/leitoras.

Por meio da conjugação dos elementos multimodais, esperamos ter construído para o leitor o perfil do editorial da revista *Atrevida*, no que se refere aos elementos verbais e visuais que compõem o gênero, bem como ter explicitado as relações de afetividade e proximidade bastante marcadas por meio da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi analisar a interação por meio da linguagem entre a editorialista da revista *Atrevida* e suas leitoras a partir da Metafunção Interpessoal, proposta por Halliday (1994). Para tanto, fez-se necessário compreender o gênero editorial da revista *Atrevida* como “um construto multimodal em que a linguagem verbal e a linguagem visual, indissolivelmente, corroboram para a construção dos sentidos, bem como para desempenhar outros papéis que socialmente o editorial possui” (AQUINO, 2013, p.149).

Em primeiro lugar, os questionamentos desencadeados das inquietações as quais levaram à realização desta pesquisa, advindos de minha experiência como professora do ensino fundamental e médio, serviram como ponto de partida para a formulação das perguntas que nortearam este trabalho.

A primeira pergunta teve como objetivo investigar **como são estabelecidas linguisticamente as relações entre o editorial e as leitoras**. Por meio da análise, foi possível verificar que, nos seis editoriais da revista *Atrevida* que compõem o *corpus* deste estudo, são estabelecidas relações de poder, afetividade e contato que seguem um movimento de aproximação e distanciamento entre a editorialista e suas leitoras, que podem ser confirmados pelas análises linguísticas. Em situações de poder é evidente o distanciamento natural das posições ocupadas pela editorialista e por suas leitoras. Ao trabalhar a partir da variável de Registro Relações, os papéis desempenhados pelos interactantes denotam, por meio da linguagem, os posicionamentos sociais ocupados e as ideologias daquele que enuncia. Ana Paula Burger, como editorialista, não apenas desempenha o papel de porta-voz de uma instituição, como também traz ao editorial suas experiências particulares a fim de enriquecer seu texto, torná-lo mais próximo de suas leitoras, atrativo e convincente. Para tanto, emprega com presteza diversos recursos linguísticos, seja para persuadir, aconselhar, refletir, ou mesmo dar ordens.

Desses elementos linguísticos, os usos dos pronomes pessoais como reveladores das pessoas do discurso exercem um papel de destaque para a confirmação desses movimentos de aproximação e distanciamento. Com isso, nossa segunda pergunta de pesquisa teve por foco verificar **como estão representados os pronomes pessoais na escrita do editorial**.

Nesse levantamento, constatamos que, nos momentos de aproximação, a editorialista faz uso da primeira pessoa, tanto do singular, quanto do plural, por meio do uso do pronome sujeito “a gente”. Em outros contextos, distancia-se por meio do emprego do pronome de tratamento “você” ou dos pronomes possessivos “seu(s)”, “sua(s)”.

Mas, predominantemente, o papel desempenhado pela editorialista por meio dos pronomes pessoais (“eu”, “você”, “nós” e “a gente”) revela uma revista que busca se aproximar ao máximo de suas leitoras. Embora os dados levantados pelas análises constatem que há um número maior do pronome pessoal “você”, com 16 ocorrências, consideramos que a centralidade na leitora não demonstra uma exclusão total da editorialista, haja vista que, nesses contextos, de modo geral, a revista atribui um papel de importância à leitora.

Verificamos que há, portanto, um movimento mais forte de inclusão no discurso por parte da editorialista e essa afirmação pode ser comprovada por meio das análises dos pronomes “nós”, “a gente”, bem como no emprego do pronome “eu”, que traz ao texto mais pessoalidade, intimidade, proximidade, quebrando, assim, a formalidade e distanciamento comum aos editoriais tradicionais.

Como modo de ampliação, a fim de responder à nossa terceira pergunta, também verificamos **quais outras marcas verbais e não verbais e características linguísticas interpessoais estão presentes nos editoriais analisados.**

Constatamos no *corpus* de pesquisa o uso de diferentes marcas que denotam afetividade, poder e contato nas relações da editorialista com suas leitoras. Dentre as marcas léxico-gramaticais, por questões metodológicas, escolhemos as gírias, os hipocorísticos, algumas marcas de oralidade e o internetês. Todos esses elementos comprovaram a tentativa de atenuação da hierarquia e do poder inerentes ao editorial, marcada especialmente pela nomeação da própria revista como “Atrê”. Verificamos o estabelecimento de contato frequente, com as demandas como “até a próxima”, “até a próxima edição”. Ademais, confirmamos também a busca pela aproximação das leitoras, tanto nas despedidas com “beijos”, quanto no uso de um linguajar *teen*.

Sobre o internetês, a revista se mostra atualizada ao universo virtual fortemente presente nas vidas das adolescentes da contemporaneidade. O uso de redes sociais e a facilidade de acesso à internet trazem novas formas de comunicação e o mundo impresso parece sentir a necessidade de acompanhá-las. Essa afirmação pode ser comprovada pela nomeação dos editoriais “Blog da redação” que faz uma ponte direta com essas novas tecnologias digitais.

Sobre os elementos não-verbais, sabemos que as crianças e jovens considerados “nativos digitais” são cada vez mais atraídos pelo visual dos textos. Sendo assim, constatamos que o emprego de cores, figuras, diagramação e elementos tipográficos reforçam e atuam paralelamente aos elementos verbais na construção de sentidos dos textos, mas de modo especial, atuam como elementos de atração aos olhos dessas novas leitoras.

Por nossas análises, é possível afirmar que as marcas linguísticas interpessoais nos editoriais analisados são marcas da informalidade inerentes à proposta da *Atrevida*, uma revista adolescente feminina que visa, além de persuadir e argumentar sobre um ponto de vista, fidelizar essas leitoras e torná-las suas “amigas”.

Na observação dos elementos formais constituintes do editorial, nossas investigações nos permitem afirmar que a *Atrevida* se distancia dos padrões de jornais e de algumas revistas mais tradicionais. Sobre a localização, os editoriais preservam a característica comum de estar entre as primeiras páginas da revista, mas sobre a nomeação, como já mencionado, inova ao estabelecer uma relação que traz o *online* (virtual) para o *offline* (impresso), e, por fim, sobre a autoria, o editorial assinado, adiciona um meio de contato pessoal e direto com a editorialista, além de acrescentar uma fotografia de Ana Paula Burger, características incomuns ao padrão do gênero.

Reconhecendo, assim, que o gênero editorial da revista *Atrevida* se distancia, significativamente, do editorial dito padrão, objetivamos investigar também **como se caracteriza, do ponto de vista estrutural, o gênero editorial na revista.**

Com base na investigação dos estágios que compõem a estrutura esquemática do gênero dentro de um contexto específico de produção, na *Atrevida*, as etapas seguem os seguintes estágios (i) título; (ii) apresentação do tema; (iii) desenvolvimento do tema; (iv) apresentação dos conteúdos da edição; (v) fechamento do tema com demanda de contato; (vi) saudação final/despida; (vii) identificação da autoria com assinatura; (viii) informação de contato/*email* direto da editorialista e (ix) fotografia. Portanto, verificamos uma certa regularidade nos estágios de construção desses textos, considerando que apenas o editorial 272 não apresentou um dos estágios.

Considerando os pressupostos da LSF, que afirmam ser a linguagem um sistema de escolhas disponível aos usuários que por meio da qual constituem gêneros, construindo-os a partir de seu contexto cultural e específico, com a finalidade de atingir seus propósitos comunicativos (EGGINS, 2002). As marcas de afetividade, contato e autoria demonstram a subjetividade da editorialista, por meio de escolhas conscientes no

texto do editorial da revista, a fim de quebrar com os padrões preestabelecidos pelos manuais jornalísticos para conseguir de modo mais efetivo alcançar seu público-alvo.

Os resultados encontrados nos permitem afirmar que atingimos nossos objetivos estabelecidos, contudo sabemos que não esgotamos todas as possibilidades de análise, tampouco conseguimos evitar lacunas. Sabemos que existem limitações, tais como o número de editoriais analisados, pois trabalhamos apenas com seis editoriais da revista escolhida. Também não estabelecemos de modo mais amplo comparações com outras revistas do mesmo segmento para elaborarmos parâmetros. Sobre os aspectos linguísticos, embora tenhamos constatado o uso de modais e processos, por questões metodológicas e por estabelecermos um recorte do *corpus* a ser estudado, movimentos naturais ao fazer científico, elegemos somente os pronomes pessoais explícitos, não considerando os elípticos, as despedidas, o emprego de internetês, dos hipocorísticos, algumas marcas de oralidade na escrita e gírias como marcas linguísticas interpessoais. Todavia, acreditamos que os elementos não abordados neste trabalho poderão ser explorados em estudos futuros como por exemplo um estudo comparativo e mais amplo sobre o grau de afetividade das expressões de despedidas em editoriais, uma análise mais completa do emprego dos pronomes pessoais considerando as elipses, um estudo que englobe o uso dos modais e analise os processos em editoriais de revistas adolescentes ou mesmo um estudo focado no ensino de língua portuguesa por meio de editoriais juvenis que abordam temas de interesse dos adolescentes, dentre outras possibilidades de análise em pesquisas com editoriais.

Por fim, podemos afirmar que as análises aqui empreendidas, apesar das limitações, podem fomentar estudos futuros e novas pesquisa, além de fornecer subsídios para estudos em língua portuguesa sobre os aspectos interpessoais da linguagem no meio jornalístico, bem como sobre os estudos em gêneros do discurso.

REFERÊNCIAS

- ALBERTS-FRANCO, C. *Linguística de corpus e terminologia bilíngue: o programa AntConc e a extração de termos em alemão*. *The ESpecialist*, vol. 36, n. 2, p.182-202, 2015.
- ALMEIDA, D. B. L. Do texto às imagens: novas fronteiras do letramento a partir de uma perspectiva Sócio-Semiótica Visual. In: *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. Editora Contexto. 2008.
- AQUINO, L. D. *Mecanismos de construção de sentidos no gênero editorial: aspectos verbais e visuais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros.
- AQUINO, L. D.; SOUZA, M. M. O estudo de mecanismos verbais de interação na Língua Portuguesa: contribuições Sistêmico-Funcionais. *Revista Gláuks*, v. 11, n. 1 p. 93-123, 2011.
- ATREVIDA. Mídia Kit Escala. Disponível em: <<http://midiakit.escala.com.br/atrevida>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2011.
- BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. *Dicionário de comunicação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37a. ed. rev., ampl. e atual conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERBER SARDINHA, A. P. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BISOGNIN, T. R. *Sem medo do internetês*. Porto Alegre: AGE, 2009.
- BRAGA, D. B. (Org.). *Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas. In: CASTILHO, A.T. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1989.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 37a. ed. São Paulo: Nacional, 1994.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DÖRNYEI, Z. *Research methods in applied linguistics*. New York: Oxford University, 2007.

EGGINS, S. *Indroducción a la lingüística sistémica*. Alcántara, Logroño: Universidad de La Roja, Servicio de Publicaciones, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico- funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. *Manual de lingüística sistémico funcional: el enfoque de M. A. K Halliday y R. Hasan: aplicaciones a la lengua española*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2005.

GONZALEZ, Z. *Linguística de corpus na análise do internetês*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico- funcional. *Matraga*: Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na Ciência Política: desafios interdisciplinares. *Revista Debates*, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, jul.-dez. 2007.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. New York: Oxford University press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2014.

IKEDA, S. N.; VIAN JR., O. A análise do discurso pela perspectiva sistêmico- funcional. In: LEFFA, V. J. (Org.). *Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006, p. 31- 48.

KAMURA, W. A.; MAZZON, J. A. *Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil*. São Paulo: Blucher, 2013.

KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, v.9, n.3, p.621-643, set./dez. 2009.

KOMESU, F.; TENANI, L. *O internetês na escola*. São Paulo: Cortez, 2015.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal the modes and media of contemporary communicaton discourse*. London: Edward Arnald, 2001.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. New York: Routledge, 2006.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*; tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA-LOPES, R. E. Explorando o significado tipográfico em gêneros escritos: potencialidades e regularidades. In: LIMA-LOPES, R. E.; FISCHER, C. R.; GAZOTTI-VALLIM, M. A. (Orgs.). *Perspectivas em línguas para fins específicos*: Festschrift para Rosinda Ramos. Campinas: Pontes, 2015, p. 103-140.

LIMA-NETO, V. Da emergência de um gênero na mídia digital: uma análise multimodal do scrap comodificado. *Linguagem em foco* Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, v. 3, n. 5, 2011.

LUPTON, E. *Pensar com tipos*. Tradução de André Stolarski. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, SL, 2018.

MAGALHÃES, C.; NOVODVORSKI, A. A semiótica visual e a questão da identidade racial: uma leitura sistêmico-funcional em duas capas de literatura infanto-juvenil brasileira. In: FERNÁNDEZ, M. D.; GHIO, E. *El discurso en español y portugués: estudios desde una perspectiva sistêmico-funcional*. 1era. ed. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2010. p. 287-310.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1989.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTIN, J. R. *English text – systems and structure*. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTINS, M. A diversidade lexical na escrita de textos escolares. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v.13, n.1, p.1068- 1082, jan./mar.2016.

MENDES, E. A. M. Você, o senhor ou o quê? *Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 1, n. 1, p.135-150, 1998.

MORAES, L. S. B. *Rituais de abertura e fechamento de conversação: cumprimentos e despedidas em PLM, com aplicabilidade em PLE*. 2000. Dissertação (Mestrado em

Estudos da Linguagem). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de estrutura potencial do gênero de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos de português*. 2a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

OLIVEIRA, C. S. *As adolescentes negras no discurso da Revista Atrevida*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PASCHOARELLI, L. C.; MEDOLA, F. O.; BONFIM, G. H. C. Característica qualitativas, quantitativas e quali-quantitativas de abordagens ergonômicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. *Revista de Design, Tecnologia e Sociedade*, v. 2, p. 65 -78, 2015.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Orgs). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

POYNTON, C. *Language and gender: making the difference*. Geelong, Vic: Deakin University Press, 1985.

PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (Org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.

QUEIROZ, R. N. “*Eu pensei que ia sair daqui falando inglês*”: um estudo sistêmico-funcional sobre papéis atribuídos por alunos de um curso de Letras/Inglês. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Departamento de Estudos da Linguagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T.G. *Linguística da internet*. Editora Contexto: São Paulo, 2015.

RIBEIRO, D. S. S. “*A gente*” como pronome pessoal: teoria, prática e proposta pedagógica. Especialização (Trabalho de conclusão de especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

RIBEIRO, P. C. P. O adolescente e os consumos. *Revista Adolescência Saúde*. v. 2, n. 3, p. 21-24, setembro, 2005.

ROJO, R. Letramento(s): práticas de letramento em diferentes contextos. In: *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, G. T. *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 2º. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, A. C. B. *Os editoriais de jornal: uma abordagem discursiva*. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, J. P. *Revista Atrevida: Estratégias de influência do consumo na seção “Cabe na Mesada”*. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, N. L. *Enquetes do “Controle de Qualidade” do CQC: uma análise multimodal*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, H. T. *Uma abordagem otimalista da hipocorização com padrão de cópia à esquerda*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SOUZA, M. M. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. 2006. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, M. M. A autoria em editoriais jornalísticos: uma abordagem sistêmico-funcional. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, 2007, online. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/95pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003. p.93-116.

VALADARES, F. B. Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. *Revista Eletrônica de Linguística*. Volume 5, - nº 1, 2011.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London & New York: Routledge, 2005.

VIAN JR. O. A análise textual pela perspectiva sistêmico-funcional de Halliday. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V. (Orgs). *Anais do encontro Internacional Texto e Cultura*, em CD. Fortaleza: Edições UFC, 2009a.

_____. Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC. v. 9, n. 2, p. 387-410, mai/ago. 2009b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/08.pdf> - Acesso em 10 jun 2018.

_____. Linguística Sistêmico-Funcional. In: GONÇALVES, A.V; GÓIS, M.L.S. *Ciências da Linguagem: O fazer científico*. Volume 2. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

VIAN JR., O.; LIMA-LOPES, R. E. de. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

VIEIRA, M. H. G. N. O gênero editorial: uma proposta de caracterização. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Departamento de Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

WEEDWOOD, B. A linguística do século XX. In: _____. *História concisa da linguística*. Trad. Marcos Bagno. 3. Ed. São Paulo: Parábola, 2004.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p.22-44, junho, 2007.

ANEXOS

Editoriais da Revista Atrevida

Editorial 268: Reinvente-se!

BLOG DA REDAÇÃO

REINVENTE-SE!

O ano passado não foi dos melhores e houve momentos em que você quis sentar e chorar, achando de verdade que nada, nada mesmo, daria certo na sua vida? Calma, girl! É supernormal se sentir assim de vez em quando, mas ficar só reclamando não adianta nada, né? Nesses momentos, o melhor mesmo a fazer é seguir o conselho da sua avó, chacoalhar a poeira e dar a volta por cima. E aí você me pergunta: como? Eu respondo: olhe ao seu redor e enxergue quanta coisa legal você tem – e eu não falo de coisas materiais, não. Estou falando daquilo que ninguém pode comprar: família, amigos, o amor do seu pet. Agora, se tem alguma coisa que não a está fazendo feliz, que tal mudar isso e fazer diferente a partir de agora? Aproveite que o ano está começando e reinvente-se, mude, transforme aquilo que não está tão bacana, corra atrás dos seus sonhos. Aqui nesta edição há várias histórias de uma galera que a gente admira super e que batalhou muito para realizar seus sonhos, tipo o Christian Figueiredo, a Bia Andrade, a Tacl Alcolea, a Mari Saad... Ou você acha que eles ficaram famosos do dia pra noite sem nada de esforço e trabalho duro? Que nada! Eles tiveram uma ideia que ninguém acreditava muito no começo, mas não desanimaram, batalharam e conseguiram! Que tal usar essas histórias de inspiração para fazer o mesmo? Afinal, como diz a Bia, nada é tão noivo como os nossos sonhos! Aproveite esta edição que foi feita pensando em você e até a próxima!

Beijos,

Ana Paula
ana.burger@escalea.com.br



SE JOGA NESTA EDIÇÃO:

GUIA DO VERÃO

Na estação mais amada – e quente! – do ano, o cuidado com o corpo deve ser redobrado! Preparamos uma matéria superespecial com várias dicas importantes para você curtir muito as férias de verão sem pagar mico!

Previsões do seu signo

Quer saber o que os astros reservam pra você nos próximos meses? Então corre para a página 36 pra descobrir tudinho! Spoiler astrológico: esse vai ser o melhor ano da sua vida!





PÔSTERES LINDOS!!!

Que tal aproveitar as férias e renovar a parede do seu quarto com pôsteres novinhas – e lindas? Aqui tem 10 megapôsteres dos seus artistas favoritos! Invacrá, hein?

BLOG DA REDAÇÃO



SCHOOL IS BACK!

Tem coisa mais gostosa do que cheirinho de material escolar novo? Quando eu tinha a sua idade, esta era minha época preferida do ano: a volta às aulas! Eu sempre fui a CDF da sala e sempre gostei de estudar. Nunca foi difícil ter que ler os livros obrigatórios, fazer as tarefas, passar as tardes estudando... E eu adorava esta época em que a mochila ficava cheia de material novo, cadernos lindos e canetas coloridas – e ansiedade pelo novo ano, por rever as BFFs, pra conhecer novos amigos (e pra descobrir os novos crushes também, óbvio!). Se você também é dessas, vai adorar esta edição: preparamos uma matéria superespecial com tudo o que você precisa para se preparar e arrasar no ano letivo! Tem dicas para se adaptar de novo à rotina, truques espertos para organizar seu tempo de estudo e maneiras de se livrar de vez de qualquer problema que possa haver no colégio. Ah, claro, ainda separamos os materiais escolares mais lindos do mundo pra você se inspirar na hora de montar o seu kit escolar. Também convidamos a Larissa Manoela (é a estrela dela aqui na Atrê! Oba!) pra contar como é a Lari da escola. Já imaginou se sentar ao lado dela na classe? Demais, né? E tem muito mais nesta edição: convidamos o Gusta para falar sobre o novo filme dele e seus próximos projetos (prepara que tem muita coisa boa por aí, viu?!), o gabarito Bruno Guedes falando sobre seu personagem em *Malhção* e o namoro com a Jade Seba, história de garotas que optaram por profissões diferentes, dicas de make pra curtir o carnaval com a Joyce Kilamura e muitooo mais! Preparada? Então vem!

Beijos e até a próxima,

Ana Paula
ana.burgen@escola.com.br



MOTIVOS PARA AMAR ESTA EDIÇÃO:



1) 15 minutos com Sofia Oliveira

A fofa recebeu duas leitoras da Atrê para um bate-papo incrível! Quer saber como foi? Corre na página 16!



2) Como usar top metálico

Se liga nos looks lindos da página 44 – e que cabem na mesada! – com cropped top metálico e arrase!



3) Meu signo

Quer saber o que os astros reservam pra você? Corre na página 110 pra ler as previsões da @PoemaQuerubin.

Editorial 270: Seu futuro é melhor do que você imagina!

BLOG DA REDAÇÃO

SEU FUTURO
É MELHOR DO
QUE VOCÊ IMAGINA!

Adorei o título da matéria de comportamento deste mês! Ela fala, basicamente, de uma das coisas que mais nos afligem – principalmente quando não sabemos o que vem pela frente: a ansiedade. Sentir ansiedade antes do primeiro dia de aula, do encontro com o boy ou até daquele aguardado show do idolo é supernormal. O que não pode acontecer é esse sentimento se transformar em angústia e a deixar triste. A ansiedade boa é aquela que vem acompanhada de borboletas no estômago, você fica animada, mesmo que um pouco tensa. Já a ansiedade que faz mal é aquela sensação de coração apertado acompanhada de um medo congelante de tudo dar errado.

E se der errado, eu te pergunto: e daí? Quando a gente é mais jovem (olha o papo de tia chegando aqui!) costuma ter mais medo de errar, de falhar, do insucesso. Mas com o tempo – e errando muito também – a gente vai entendendo que dar errado, às vezes, é a melhor coisa que pode acontecer. É com os erros que a gente aprende. E é aprendendo a transformar esses erros em lições para o futuro que vamos melhorando, aprimorando e crescendo.

Esta edição da *Atrê* está cheia de histórias de gente que tirou a ansiedade de letra, assumiu riscos e foi em busca do que queria, sem medo de ser feliz: Camila Cabello e Nathan Barone, por exemplo, tomaram coragem para deixar suas bandas e seguir carreira solo porque acreditam nos seus sonhos e no seu potencial. A gente não tem dúvidas de que o futuro deles é melhor do que eles imaginam – o o seu também!

Então corre ler a matéria da página 22 (e toda a revista também!) e depois conta pra gente o que achou!

Beijos e até a próxima!

Ana Paula
ana.burger@escala.com.br



JÁ VIU?

Tem vídeo do Nathan Barone no nosso YouTube contando qual é a música preferida dele para cada situação (até na hora do date!).

Assiste lá no nosso canal: *Revista Atrêvida Oficial*.



Justin Bieber vem aí! E para fazer um esquento do acontecimento mais aguardado do ano, vai ter *Semana Especial JB* lá no site da *Atrê*. Corre ver: www.atrevida.com.br

WE LOVE SELENA!

E se você também ama a diva, saiba que tem megapôster dela nas bancas de todo o Brasil! Você não vai perder essa, né?



Você pode assinar a *Atrê* e receber a revista todos os meses na sua casa. Gostou da ideia? Então corre, porque tá tendo promoção lá no site: promocao.ihorica.com.br/atrevida

Editorial 271: Precisamos falar sobre depressão

BLOG DA REDAÇÃO

PRECISAMOS FALAR SOBRE DEPRESSÃO

Somos muito cobradas, o tempo todo. Tem que ir à aula todo dia, estudar, ir bem nas provas, passar no vestibular, escolher uma profissão, entrar numa boa faculdade, cuidar da saúde, sair com os amigos e com a família, entre muitas outras coisas. Isso gera angústia e ansiedade. Não é à toa que a depressão é a doença que mais cresce no planeta: segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 300 milhões de pessoas de todas as idades sofrem com a doença no mundo todo! E, desse total, 20% são adolescentes.

A depressão é um distúrbio que afeta nosso cérebro e tira da gente a capacidade de ser feliz. Ela aparece por diversos motivos: psicológicos, emocionais e sociais. E o pior é que muita gente trata isso como se fosse apenas uma simples tristeza. Não é. Depressão é doença e pode até, em estados mais avançados, levar a atitudes extremas, como a automutilação e o suicídio. Mas a parte boa é que, com tratamento adequado e acompanhamento médico, ela pode ser vencida!

Quem aqui não lembra que Demi Lovato, por causa da depressão, se automutilava? Não é por acaso que ela tem o "Stay Strong" (fique forte) tatuado nos pulsos – ela deu a volta por cima e hoje vive feliz e divando por aí! Vale ler a matéria lá na página 36 e ficar ligada nos sintomas que podem, muitas vezes, passar despercebidos – vai que você, uma amiga ou alguém da sua família está passando por isso e não sabe? Toda ajuda e apoio é fundamental!

Boa leitura e até a próxima!

Ana Paula
ana.burger@escala.com.br

★ QUEM VOCÊ VAI ENCONTRAR NESTA EDIÇÃO... ★



BLOG DA REDAÇÃO

A NOSSA PARTE

Você já parou pra pensar em como as suas palavras e atitudes afetam as pessoas ao seu redor? Para o bem ou para o mal, a verdade é que nunca se falou tanto em responsabilidade emocional desde que ouvimos as fitas gravadas por Hannah Baker em *Os 13 Porquês*, livro que virou série pela Netflix. Não sabe do que eu estou falando? Dou um resumo: Hannah é uma adolescente de 17 anos que revela em 13 gravações os motivos que a levaram a cometer suicídio. E ela deixa essas gravações endereçadas às pessoas que causaram esses motivos. Ou que ela acha que sim. Mexeu com você? Mexeu comigo também. Muito mais do que a história trágica da garota e todos os seus dilemas pessoais, o que essa série mais me causou foi uma estranha tensão: Será que eu já fui um dos motivos para alguém? Não me entenda mal: já fui muito zoada (na minha época, bullying era tido apenas como zoeira). Por ser nerd, por ser feia, por ser magra, por ser baixinha, por não ser rica nem nunca ter ido à Disney, por não ter um festão de 15 anos, por fazer teatro, por ser fã de *Sandy & Junior*... Até que eu aprendi a me defender. Como? Retribuindo a "zoeira" da forma como eu conseguia. E daí que essa história me pegou. Porque às vezes a gente nem percebe que está magoando alguém. Ou o faz sem intenção. Ou sem saber. Daí entra a questão da responsabilidade emocional, de se colocar no lugar do outro, de saber ouvir, de não julgar o, principalmente, de respeitar quem está à nossa frente. Por isso, a partir de agora, prometo ser bem mais responsável com os sentimentos dos outros – e com os meus também! E você, vem comigo nessa?

Um beijo,

Ana Paula
ana.burger@escala.com.br



QUEM TÁ POR AQUI:



Nah e Lari

Faz tempo que queríamos juntar essas duas queridas em uma capa incrível! E, olha só, conseguimos! Matéria e fotos lindas estão na página 76.



Ed Sheeran

O ruivinho faz sua estreia na capa da *Atrê*, com direito a matéria superespecial na página 18. Tá mara!



Tove Lo

Levamos uma Superatrê para entrevistar a gata antes dela se apresentar no Lollapalooza. Quer saber como foi? Vê lá na página 84.

Chay Suede

Nosso eterno Tomás contou pra gente sobre o Joaquim, seu novo personagem, e muitas outras coisas! Tudo na página 40.



Girl Power

A nova temporada de *Malhação* traz cinco garotas como protagonistas. Conheça todo esse #girlpower na matéria da página 26!

Editorial 273: Vai dar certo (menos quando der errado)!

BLOG DA REDAÇÃO

VAI DAR CERTO (MENOS QUANDO DER ERRADO)!

Sabe aquele dia em que você acorda atrasada, tromba com o armário, bate o dedinho do pé na quina da parede, não consegue dar jeito no cabelo e nenhum look agrada? Todo mundo tem um dia desses, acredite. Quando tudo está meio torto, é difícil acreditar nisso que eu vou dizer agora, mas, lá vai: vai dar certo! No fim, tudo dá certo. As coisas se ajustam, se encaixam, viram passado, dão certo. E se não dão, tudo bem também.

Dar errado faz parte da vida, ué. E quando a gente erra, pode ter certeza, também aprende. Ninguém precisa ser a melhor em tudo que faz. O truque real é se dedicar àquilo que faz a gente feliz. É impossível acertar sempre, mas cabe a nós escolher se vamos enxergar o lado bom ou o ruim do que aconteceu. Esta edição da Atrê está recheada de exemplos assim. Pra começar, Sel Gomez. A gata está toda sorridente com o novo amor, a nova fase da sua vida e, principalmente, de boa com quem ela é. Ela deixou todas as crises de saúde e de amor (alô, JBI dos últimos anos para trás e agora sorri sem medo dos haters. Diva, né?

E nem precisa ser famosa pra arrasar no otimismo. Reunimos na página 28 vários motivos que provam as vantagens (e a melhor parte) de ser adolescente. Depois de ler cada uma delas, que tal fazer a sua própria listinha com as coisas que a fazem mais felizes? Garanto que, no fim, você também vai soltar um: vai dar certo!

Beijos e até a próxima edição.

Ana Paula
ana.burger@escala.com.br



5 COISAS PARA FAZER QUANDO SE SENTIR PRA BAIXO

1

ASSISTA AO SEU FILME FAVORITO
DE TODOS OS TEMPOS

Com direito a pijama e pipoca!
Bônus: vale dizer as falas com os personagens.



2

LIP SYNC COM SUA
MÚSICA PREFERIDA

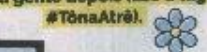
Cante a plenos pulmões
- só que em silêncio
mesmo.
Bônus: arrase nas
caras e bocas.



3

RENOVE SUA
PAREDE DE PÔSTERES

Nesta edição tem vários
pôsteres maravilhosos pra você.
Bônus: mostre sua parede
pra gente depois (use a tag
#TônaAtrê).



4

TESTES E MAIS
TESTES

Refaça todos os
testes das suas
Atrês antigas.
Bônus: nesta edição
tem teste de PLL
(O-M-G!)

5

SE NADA DISSO
AJUDAR, CHORE!

Coloque tudo o que está sentindo pra fora.
Bônus: amanhã você estará
pronta pra outra!